

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JANE FERREIRA SENRA E SILVA

**A IDENTIDADE TRADICIONAL MATO-GROSSENSE EXPRESSA NO
SIRIRI CURURU E SÃO GONÇALO: UMA INTERSUBJETIVIDADE
CULTURAL E SEU DEVIR**

Cáceres-MT

2012

JANE FERREIRA SENRA E SILVA

**A IDENTIDADE TRADICIONAL MATO-GROSSENSE EXPRESSA NO
SIRIRI CURURU E SÃO GONÇALO: UMA INTERSUBJETIVIDADE
CULTURAL E SEU DEVIR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da professora Dra. Cecília de Campos França.

Cáceres-MT

2012

© by Jane Ferreira Senra e Silva, 2012.

Senra e Silva, Jane Ferreira.

A Identidade tradicional mato-grossense expressa no Siriri Cururu e São Gonçalo: uma intersubjetividade cultural e seu devir / Jane Ferreira Senra e Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2012.

123 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

Orientadora: Cecília de Campos França.

1. Educação e diversidade. 2. Cultura mato-grossense. 3. Símbolos religiosos. 4. Fé.
5. Festas religiosas. I. Título.

CDU: 37.013.43(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNEMAT

JANE FERREIRA SENRA E SILVA

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. LUIZ AUGUSTO PASSOS (EXAMINADOR EXTERNO – UFMT)

PROF^a. DR^a. BELENI SALETE GRANDO (EXAMINADORA INTERNA UNEMAT)

PROF^a. DR^a. CECILIA DE CAMPOS FRANÇA (EXAMINADORA UNEMAT)

27 de fevereiro de 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a deus que mesmo diante das dificuldades me manteve de pé e lutando, certamente esse não é um mérito meu.

À minha orientadora Cecília de Campos França, que agradeço imensamente por acreditar em mim, e nesses dois anos me deu o prazer da convivência, mantendo uma relação de amizade que mudou minha vida.

Minha família: esposo, filhos, pais e irmãos, pessoas que foram companheiras na caminhada, me dando suporte para viver os momentos difíceis, mas de grande crescimento pessoal. Sem essa base não seria possível viver o crescimento profissional que o Mestrado me proporcionou

Ao professor Passos, que na banca de qualificação nos deu contribuições preciosas, mostrando o verdadeiro sentido de ser educador, brindando-nos com lições de respeito e sensibilidade.

À banca avaliadora, especialmente a professora Beleni, que contribuiu significativamente para melhoria do meu trabalho.

Aos senhores e senhoras participantes da Festa de Santa Cruz, que me acolheram e forneceram informações valiosas para a realização da dissertação e para a minha vida.

À professora Emília Darcy, que me mostrou o perfil da primeira professora que as pessoas costumam guardar na memória. Minha primeira professora na graduação.

Aos amigos do Mestrado, que compartilharam comigo solidariedade e amizade, especialmente, Sandra, Diva, Jocaf e André.

RESUMO

Este estudo inscreve-se na linha de pesquisa Educação e Diversidade da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT e teve como objetivo compreender como o Cururu, Siriri e São Gonçalo, elementos da festa de Santa Cruz se articulam. Nesse estudo adentramos no universo da festa pesquisando os hábitos, os símbolos, o ritual e outros fatos concretos que nos foram apresentados no decorrer da pesquisa. Para desenvolver esse trabalho e contemplar os objetivos, usamos como instrumentos de pesquisa a análise documental, observações e entrevistas. Os registros dos dados coletados foram feitos através de caderno de campo, fotografias e transcrição das entrevistas. Os sujeitos da pesquisa são alguns moradores do município de Barra do Bugres que participaram da festa de Santa Cruz no ano de 2011. Com as análises documentais foi possível conhecer a organização social do município bem como da festa pesquisada. Com as entrevistas e caderno de campo conhecemos os hábitos e o ritual da festa, as fotografias registraram com imagens nossas observações. O estudo em questão centrou suas análises nas transformações ocorridas na festa de Santa Cruz nas últimas décadas e nos aspectos que permanecem sem muitas alterações. Para isso, usamos o conceito de cultura de Geertz (2008). No bojo das análises aparece a identidade cultural dos festeiros relacionadas aos símbolos da fé como a cruz, a bandeira, os santos e outros. O estudo dessa manifestação cultural nos possibilitou reconhecer a fé do povo como resposta para seus sofrimentos e tribulações, bem como os sacrifícios e as alegrias vivenciadas pelos festeiros durante um período de 3 a 4 meses (tempo de preparação da festa). Os resultados mostraram mudanças na cultura da festa de Santa Cruz que são os emaranhados das teias de relações e significados citadas por Geertz, porém a religiosidade presente nos símbolos e na festa permanece. Portanto, podemos dizer que a estratégia usada pelos fazedores da festa para manter sua cultura foi dividir os ritos em vários momentos, sendo que alguns foram quase intocados, e outros foram muito alterados em sua superficialidade, mas a essência se mantém.

Palavras-chave: Educação; Festa; Símbolos Religiosos.

ABSTRACT

This study is part of the line of research Education and Diversity of the University of the State of Mato Grosso - UNEMAT and aimed in understand how the Cururu, Siriri and São Gonçalo, elements of the Santa Cruz party are articulated. In this study we have entered the universe of the party by researching the habits, the symbols, the ritual and other concrete facts that were presented in the course of the research. To develop this work and contemplate the objectives, we use as research instruments of analysis documentary, comments and interviews. The records of the data collected were made through a field book, photos, and transcription of the interviews. The research subjects are some inhabitants of the municipality of Barra do Bugres who participated of Santa Cruz party in 2011. With the documentary analysis was possible to know the social organization of the municipality as well as the party researched. With the interviews and a field book we know the habits and the ritual of the party, the photographs recorded images with our comments. The study in question has focused their analyzes in the changes that occurred in the Santa Cruz party in recent decades and in the aspects that remain without too many changes. For this reason, we use the concept of culture of Geertz (2008). In the bulge of analyzes displays: cultural identity of wild partiers related to symbols of faith such as the cross, the flag, and the saints and other. The study of this cultural manifestation allowed us to identify the faith of the people as a response to their suffering and tribulations, as well as the sacrifices and the joys experienced by wild partiers for a period of 3 to 4 months (time of preparation of the party). The results showed changes in the culture of the Santa Cruz party are the tangled webs of relationships and meanings cited by Geertz, but religiosity present in this symbols and party remains. Therefore, we can say that the strategy used by filmmakers of the party to maintain their culture was divided the rites at various moments and some were almost untouched, and others have been much altered in its superficiality, but the essence remains.

Keywords: Education; Party; Religious Symbols.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I FUNDAMENTOS TEÓRICOS	12
CAPÍTULO II CAMINHOS METODOLÓGICOS	26
CAPÍTULO III HISTÓRIA DE BARRA DO BUGRES	31
CAPÍTULO IV HISTÓRIA DA FESTA DE SANTA CRUZ	39
4.1 As festas que antecedem à Festa	61
CAPÍTULO V REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA	71
5.1 Análise dos Dados	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105
ANEXOS	108
Anexo I	109
Anexo II	110
Anexo III	111
Anexo IV	112
Anexo V	113
Anexo VI	114
Anexo VII	115
Anexo VIII	116
Anexo IX	117
Anexo X	118
Anexo XI	119
Anexo XII	120
Anexo XIII	121
Anexo XIV	122
Anexo XV	123

INTRODUÇÃO

Este trabalho, denominado “A identidade tradicional¹ mato-grossense expressa no Siriri, Cururu e São Gonçalo uma intersubjetividade cultural e seu devir”, tem como finalidade pesquisar a Festa de Santa Cruz realizada no mês de maio no município de Barra do Bugres, buscando compreender como os elementos da festa – Cururu, Siriri e São Gonçalo nela se articulam, e com isso entender a construção e a transformação da identidade cultural dos sujeitos que praticam o ritual festivo representado nesse contexto.

A pesquisa está situada cronologicamente no ano de 2011, iniciando as observações e registro em diário de campo a partir do dia 28 de março de 2011, prolongando-se até o dia 07 de maio do mesmo ano. Anteriormente às observações, foram feitas análises bibliográficas, com o intuito de selecionar os autores e conceitos que dariam suporte teórico para compreender as práticas e simbologias vivenciadas pelos homens, mulheres, jovens e crianças que praticaram a Festa de Santa Cruz do ano de 2011. A Festa de Santa Cruz realizada no ano de 2011 no município de Barra do Bugres-MT constituiu o nosso objeto de pesquisa.

Após as observações que se deram no tempo que antecede a festa e na festa propriamente dita, iniciamos um período de entrevistas com alguns festeiros. Num contato prévio com pessoas do município, foi feito um breve levantamento das pessoas mais envolvidas com as festas de santo daquela localidade, e que se apresentaram dispostas a nos fornecer informações sobre a prática dessa cultura, suas histórias de vida e trajetórias vivenciadas nas festividades religiosas, pois tais informações seriam fundamentais para o desenvolvimento de nossos trabalhos. Ao transcrever as entrevistas dos depoentes, optamos por manter as narrativas, quando necessário usamos notas de rodapé para esclarecer palavras de difícil entendimento.

Também buscamos na Secretaria de Cultura daquele município dados documentais referentes à Festa de Santa Cruz. Embora a secretaria de cultura naquele momento não tivesse muitos arquivos que contemplassem nossa pesquisa, ainda assim foram encontrados relatos das memórias das pessoas que nos deram informações importantes para o desenvolvimento de nosso trabalho. Para a realização desta pesquisa, utilizamos, além de bibliografias e

¹Neste trabalho, o termo tradicional não é usado como algo ultrapassado e velho, mas numa perspectiva de constante aprendizado e apropriação da cultura (este conceito será abordado com mais consistência no capítulo denominado Fundamentos Teóricos).

documentos oficiais, as fontes orais fornecidas pela memória cultural expressa nas falas e narrativas da população tradicional que são participantes das festas de santo, pois muitos dos rituais permanecem “apenas” na memória dos antigos praticantes da festa.

As observações e registros foram feitos e interpretados buscando suporte teórico em alguns conceitos importantes para a compreensão dos sujeitos da pesquisa, todos moradores do município de Barra do Bugres que, na infância, vivenciaram a Festa de Santa Cruz com suas famílias e hoje são senhores e senhoras que praticam a festa.

Nesse sentido, nossa função foi a de registrar os hábitos e costumes presentes na memória dos festeiros. Portanto, a investigação centrou-se em análises e reflexões acerca dos relatos oral, individual e coletivo de um grupo constituído pelos moradores do Município da Barra do Bugres participantes da Festa de Santa Cruz, realizada tradicionalmente no município há mais de meio século. Embora não tenhamos encontrado registros do início da festa, deduzimos esse dado pela idade de um dos informantes, que nos relatou que seus pais e avós já realizavam a mesma. Também buscamos suporte nos documentos que tratam da ocupação de Barra do Bugres e da Festa de Santa Cruz.

Para compreendermos a cultura local de Barra do Bugres e as transformações ocorridas ao longo do tempo, buscamos retomar a historicidade daquele município dando enfoque ao processo de ocupação daquela localidade e às práticas culturais manifestadas nas festividades religiosas vividas pelos moradores de Barra do Bugres que praticam a Festa de Santa Cruz.

A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo etnográfico. Utilizamos algumas técnicas de pesquisa como: observações, registros em diário de campo, fotografias, entrevistas aberta e semiestruturadas e pesquisa documental. As fotografias e o diário de campo registraram nossas observações. As entrevistas foram de natureza aberta e semiestruturada, pois essa forma de entrevista tem o objetivo de tomar a fala dos sujeitos envolvidos na pesquisa considerando a relevância delas, possibilitando a interação entre o entrevistador e o entrevistado, para conhecer, interpretar e compreender as crenças, signos e significados relacionados à festa pesquisada. A pesquisa documental nos possibilitou levantar dados para o resgate da historicidade da Festa de Santa Cruz bem como do município de Barra do Bugres

Para definirmos alguns conceitos, caminhamos por trilhas abertas por Geertz (2008) e Laraia (2009), com o conceito de cultura. Tanto Geertz como Laraia dão ênfase aos

significados e sentidos que constituem o conceito de cultura, isso nos ajudou a melhor contemplar nossos objetivos e a ampliar as possibilidades de análises.

Sendo nossa investigação pautada nas vivências dos sujeitos da pesquisa, vimos à necessidade de compreendermos o conceito de cotidiano. Assim, também recorreremos a Certeau (1996) que nos forneceu elementos fundamentais para compreendermos esse conceito. Também trabalhamos com o conceito de sujeito coletivo abordado por Sader (1988), que nos auxiliou na compreensão do posicionamento e cumplicidade entre os festeiros.

Nossa pesquisa aborda enfaticamente as tradições do ritual festivo das festas de santos, por isso fez-se necessário usarmos o *Dicionário de conceitos históricos*, de Silva e Silva (2005), para compreendermos o conceito de tradição.

Remetendo-nos à obra de Santilli (2005), *Socioambientalismo*, foi possível compreender o conceito de populações tradicionais, bens socioambientais e território. Esses e outros autores nos deram suporte teórico para referenciar nossa pesquisa e compreender que as pessoas que realizam a Festa de Santa Cruz podem ser compreendidas como inseridas em uma população tradicional que mora em Mato Grosso.

A seguir, apresentamos a estrutura desta Dissertação, que foi dividida em cinco capítulos, a saber:

No capítulo primeiro, denominado, Fundamentos Teóricos, apresentamos uma discussão sobre os conceitos-chave e os teóricos escolhidos que nortearam a pesquisa.

No capítulo segundo, trazemos: Caminhos Metodológicos por meio do qual apresentamos as perspectivas metodológicas que orientam e definem o desenvolvimento de nossa pesquisa.

No capítulo terceiro, apresentamos a História de Barra do Bugres, um breve histórico do município, com o intuito de conhecermos o processo histórico de ocupação daquele espaço geográfico, e contextualizar nosso objeto de pesquisa.

No quarto capítulo, com o título História da Festa de Santa Cruz, fazemos um resgate histórico da Festa estudada e da Igreja de Santa Cruz, conhecida simplesmente como igreja. Ainda neste quarto capítulo, apresentamos uma parte denominada As Festas que Antecedem à Festa, construída a partir das observações feitas junto aos sujeitos da pesquisa

durante os preparativos da Festa de Santa Cruz realizada no ano de 2011. As vivências são relatadas a partir dos primeiros momentos de preparação da festa até poucas horas antes da mesma. No tempo da investigação, que durou aproximadamente três meses, observamos que em cada casa que a bandeira entrava e em cada bairro que os festeiros chegavam uma nova festa se iniciava, pois a preparação de certa forma também é uma festa considerando a dedicação, esforço e alegria dos participantes.

No quinto capítulo, sob o título, *Reflexões Sobre as Transformações da Cultura*, examinamos algumas discussões acerca da influência da TV na construção da identidade cultural dos adolescentes e crianças que são filhos e netos dos festeiros de Santa Cruz. Com o comportamento religioso das pessoas envolvidas na Festa de Santa Cruz e com as relações estabelecidas entre elas e os símbolos que compõem a festa, desenvolvemos, ainda no quinto capítulo, o subitem denominado Análise dos Dados, onde apresentamos o resultado de nossas entrevistas e nossas análises.

Nas Considerações Finais, expomos nossas reflexões depois de termos vivenciado intensamente os preparativos e a festa propriamente dita à luz dos teóricos escolhidos para nos orientar neste trabalho.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Conforme exposto, este trabalho se calca em fontes orais, ou seja, relatos dos participantes das festividades religiosas de Barra do Bugres. Os relatos aqui inscritos têm caráter de narrações das práticas festivas de Santa Cruz, as lutas que fazem parte da vida das pessoas envolvidas, o que nos propiciou uma aproximação do cotidiano dos entrevistados nos levando a análises e reflexões da importância da cultura desse povo para nossos estudos. Porém, faz-se necessária a transparência como ponto central das questões éticas, ficando os entrevistados livres para participar ou não da pesquisa mediante autorização prévia. Os que se manifestaram favoráveis a participar preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme exigência de nossa postura ética.

Procurando entender o cotidiano das pessoas envolvidas na festa, nas relações que se estabelecem entre elas, na convivência diária, na organização e nos rituais festivos, também procuramos compreender o conceito da palavra cotidiano. Segundo o *Dicionário de Conceitos Históricos*, de Silva & Silva (2005, p.75), “É comum o cotidiano ser entendido como o dia a dia, como algo que envolve monotonia e repetição. Entretanto, cotidiano é mais do que o dia adia e, além disso, ele pode também ser o lugar de mudanças”. Para os estudiosos, no entanto, há pouco consenso nessa definição de cotidiano, basicamente calcada no senso comum.

Aproximadamente a partir da segunda década do século XX, os historiadores intensificaram os estudos sobre as renovações conceituais da história, possibilitando as pesquisas acerca do poder na esfera familiar, com isso o conceito de cotidiano se torna objeto de estudos dos historiadores. Segundo Silva & Silva (2005), com os estudos do cotidiano, “muitos personagens antes ocultos – porque não participavam diretamente dos aspectos da vida pública – passaram a ter suas vozes e gestos reconstituídos. Mulheres, prisioneiros, loucos, marginais e muitos outros “esquecidos” podiam enfim ter sua história contada” (SILVA & SILVA, 2005, p. 75). Nesse sentido, o conceito de cotidiano nos possibilita uma reflexão teórica sobre as vivências dos festeiros (as) de Santa Cruz que vivem no anonimato, e são preconceituados por pessoas que valorizam outras manifestações culturais que não as cuiabanas.

Para o nosso trabalho, utilizamos o conceito de Certeau (1994). Em *A Invenção de Cotidiano*, o autor nos ajuda a perceber que a partir do cotidiano imposto às pessoas, elas usam da criatividade e táticas para forjar resistências que subvertem a autoridade dos que impõem regras com o intuito de dominação. Dessa forma, as pequenas atitudes vistas como rotineiras podem também ser meios de resistência às imposições autoritárias. Nas palavras do autor:

Cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nessa ou noutra condição, com essa fadiga, com esse desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados (CERTEAU, 1994 p. 31).

Assim, o cotidiano é mais que repetição diária de funções exercidas por pessoas que se comportam uniformemente, pode ser uma forma de resistência que os indivíduos encontram ou criam brechas silenciosas para driblar a disciplina e a opressão. As relações que envolvem o cotidiano das pessoas podem significar mais que simples repetição de hábitos, podem significar práticas de resistência aos padrões impostos e à autoridade exercida sobre os cidadãos.

As festividades religiosas se mantêm vivas resistindo ao tempo, permanecendo através dos rituais que compõem a organização cotidiana dos fazedores da festa que criam e recriam costumes. Nesse sentido, a análise do cotidiano permeará este estudo, pois nos valem dos hábitos para compreender as marcas que se expressam em forma de organização, para isso tivemos que reaprender a olhar os acontecimentos para perceber além das aparências, e assim analisar os fatos de significado tácito.

Para compreendermos a tradição da Festa de Santa Cruz, fez-se necessário entendermos que o tradicional vai além de simples repetição e hábitos observados e mantidos ao longo dos tempos, mas diz respeito aos conhecimentos adquiridos com os antepassados e utilizados na construção das identidades vividas atualmente. Numa visão clássica do tradicional, acreditava-se que, com o avanço tecnológico, que abriu espaços para uma rotina cada vez mais individualizada e técnica, os hábitos tradicionais teriam enfraquecido. Todavia, a tradição não é estática, ficando localizada no passado, mas são costumes que se transformam, adaptando-se às novas realidades e, em meio a essas, demarcam identidades e pertencimento.

Nas sociedades, existe uma forte inclinação para aceitar o tradicional apenas como o que refere à antiguidade, atrasado e algo da classe popular, o tradicional sobre o qual tratamos nesta pesquisa não se refere ao que ficou no passado como algo estático, mas trata-se de costumes tradicionais que se transformam.

O conceito de tradição que usamos refere-se àquilo que é trazido ao longo das histórias de vida das pessoas, portanto relaciona-se com a construção da identidade cultural dos grupos sociais, mesmo com as transformações comuns a todos os rituais, o tradicional é vivo e atuante. Logo, estabelece continuidade, é moderno. O tradicional, assim como tudo que se relaciona aos hábitos e costumes de seres humanos, está em constante mudança não tendo um caráter fixo. Sendo assim, todas as sociedades, modernas ou não, tem no tradicional uma forma eficaz de não se dissolverem, e fazem isso vivendo as mudanças dos costumes, conhecimentos e práticas tradicionais. Segundo Silva & Silva, “o sentido de tradicional se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas artes, nos fazeres que são heranças do passado”(SILVA & SILVA, 2005, p. 405).

Para examinar a ritualização da cultura, precisamos ter um entendimento do conceito de ritual. Isso nos ajuda a nos aproximarmos dos hábitos ritualísticos da festa de Santa Cruz que, nesta pesquisa, foram colocados como veículo de representação da cultura tradicional do município de Barra do Bugres. Canclini (2006) diz que os ritos encenam o desejo de repetição e perpetuação da ordem, o que faz da repetição ritualística algo necessário para os que a vivenciam. “O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As vivências² e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo” (CANCLINI, 2006, p.162).

A repetição das ações relacionadas à cultura tem significados que em alguns casos são tácitos. Nesses casos, a análise dos ritos se torna fundamental para a compreensão dos significados. Segundo Terrin (2004), “Os ritos assim como os mitos se dão como forma de ordenar e harmonizar o caos estabelecido nas manifestações e no mundo”. O ritual segue uma sequência de acontecimentos estabelecendo uma ordem. Na sociedade, os ritos aparecem em várias ocasiões como um momento sublime para os que os vivenciam, podemos citar o casamento, batismo, aniversário, também há o ritual da morte como um tempo de sofrimento intenso e tem uma ritualidade que dura algum tempo depois da morte com a missa de sétimo

² (Canclini,2006) usa o termo práticas, porém entendemos ser mais adequado o termo vivências.

dia e o luto, indicando a dor pela perda do ente querido. A missa, as benzeduras são exemplos de ritos que iniciam com o sinal da cruz, gesto tradicionalmente conhecido na doutrina católica, o qual se faz com as mãos o traçado da cruz no corpo ou no ar. O ritual expresso no sinal da cruz revela o mistério da santíssima trindade, dogma da igreja católica que indica Pai, Filho e Espírito Santo.

Os ritos de sacrifícios com oferta de animais foram muito exemplificados nos textos bíblicos. Um dos mais conhecidos está no livro de Gênese, o sacrifício de Isaac. Na narrativa, Deus pede a Abraão que faça um holocausto em sacrifício e adoração a Ele, mas para o ritual Abraão usaria não um cordeiro, como de costume, mas seu único filho. Abraão obedeceu levando lenha e seu filho Isaac para o alto de um monte; no percurso Isaac pergunta: “meu pai, temos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a ovelha para o holocausto?” Abraão respondeu: “Deus mesmo providenciará” (GÊNESE, 22, 01-13).

Com isso, no momento do sacrifício do filho, Deus mostrou uma ovelha. Isso nos dá a dimensão do quanto o rito mais do que um acontecimento é um ato de fé, e como ato de fé ele é complexo, faz parte da formação humana, por isso pode nos revelar mais do sujeito do que aspectos contados por ele mesmo. O meio em que vivem as pessoas, os hábitos por elas cultivados e a organização da vida são também atos de fé e podem nos fornecer informações que nos possibilitam compreender como os participantes da festa alimentam o interesse em manter viva essa cultura.

Importante lembrar que a fé tem o poder de mobiliza as pessoas em direção à busca de respostas. Para melhor exemplificar a fé, vejamos Abbagnano (2007):

A fé é a crença religiosa, como confiança na palavra revelada. Sob esse ponto de vista a fé não é feita de certezas, mas de decisão e risco. A fé, diz Kierkegaard em *Temor e tremor*, é a certeza angustiante. O homem pode rogar a Deus que lhe conceda a fé, mas a possibilidade de rogar não é em si mesma um dom divino? Assim, há na fé uma inegável contradição, que a torna paradoxal. O homem é colocado num dilema: crer ou não crer. Por um lado, a ele cabe escolher, e por outro qualquer iniciativa é impossível, porque Deus é tudo, e dele deriva inclusive a fé (ABBAGNANO, 2007, p.433).

Para exemplificarmos o rito, tomaremos um ritual clássico, a missa, celebração da igreja que, segundo a teologia católica, existe há mais de dois mil anos. Usamos esse exemplo pelo fato de o ritual da Festa de Santa Cruz ser um ritual essencialmente ligado à religião católica. A solenidade da missa é dividida em alguns momentos e os mais importantes são realizados no início da celebração com o nome de ritos iniciais.

O ritual da missa revela a necessidade do ser humano em se relacionar com Deus mediado pela religião, indica que tudo é realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e concebido pelo poder da fé e do amor de Deus às pessoas. Logo após, os presentes admitem não serem dignos de estarem naquele lugar santo, ouvindo palavras santas, por isso suplicam a misericórdia divina pedindo perdão a Deus pelos pecados cometidos.

Estando perdoados, portanto, purificados, colocam-se as intenções pelas quais se deseja rezar a missa, em seguida passa-se para as liturgias que consistem em mensagens bíblicas que, durante a missa, se distribuem da seguinte forma: primeira leitura, salmo, segunda leitura e evangelho. Após esse momento, o celebrante faz a homilia, que consiste na reflexão sobre as leituras, ou compartilha a palavra com os fiéis. Compreendendo que todos estão alimentados pela palavra de Deus, passa-se para o próximo momento, o ofertório, em que além de se fazer a oferta material de dinheiro, também é ofertada a própria vida a Deus, reconhecendo o senhorio Dele sobre nossas vidas. Segundo essa crença religiosa, somos criaturas do pai criador que é o próprio Deus.

No altar, o sacerdote faz a consagração das hóstias³. Segundo a tradição católica, a consagração é o momento da transformação do pão *hóstia* e o vinho em corpo e sangue de Cristo, significando a morte de Jesus na cruz, que foi entregue por Deus em sacrifício para redimir as pessoas dos pecados. No Antigo Testamento, as pessoas quando pecavam ofereciam nos templos cordeiros em sacrifício para serem perdoados daqueles pecados. No Novo Testamento, Deus ofereceu Jesus em sacrifício para o perdão dos pecados das pessoas de todas as gerações, por isso Jesus é chamado de “O Cordeiro de Deus”. Na tradição cristã todos os que desejarem, e já tiverem feito a Primeira Eucaristia, poderão se colocar em fila para receber a hóstia consagrada — o rito da comunhão.

Após receber a hóstia, os fiéis se colocam de joelhos, pois na teologia católica a hóstia, ao ser consagrada pelo sacerdote, torna-se o próprio corpo de Jesus, portanto deve ser recebido de joelhos. Somente após esse momento, são celebrados os ritos finais, momento em que o celebrante tem a intenção de lançar palavras para ajudar numa reflexão sobre algum tema geralmente relacionado ao evangelho, posteriormente, o padre dá a benção final e canta-se o canto de encerramento. Essa é a organização da missa católica.

³ Partículas arredondadas feitas de trigo e água

Todo o ritual da missa é alegrado com cantos que devem estar relacionados com as liturgias. O tempo de duração desse ritual é aproximadamente uma hora. Segundo os religiosos, ir à missa pelo menos aos domingos é uma obrigação de todo cristão católico. Nas palavras de Passos (2011), “Eucaristia é memória, portanto é significado. Significação da presença de Jesus, e nisso existe intersubjetividade, e essa garante a dimensão do significado - trans-significação - cumpre a sua função se tiver intencionalidade na ação” (PASSOS, 2011)⁴.

Terrin (2004) explica que, “Além da repetição, o rito caracteriza-se fundamentalmente pelas vivências de ações e expressões místicas, valendo-se de objetos e gestos que tornam os símbolos repletos de significados”. Mais adiante na fala do Sr. BF, 78 anos, quando relata a importância do mastro e da bandeira na Festa de Santa Cruz, exemplificamos as vivências do rito por meio de objetos. Há uma pré-disposição do ser humano em se valer do rito e o aceitar sem questionamentos, pois ele ajuda as pessoas a compreenderem o que racionalmente não se explica.

O rito é algo humano, mantido muitas vezes sem saber racionalmente por que, nem para que, no entanto, traz segurança e tranquilidade, implicando numa vivência de fé e abandono a Deus, ou seja, numa confiança total em Deus. Considerando que o novo sempre vem carregado de insegurança, medo e preocupação, a repetição ritualística ajuda os que a realizam a saberem o que, como e quando fazer, isso torna os praticantes dos rituais seguros de seus atos.

O rito tem o poder organizativo de comportamentos e ideias. Além disso, ele favorece o desenvolvimento de cumplicidade entre os que o vivenciam. Este sentimento alimenta nas pessoas a questão do pertencimento e da afinidade, condição importante para a manutenção de um grupo ou mesmo de uma comunidade. O reconhecimento, a identificação e a diferenciação são basilares para a constituição identitária (FRANÇA, 2005).

“As manifestações culturais são estratégias que as comunidades tradicionais têm em manter ritos da cultura local e permitir a manutenção das mesmas durante o processo de transformação do tempo” (GRANDO, 2007, p. 124). Vemos assim, a importância de conceituarmos cultura como elemento fundamental para compreendermos o comportamento dos sujeitos da pesquisa. De acordo com Geertz (2008), cultura são teias de significados que as pessoas tecem entre si, entrelaçando e dando sentido aos atos do cotidiano humano. Nesse sentido, utilizamos a definição de Geertz, que trata a cultura como sendo essencialmente

⁴Fala do Prof. Passos na banca de qualificação realizada na UNEMAT

semiótica, ou seja, para definir a cultura representada pelo povo barrabugrense na Festa de Santa Cruz, faz-se referência aos símbolos, ritos, vestimentas, culinária etc. Portanto, conhecer o cotidiano dentro da festa e fora dela foi essencial.

De acordo com Laraia (2009), “tudo que o ser humano faz, aprendeu com seus semelhantes e isso não decorre de imposições originadas fora da cultura” (LARAIA, 2009, p.51). Sendo assim, a cultura é um aprendizado externo e não decorre de situações caracteristicamente inatas.

Vale lembrar, ainda que a cultura seja um elemento externo ao indivíduo, inicialmente, é ela quem oferecerá os subsídios constitutivos da pessoa que são os significados e sentidos que a tecem. A cultura, portanto, pode ser compreendida como um elemento simultaneamente externo e interno, pois alguns de seus elementos serão apropriados pela pessoa tornando-se seus (FRANÇA, 2011).⁵

Para Laraia (2009), todo ser humano tem hábitos e necessidades biológicas comuns aos outros, tomar banho, alimentar-se, vestir-se, relacionar-se sexualmente, mas as formas como se faz nos diferenciam uns dos outros. A isso podemos denominar cultura, inserida no conceito de ritual, formada e transformada na relação com o outro; nessa relação dialética os hábitos se renovam, ou se mantêm, com sentidos vários para cada pessoa, que também são seres singulares, pois mesmo diante das diversidades existentes na Festa de Santa Cruz, cada pessoa é única.

Geertz (2008) se vale da analogia para conceituar cultura. Em qualquer sociedade, os indivíduos que a constituem não participam totalmente de seu sistema cultural, pois os hábitos, necessidades e interesses variam de acordo com idade, sexo, religião etc. No fragmento que se segue, Laraia define as alterações culturais como mudanças de padrões de comportamento, conforme podemos observar:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 2009, p.101).

Nesse sentido, podemos dizer que as subjetividades dos sujeitos estão sempre numa dinâmica dialética que cria novas consciências de si e dos outros, recriando sentidos às

⁵Fala da professora Dra. Cecília de Campos França em aulas do Mestrado em Educação/UNEMAT.

próprias pessoas. A cultura é a forma das sociedades e das gerações se comunicarem entre si, oferecendo matéria prima para a constituição das diversas identidades possíveis naquele contexto. São nas manifestações culturais vividas pelos grupos de indivíduos que a vida social humana é compreendida, “O processo de construção cultural não se dá de forma romântica e tranquila, mas de forma conflituosa” (PESSOA, 2010).⁶

Remetendo-nos ainda à Geertz (2008), vemos que os sistemas de signos e significados se entrelaçam e o pesquisador deve compreender a cultura de um povo, expor sua normalidade sem reduzir sua particularidade. A cultura existe nas mais diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, os símbolos e os signos que constituem as várias identidades.

Partindo desse princípio, a cultura constitui-se nas relações entre as pessoas e o meio em que estão inseridas. Estar dentro do contexto da festa nos possibilitou descrevê-la, porém torna-se necessário fazer uma descrição densa que nos permita distinguir “as piscadelas dos tiques nervosos” (GEERTZ, 2008, 12). Nesse sentido, nossos estudos foram análises interpretativas do ritual festivo vivido pelos sujeitos coletivos, e não apenas uma descrição superficial dos fatos.

Os indivíduos da pesquisa são sujeitos coletivos. Sader (1988)⁷ mostra que sujeito coletivo são grupos que se constituem a partir das ideias comuns de lutas e, nessas lutas, as identidades vão sendo construídas. No processo de lutas e construção da identidade cultural, as pessoas se tornam mais fortes enquanto sujeitos autônomos, desenvolvendo mecanismos que se afirmam no exercício da prática cultural, passando de sujeitos anônimos para pessoas que deixam suas marcas na história da localidade e até no país em que estão inseridas. Como podemos perceber nas palavras de Sader:

Quando uso a noção de sujeito coletivo é no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, construindo-se nessas lutas... Tratam-se, sim, de uma pluralidade de sujeitos, cujas identidades são resultados de suas interações em processos de reconhecimentos recíprocos, e cujas composições são mutáveis e intercambiáveis (SADER, 1988, p.55).

⁶ Professor Jadir Pessoa - banca de defesa de dissertação da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso)

⁷Ver Quando Novos Personagens Entram em Cena - Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970 - 1980.

Os aspectos descritos por Sader (1988) são também encontrados nos sujeitos fazedores da cultura do município de Barra do Bugres, pois esses vêm travando lutas físicas, sociais, políticas e tantas outras para manter seus costumes diante de realidades que os condicionam e os inscrevem num dado sistema, impedindo as pessoas de se constituírem como sujeitos autônomos. Com suas raízes fincadas na cultura, que é o principal ingrediente para ter a identidade reconhecida e respeitada, essas pessoas se dispõem a vencer a idade e o cansaço acumulados pelos longos anos de vida, para repetir esse ritual festivo com o objetivo de não deixar acabar aquilo que as identificam como seres pertencentes a uma história e a partir dela serem reconhecidos pela sua cultura.

A identidade e a valorização da cultura conduzem a um movimento envolvendo a Festa de Santa Cruz, no sentido de sair do silêncio e promover a resistência construindo a dignidade de uma manifestação que tem importante significado para a coletividade de Barra do Bugres. Nessa valorização identitária, o que era considerado como pequenos atos insignificantes para a maioria das pessoas passam a ser uma importante manifestação com conotações que fazem emergir sujeitos até então anônimos.

A identidade se constrói com a consciência que o indivíduo tem de si em relação à sociedade, e em relação ao próprio sujeito. A formação da ideia de si está relacionada à etnia, classe social, gênero, nacionalidade, sexualidade, religiosidade e outros aspectos, porém as identidades não são estáveis.

Hoje, com o processo de globalização, as informações apresentadas em alguns aspectos contraditórios ao que se tinha como estável, influenciam as identidades, pois a construção delas se dá nas relações entre as pessoas, é isso que faz com que saibamos quem somos. A partir das histórias vividas no decorrer da existência, constroem-se as múltiplas identidades; essas relações criam novos modelos, transformando e criando novas características de identificação.

Os sujeitos da modernidade vêm passando por um processo de transformações que tem contribuído para as mudanças que se refletem na identidade das pessoas. Nas sociedades modernas mais que em outras épocas, um mesmo sujeito se identifica e possui diversas expressões identitárias, sendo capaz de se integrar concomitantemente a várias vivências ritualísticas como nos diz Hall (2006).

A identidade permanente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

Portanto, a Festa de Santa Cruz integra todas as classes, etnias, gêneros e idades, fazendo dela um fenômeno híbrido, pois agrega todos sem distinção, tendo a religião como signo de identificação. Podemos dizer que esta festa é um elemento formador de identidades. Hall descreve e caracteriza o processo de constituição da identidade como:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. [...] Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (HALL, 2006, pp. 38/39).

Acreditamos que as afirmações de Hall contemplam algumas das constatações deste trabalho, pois comungamos de seus pensamentos quanto à visão dos outros sobre nós, e como algumas lacunas identitárias são preenchidas a partir de alguns elementos externos que nos constituem socialmente.

Sader (1988) também contribui ao tratar da identidade coletiva como forma de exercício da autonomia, a exemplo do fragmento a seguir:

Tal identidade se encontra corporificada em instituições determinadas, onde se elabora uma história comum que lhe dá substância, e onde se regulam as práticas coletivas que a atualizam. [...] Depende, em seguida, do modo como se articulam objetivos “práticos” a valores que dão sentido à existência do grupo em questão. [...] Depende finalmente – e talvez, sobretudo – das experiências vividas e que ficaram plasmadas em certas representações que aí emergiram e se tornaram formas de o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos e o mundo que o envolve (SADER, 1988, p. 44).

Nesta definição de Sader (1988), podemos perceber que a identidade é um processo que se constrói via conhecimento do ser humano e da realidade social, cultural e política na qual ele está inserido.

Berge & Luckmann referem-se à identidade como um processo que se dá nas relações sociais:

A identidade é evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, e, tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social (BERGER & LUCKMANN, 2009, p.221).

Produzir identidades pressupõe também demarcar fronteiras que são determinadas pelas diferenças. Para Tomaz Tadeu da Silva (2011), essas diferenças são marcadas entre o “eu” e o “nós”. Podemos perceber no fragmento a seguir que essas distinções determinam quem fica dentro e quem fica fora.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. [...] Dividir e classificar significa, nesse caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2011, p. 82).

Silva nos faz perceber que não há fronteiras entre cultura e identidade, que ambas compõem uma comunicação contínua entre os sujeitos sociais, portanto é questão central e constante nos saberes e fazeres dos significados do universo simbólico presente na vida de todos os seres humanos. No entanto, quando essas identidades são unificadas a partir de um modelo, corre-se o risco de impor as ideologias dominantes uniformizando as identidades para atender aos interesses de um grupo.

Para analisar os dados da pesquisa, tornou-se imprescindível compreendermos o conceito de símbolos, pois o contexto de Festa de Santa Cruz está repleto de símbolos. “O símbolo propicia o encontro da pessoa com o sagrado e não uma reflexão” (OLIVEIRA, 2003, p. 101). Nesse sentido, os símbolos não devem ser percebidos somente a partir da razão, mas principalmente com a sensibilidade dos sentimentos; a fé é um elemento importante para compreender os símbolos sagrados, ou seja, os símbolos são expressões de sentimentos, intuição e fé.

Os objetos simbólicos usados na Festa de Santa Cruz são instrumentos de devoção nos quais o significado emocional rompe com a racionalidade, o que nos impõe um olhar diferenciado para os símbolos e seus significados.

O universo simbólico está representado por vários segmentos; a arte, a religião, a mitologia formam as várias partes das simbologias que se constituem a partir das experiências humanas.

O povo, geralmente sofrido, busca nos símbolos sagrados consolo e força de superação das enfermidades, tribulações e dificuldades. Os aspectos sagrados dos símbolos constituem os sentimentos que envolvem a fé e o sentimento de gratidão vivido pelos devotos de Santa Cruz. Todos esses aspectos estão presentes não somente na vivência dos sujeitos, mas nas relações deles com o meio social, político, econômico etc. Nesse sentido, os símbolos são parte constituinte da vivência dos povos tradicionais de Barra do Bugres. Como bem retrata Santilli (2005), os povos tradicionais, em suas atividades produtivas, usam adequadamente os recursos naturais, e em sua forma de viver socialmente produzem suas culturas e seus interesses coletivos.

Nossa análise dos fazedores de festa de Barra do Bugres possibilita percebê-los como sujeitos coletivos pelos seus interesses culturais comuns. As formas de vida específicas para os festeiros permanecem em muitos aspectos inalteradas mesmo com o passar dos tempos. Podemos citar aqui algumas delas, como as formas de falar, de rezar.

O conceito de população tradicional é apropriado para definir os festeiros do município de Barra do Bugres, pois, segundo Santilli (2005), este conceito está relacionado a grupos sociais que lutam para conquistar uma identidade pública marcada por culturas que são constantemente reafirmadas e reelaboradas em suas práticas religiosas e festivas. Nesse sentido, entendemos que a luta para manter viva a cultura faz dos senhores e senhoras praticantes da festa de Santa Cruz uma população tradicional.

Santilli (2005) trata a questão da diversidade cultural e biológica de forma jurídica, e nas palavras dela o conceito de população tradicional adquire a ideia de interação entre homem, natureza e saberes culturais.

A constituição dedicou ainda todo um capítulo à proteção da cultura (artigo 215 a 216), protegendo as “manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileira, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”, considerando “patrimônio cultural brasileiro os bens da natureza material e imaterial”, “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (SANTILLI, 2005, pp. 42/43).

Sabemos que há necessidade de preservação da natureza, da mesma maneira dos costumes e hábitos dos povos tradicionais, para que, na medida do possível, se mantenha uma perpetuação das culturas, mas quando se tem isso garantido em lei, somos levados a uma tomada de posição mais formal, adotando uma postura mais confiante em relação à luta por respeito à cultura.

Santilli (2005), no livro *Socioambientalismo e Novos Direitos*, não se limita a abordar apenas as questões ambientais, mas trata o tema de forma abrangente, indo além do sentido ambiental, relacionando-o à formação cultural dos povos tradicionais. Esses mantêm uma relação cultural com a natureza tendo atitude de proteção com o meio ambiente, ao mesmo tempo em que produzem e preservam seus hábitos. Nesse sentido, o conceito de território será relevante em nossa pesquisa por entendermos não se tratar apenas de espaços geográficos, mas espaços de cultura e aspectos do relacionamento humano, isso só é possível a partir da sensibilização para a simbologia identitária contidas nos espaços naturais de vivência. Santilli apresenta o conceito de território como:

O conceito de território, portanto, deve ser compreendido à luz da interpretação antropológica como espaço necessário à reprodução física e cultural de cada povo tradicional, considerando as formas diferenciadas de uso e apropriação do espaço territorial. Tal conceito não guarda relação com o tempo imemorial, e sim com os usos, costumes e tradições dos povos tradicionais, e traduz uma ocupação coletiva do espaço, onde predomina o uso e a gestão compartilhada dos recursos naturais (SANTILLI, 2005 p.140).

Numa abordagem dicionarizada, o conceito de território seria limitado e técnico, porém num conceito antropológico, como apresenta Santilli, a palavra toma uma dimensão essencial para nossa pesquisa na qual constituiremos um olhar não apenas para conhecer as práticas dos povos tradicionais de Barra do Bugres, mas na interpretação dessas práticas e das problemáticas existentes, percebendo como e porque se dão. Para isso, retomamos o conceito de povos tradicionais para melhor compreensão dessa terminologia que representa características dos povos tradicionais, abordado por Santilli (2005) a partir de uma expressão trabalhada por Diegues e Arruda que propõem a seguinte definição:

Grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Tal noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos populares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos (DIEGUES & ARRUDA *apud* SANTILLI, 2005 p.132).

Santilli, à luz de Diegues e Arruda, define algumas particularidades referentes a populações tradicionais, não significando que, para serem considerados povos tradicionais, os grupos devem se enquadrar em todas as características. Nesse sentido, usamos algumas definições dadas por Santilli (2005), na tentativa de nos aproximarmos das características marcantes da população do município de Barra do Bugres que estarão envolvidos na festa de Santa Cruz e também na pesquisa.

Segundo a descrição de Santilli, no livro *Socioambientalismo e Novos Direitos*, as populações tradicionais são definidas por pessoas que lutam para conquistar uma identidade pública, caracterizadas por aspectos culturais que se afirmam e reelaboram ao longo dos tempos; define-se populações tradicionais também pela relação estabelecida com a natureza e, ainda, considera-se a noção de território onde desenvolvem técnicas de produção e manejo dos recursos naturais. Segundo Santilli, os estudos antropológicos consideram a relação territorial fundamental para definição de populações tradicionais.

Compreendendo que as pessoas se relacionam e ocupam os espaços culturais e geográficos, adotamos, neste estudo, conceitos que expressam cultura como adaptação temporal, geográfica, como forma de relacionamento entre os sujeitos coletivos que, ao mesmo tempo, asseguram as características marcantes originárias da devoção aos santos e sintetizam expressões religiosas dos cantadores e dançadores que buscam no Siriri e Cururu maneiras de demonstrar emoções, conhecimentos manifestados nos saberes coletivos.

CAPÍTULO II

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um cerco em torno de um problema. É necessário vislumbrar e escolher trilhas a seguir e modos de se comportar nessas trilhas (GATTI, 2007, p. 62).

Toda pesquisa deve ter como ponto de partida, a definição do problema, que deve direcionar o trabalho do pesquisador na obtenção de dados, seleção do método e fontes a serem usadas na pesquisa. Este trabalho tem como objeto de pesquisa a Festa de Santa Cruz realizada no município de Barra do Bugres. A festa é uma atividade social que apresenta mudanças, diante disso definimos o problema como desvendar as contribuições e omissões dos jovens para com a festa pesquisada, bem como as transformações ocorridas no ritual festivo ao longo dos anos. No método, entendido como conjunto de etapas, utilizamos: observação, coleta de dados, registro em diário de campo, fotografias, entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica.

A opção por usar a entrevista semiestruturada levou em conta o fato de aproximar do entrevistado com intuito de deixá-lo à vontade para expor suas histórias, vivências e até as angústias. Esse tipo de entrevista na nossa pesquisa foi determinante, já que alguns dos entrevistados são analfabetos. O desafio consistiu em perceber os sentimentos implícitos nas palavras dos depoentes que nem sempre os deixavam evidentes, sendo necessário estar atento aos gestos e expressões revelados pelo corpo que se expressava.

A entrevista aberta ou semiestruturada, ao contrário dos questionários fechados, permite um aprofundamento nos assuntos abordados, pois é possível dialogar com os entrevistados de forma descontraída, porém sem perder o objetivo da entrevista. A partir da entrevista semiestruturada é possível colher informações que podem surgir de forma espontânea fornecendo dados importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Porém, a pesquisa semiestruturada tem desvantagens, como podemos perceber na escrita de Boni e Quaresma (2005).

Quanto às desvantagens da entrevista aberta e semiestruturada, estas dizem respeito muito mais às limitações do próprio entrevistador, como por exemplo: a escassez de recursos financeiros e o dispêndio de tempo. Por parte do entrevistado há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes.

Essas questões são, ainda assim, melhor apreendidas pela entrevista aberta e semiestruturada (BONI e QUARESMA, 2005, p. 76).

Quanto aos fenômenos observados no contexto da festa, constituem uma parte descritiva do nosso trabalho que aparece principalmente no subtítulo “As festas que antecedem as festas”. Essa descrição, realizada nos moldes da pesquisa qualitativa etnográfica, possibilitou-nos ampliar o olhar sobre o objeto da pesquisa.

A opção por uma abordagem qualitativa etnográfica, que se dá no ambiente da festa, possibilitou o contato direto entre o pesquisador e os dados fornecidos pelos sujeitos da pesquisa, facilitando a descrição dos dados obtidos e verificando como o problema se manifesta no ambiente da festa, com atenção especial aos significados que nela se apresentam. O principal foco da pesquisa qualitativa etnográfica está em retratar e relatar o processo da pesquisa usado para se chegar ao produto, pois nele podem se apresentar as perspectivas do sujeito. Nesse sentido, todos os dados são importantes e o registro do cotidiano e suas complexidades são necessários para uma descrição densa como cita Geertz (2008), tendo o pesquisador a função de revelar as mais diferentes situações e possibilitar outros pontos de vista.

A utilização da etnografia por parte da sociologia, da educação, da psicologia e da antropologia possibilitou avanços qualitativos na pesquisa social, porque o trabalho etnográfico lida diretamente com a interação dos indivíduos na sua vida cotidiana e auxilia o pesquisador na compreensão das concepções, práticas e procedimentos atribuídos a essas práticas (REINALDO, 2009, p. 2).

O ano de 2011 foi estabelecido como recorte temporal da pesquisa. O critério para determinar e delimitar o tempo da pesquisa se deu em virtude de a festa ser antiga, e que nosso trabalho se limitaria pelo curto espaço de tempo para estudos e coleta de dados.

As observações da festa e do tempo que a antecede foram determinadas com antecedência, por isso buscamos estabelecer contatos com os sujeitos da pesquisa alguns meses antes do tempo da pesquisa. A partir dos primeiros contatos, definimos o que observar, quem entrevistar, o tempo de observação e como registrar a pesquisa. Segundo Gatti, “O método não é um roteiro fixo. Ele é de fato construído na prática [...] O método nesse sentido está sempre em construção. Não se pode deixar que prescrições metódicas aprisionem o pesquisador como couraças” (GATTI, 2007, pp. 63/67).

Este estudo se valeu da memória dos participantes da Festa de Santa Cruz, moradores do município de Barra do Bugres. A partir das narrativas dos festeiros, buscamos compreender o processo evolutivo da festa. Alguns aspectos narrados por nossos depoentes ainda permanecem, porém muitos costumes se somam a outros de diversas proveniências, formando novos hábitos. Revisitar através da memória o espaço social da festa e perceber as transformações advindas das relações sociais e as identidades presentes na memória dos grupos constitui-se nosso principal objetivo.

A coleta de dados deu-se em diferentes contextos, já que por três meses consecutivos acompanhamos a Bandeira de Santa Cruz. Sendo assim, fizemos os caminhos percorridos por ela, entramos nas mais variadas residências de moradores do município de Barra do Bugres, bem como do distrito de Porto Estrela, de Assari e da aldeia Umutina. Ressaltamos que os dados são mais que simples observações, como nos esclarece Gatti (2007):

Na pesquisa, muito importante são os dados com que trabalhamos. E dados podem ser desde um conjunto de medidas bem precisas que tomamos até depoimentos, entrevistas, diálogos, discussões, observações etc. de que nos servimos para a geração de algum conhecimento que acrescente alguma coisa à compreensão do problema que nos interessa (GATTI, 2007, p. 11).

A coleta de dados deu-se a partir das observações e registros feitos com os sujeitos da pesquisa que atuaram na Festa de Santa Cruz no ano de 2011. Registramos também o festival de Cururu e Siriri em Cuiabá no mesmo ano. Os dados foram coletados a partir das observações, anotados em diário de campo e fotos; feita análise de documentos como o regimento interno do CTM (Centro de Tradições Mato-grossenses), devocionário da reza da ladainha utilizada pelos festeiros, e análise bibliográfica referente ao objeto da pesquisa.

A partir das observações, foi possível conhecer o contexto da festa pesquisada e constituir uma relação de amizade com os participantes do festejo extremamente relevante, facilitando uma aproximação que resultou em entrevistas descontraídas e ricas em informações.

Para melhor compreendermos as mudanças na dança do Siriri bem como o Cururu, optamos por acompanhar o 10º Festival de Cururu e Siriri em Cuiabá que aconteceu de 27 a 30 de outubro de 2011. Nesses dias, 29 grupos de Siriri e Cururu se apresentaram com intuito de mostrar ao público presente a tradição mato-grossense

Os documentos analisados foram: regimento interno do CTM que nos serviu para compreender até que ponto a festa tradicional de Barra do Bugres está amparada por documentos oficiais registrados em cartório e consolidados judicialmente. Já o devocionário utilizado pelos festeiros nos serviu de instrumento para conhecer e refletir sobre a ladainha rezada em latim pelos capelães. Para essas figuras humanas da festa, que disseminam esse conhecimento, está cada vez mais difícil realizar essa função devido à idade avançada e à falta de pessoas que os substituam.

Além de diversas publicações em ISBN, a Bíblia foi uma bibliografia muito consultada em virtude de nosso objeto de pesquisa ser um ritual ligado à igreja católica. Buscamos na Bíblia suporte para a compreensão dos hábitos dessa manifestação cultural. As análises bibliográficas acerca da festa também se deram a partir de uma pesquisa denominada “balanço de produção,” trabalho realizado com o objetivo de levantar dados no (acesso livre) banco de teses e dissertações da CAPES⁸ sobre as produções científicas realizadas nos anos de 2005 a 2009, abordando de alguma forma a temática da Festa de Santa Cruz. Escolhemos esta instituição por se tratar de pesquisas revisadas e concluídas, portanto de produções idôneas. As buscas foram realizadas abrangendo os últimos cinco anos, ou seja, de 2005 a 2009, pois no ano de 2010 ainda não havia naquele momento dados disponíveis. Optamos por essa metodologia por compreender a necessidade de se conhecer as produções já realizadas com enfoque na identidade cultural mato-grossense. Para obter os resumos das obras, foi necessário adotar como primeira etapa a construção dos descritores, que também chamamos de palavras-chave, com o intuito de delimitar a pesquisa com o descritor Festa Mato-grossense, mudando apenas o município a que se referia. Esses são sempre municípios ribeirinhos, por se tratar das primeiras comunidades que se constituíram no estado de Mato Grosso, portanto, não são municípios formados basicamente de migrantes. Os municípios pesquisados foram Poconé e Barra do Bugres. A partir das leituras dos resumos fornecidos com esses descritores, foi possível realizar um levantamento dos trabalhos dos últimos cinco anos relacionados ao nível de mestrado, conforme quadro a seguir:

⁸ site (<http://www.capes.gov.br/serviços/banco-de-tese>)

DOCUMENTO	ANO	INSTITUIÇÃO	ÁREA	TÍTULO	AUTOR
Mestrado	2006	UFMT	GEOGRAFIA	A PAISAGEM SIMBÓLICA DE BOM SUCESSO E LIMPO GRANDE EM VÁRZEA GRANDE – M.T	MARIA LUCIA CORADINI
Mestrado	2006	UFMT	TURISMO	TURISMO E CULTURA: UMA LEITURA DO ESPAÇO URBANO POCONEANO EM SUAS SINGULARIDADES	SILVANA MARIA DE MORAES ABDALA
Mestrado	2006	UFMT	HISTÓRIA	PÉROLAS NEGRAS: AS MULHERES DE VILA BELA NA LUTA PELA AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA 1970 - 2000	SILVANE RAMOS LOPES
Mestrado	2007	UFMT	EDUCAÇÃO	EDUCAÇÃO, CULTURA E TRADIÇÃO: TESSITURAS DE UMA COMUNIDADE TRADICIONAL DO PANTANAL DE POCONÉ	ILSA HELENA GOMES PROCÓPIO DA SILVA
MESTRADO	2008	UFMT	CIÊNCIAS HUMANAS	FESTAS E CELEBRAÇÕES EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE NO SEC. XVIII	GILIAN EVARISTO FRANCISCO SILVA

O levantamento dos resumos das pesquisas nos indica algumas produções que versam com a temática da cultura, porém filtrando o termo e buscando pesquisar acerca da cultura mato-grossense, percebemos um número modesto de produções nessa perspectiva. Porém, de modo geral todos contribuíram com a pesquisa fornecendo um maior suporte teórico com estudos recentes e bem próximos da realidade que pesquisamos.

Nesse sentido, os resumos selecionados contribuíram para a melhor compreensão do tema a ser trabalhado em nossa pesquisa de mestrado.

CAPÍTULO III

HISTÓRIA DE BARRA DO BUGRES

Para compreendermos a cultura tradicional expressa na Festa de Santa Cruz e as transformações ocorridas, fez-se necessário compreendermos o processo de ocupação do espaço geográfico de nossa pesquisa, o município de Barra do Bugres. Para descrever a história desse município, usamos como referência principal o autor João Carlos Vicente Ferreira (1997), tendo como fonte o livro *Mato Grosso e Seus Municípios*.

Em 1878, assentou-se em Barra do Bugres Pedro Torquato Leite da Rocha, procedente de Cuiabá, acompanhado de familiares. Cuidou de explorar as cercanias em busca da preciosa poaia - a ipecacuanha - planta cujas raízes possuem grande valor medicinal.

No ano seguinte, 1879, ali chegava Paschoal de Oliveira Pombal, que, como seu antecessor, trazia consigo familiares e camaradas poaieiros. O povoamento de Barra do Bugres continuou com a chegada de Nicolau Gomes da Cruz, Major José Cassiano Corrêa, Capitão Tibúrcio Valeriano de Figueiredo (ex-combatente da guerra do Paraguai) e Manoel de Campos Borges.

O extrativismo vegetal era a maior fonte de renda para aquela gente que explorava a poaia e a madeira e abriam picadões na mata à procura de árvores apropriadas para a comercialização. Durante muitas décadas, a poaia foi a principal fonte econômica do município de Barra do Bugres, porém quem detinha a riqueza que provinha da extração da raiz não eram os poaieiros, mas os comerciantes que, por esse motivo, também dominavam a política daquela localidade. “A raiz da poaia era utilizada como moeda corrente nas transações comerciais em Barra do Bugres. Tudo era trocado por poaia” (MORAES, 2004, p. 45).

Com os comerciantes da poaia, ficava tudo que ela representava financeiramente. Com os poaieiros, ficou a resistência que dura até os dias atuais para manter a representação cultural expressa nas festas de santo do município de Barra do Bugres. O que também ainda se mantém é a extração da poaia, embora em menor proporção devido ao avanço da cidade mata adentro. Um de nossos entrevistados, o senhor MJF, professor e pesquisador da poaia bem como dos poaieiros, profundo admirador e estudioso da cultura mato-grossense, nos

afirmou em entrevista que a Festa de Santa Cruz iniciou a partir dos trabalhadores da poaia, conforme podemos verificar:

[...] Desde a fundação da cidade já tinha a Festa de Santa Cruz, foi através dos poaieiros que não tinham, não tinham, como vamos dizer assim, a diversão deles eram mais essa festa que eles faziam, né. Agora, como padroeira mesmo da Cidade ficou a Festa de Santa Cruz, aí fazia na época as Festas de Santa Cruz e do Senhor Divino, era uma seguida de outra (MJF 54 anos).

Foram chegando mais famílias para a extração da poaia, borracha e madeira, muitas delas oriundas de Cáceres. Sendo assim, a navegação pelo Rio Paraguai se tornava mais intensa. Nesse sentido, a história de Barra do Bugres se dá numa relação muito próxima com a história de Cáceres devido à ligação dos dois municípios pelo Rio Paraguai.

O distrito denominado Barra do Rio dos Bugres, criado com base na Lei estadual nº 145 de 08-04-1896, era subordinado ao município de São Luiz de Cáceres, pelo Decreto-Lei estadual nº 208, de 26-10-1938. O distrito da Barra do Rio dos Bugres passou a denominar-se Barra do Bugres e o município de São Luiz de Cáceres tomou o nome de Cáceres. Finalmente, o Decreto-Lei nº 545, de 31 de dezembro de 1943, criou o município de Barra do Bugres.

Em 1908, a localidade de Barra do Bugres já abrigava muitos moradores que tinham como propósito iniciar uma atividade econômica, e isso só seria possível por vias fluviais, pois ainda não haviam sido criadas rodovias naquele município, pois a Serra da Sucupira durante muito tempo foi um obstáculo para a construção de uma rodovia para ligar Barra do Bugres à Cuiabá.

Por meio das vias fluviais dos rios Cuiabá, Paraguai e rio dos Bugres, deu-se o transporte não só de mercadorias para alimentar a economia mato-grossense. Esses rios, assim como muitos outros de Mato Grosso, foram como veredas que deram acesso a outras culturas que se agregaram à cultura dos povos nativos, num movimento dialético constante de aprender e ensinar costumes, hábitos e valores. Assim a herança cultural das três etnias, negros, indígenas e brancos, que compõem a população mato-grossense, favoreceu-se da convivência entre a pluralidade étnica brasileira constituída historicamente, a partir do entrelaçamento dessas culturas. Os municípios ribeirinhos de Barra do Bugres, Cáceres, Santo Antônio do Leverger, Barão de Melgaço, Poconé e outros ainda mantêm viva a tradição cultural do culto aos santos de devoção, porém com várias transformações.

Barra do Bugres viu passar as lanchas Cabixi, Panamericana, Santana, São Luiz, Isaura, além de outras. Certo dia ancorou a Etrúria para buscar uma família renomada em Barra do Bugres. A Etrúria fazia a linha regular entre Cáceres - Corumbá – Montevideú. Hoje a Etrúria se encontra no Ladário, distrito naval de Corumbá, como relíquia da marinha brasileira. As lanchas subiam o rio, abastecendo a população com manufaturados, e, ao descer, levavam poaia e borracha, com isso a economia do município era aquecida, e as transformações se aceleraram com a vinda de colonos mineiros e paulistas.

Em 1911, Cândido Rondon passou por Barra do Bugres a fim de levantar a linha de telégrafo que passou a funcionar no ano seguinte, o que possibilitou a comunicação entre Barra do Bugres e o resto do país. Ainda em 1911, Rondon dava início à outra obra, a de um posto para o povo indígena, no sentido de dar atendimento à saúde, uma vez que, com o avanço das famílias e os conflitos em seus territórios tradicionais, as doenças agravaram eliminando entes da população nativa.

Inicialmente, o posto foi construído a onze quilômetros da confluência dos rios Bugres e Paraguai. Ali, Severiano Godofredo de Albuquerque, representando o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), se estabeleceu. A vida no posto se desenvolveu, sendo necessário mudá-la para a beira do córrego Dezoito⁹. Posteriormente, o nome ficou Posto Fraternidade Indígena e mais tarde a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) o denominou Umutina.

A comunidade indígena se desenvolveu, porém, segundo Ferreira (1997), houve naquela localidade articulações políticas para que esse desenvolvimento não estagnasse.

Em 1934, um chefe do posto temendo perder o emprego, porque o número de índios diminuía, na tentativa de atalhar as dificuldades políticas, subiu com um caminhão para o Chapadão dos Parecis, para ali recrutar índios da tribo *Paresída* região dos córregos Macaco e Capanema. Assim conseguiu aumentar extraordinariamente o número de índios. Também para esse posto foram trazidos índios *bakayrí* (FERREIRA, 1997, P. 284).

Ferreira (1997) referiu-se ao fato como um erro antropológico inerente ao tempo, “julgando-se obter a fraternidade indígena com o caldeamento de povos indígenas de três línguas disparatadas entre si (Nuarwák, Karíb, Boróro)”. Conseqüentemente, a convivência entre as culturas distintas se deu com muitos conflitos, pois que era uma convivência forçada.

⁹ Dezoito foi inicialmente o nome do posto.

Já para Grandó (2010), de fato houve uma mistura de etnias, porém isso se deu por determinação de Cândido Rondon. A autora diz: “Os Umutinas em seu território tiveram que conviver com várias etnias e, com isso, a língua e a cultura comum entre os diferentes homens e mulheres que lá conviveram passou a ser a cultura do colonizador a do povo da região [...]” (GRANDO, 2010, p.99).

Seja por ordem de Rondon ou por tentativa do chefe do posto indígena em se manter no cargo, o fato é que, em visita à aldeia Umutina com a bandeira por ocasião da Festa de Santa Cruz, encontramos um senhor que nos disse ser filho de Pareci com Nambiquara, porém ele é Umutina. Isso nos leva a crer que de fato houve essa mistura étnica, porém a versão dele para esse caldeamento foi que, a partir da presença de Rondon na aldeia e com o trabalho por ele desenvolvido, foi possível proporcionar mais estrutura àquela localidade, o que atraiu outras etnias para a região de Barra do Bugres. Isso em parte contradiz os autores, pois de fato houve uma mistura étnica, mas, segundo o entrevistado, isso se deu por opção dos indígenas devido à melhor organização da aldeia Umutina, o que questiona a visão dada por Ferreira (1997).

Todavia, quando buscamos mais informações sobre esse fato, encontramos nos escritos de Vincent Carelli e Milton Severiano (1980) o massacre vivido pelos povos Nambiquara. Os autores relatam que essa etnia foi a que mais sofreu com a criação de órgãos protetores dos índios. A FUNAI retirou os Nambiquaras de suas terras, situadas no Vale do Guaporé, com base em certidões negativas atestando que na terra dos índios não havia índio. Sendo assim, a FUNAI criou, em outubro de 1968, uma reserva na Chapada dos Parecis, lugar habitado por apenas um Nambiquara em cada dez índios.

A reserva era 70 por cento compostas de terras áridas. Foi para onde mandaram os Nambiquaras do Vale do Guaporé. Como podemos perceber a atitude por parte dos não índios em retirar os povos indígenas de seu local de origem não se tratavam de casos isolados, mas ações que ocorriam com certa frequência.

Muito pouco se sabe sobre o processo de miscigenação dos povos indígenas, mas o que a história evidencia é que não foi uma ação pacífica nem por parte das vítimas, os povos nativos, nem por parte dos opressores, os fazendeiros. Portanto, acreditar que no município de Barra do Bugres a história foi diferente é no mínimo ingênuo. Porém não nos deteremos

acerca desse fato já que nosso objetivo é compreender a composição dos primeiros habitantes do município de Barra do Bugres para entendermos a Festa de Santa Cruz naquele município.

Com a vinda dos poaieiros, o povo Umutina quase se extinguiu, porém pela mistura das etnias indígenas, finalmente houve a extinção da língua deste povo pertencente à nação Bororo. Barra do Bugres se mantinha como ponto de referência da região.

Em 20 de novembro de 1926, passou por lá a Coluna Prestes. Sem armas, os moradores resolveram enfrentar os soldados, numa batalha desigual, em que muitos moradores das margens do Rio Paraguai foram mortos. Em homenagem a essas pessoas, foi construído um monumento que lembra a passagem da Coluna Prestes por aquele município. No livro “Os 15 Mártires”, do historiador Jovino Ramos, o professor descreve poeticamente sua indignação em relação ao fato:

Certo dia, no seu passado distante,
 Barra do Bugres amanheceu de luto,
 Triste, arrasada, queimada, destruída
 Pela sanha feroz de uns revoltosos,
 Fugitivos de sua pátria, desnorteados,
 Em busca de guarida em país vizinho,
 Numa insólita contradição e furor pois,
 Se eram eles patriotas defensores do bem
 Porque matavam os seus próprios irmãos?
 Muito sangue de inocentes foi derramado;
 Quinze valentes heróis sacrificados
 E José Laureano Corrêa todo queimado.
 Num combate desigual de corpo a corpo
 E feroz de uns trinta contra uns oitenta
 A defesa mesmo heroica foi ultrajada.
 A vila pequenina, heroína, toda destruída...
 A população, fugitiva, escondida nas matas.
 No começo da noite, ao clarão das velas,
 Órfãos e viúvas rezaram comovidas preces;
 Derramaram copiosas e ardentes lágrimas.
 Em valas comuns, cavadas com muita pressa,
 Quinze corpos de heróis foram sepultados
 Com testemunho silente do Rio Paraguai,
 Que transformou as águas em lágrimas...
 A tragédia do dia somente não fora
 Muito maior e ignóbil
 Por obra e graça de Rondon abençoado,
 O grande marechal sertanista e patriota
 Que na vila já havia instalado uma invenção,
 O progresso da época, o valioso telégrafo.
 Um telegrama cifrado havia chegado célebre:
 Bipt...Bipt... Aguarde socorro Força Baiana.
 Com essa notícia os revoltosos fugiram
 Apressados, temerosos, cabelo em pé.
 Fujamos, fujamos, disse Siqueira Campos;

A força baiana vem aí, impossível resistir...
(RAMOS, 2002, pp.08/09).

O professor Passos ¹⁰ nos alertou quanto à visão unilateral do episódio, pois essa não era a lógica Prestes. A UDN (União Democrática Nacional), como um grupo de direita, tinha interesses em difamar os revoltosos da Coluna junto à população. Houve massacres antes de a Coluna Prestes chegar para não haver nem comida nem gente para acompanhá-los. “Os revoltosos foram marcados por essa memória de crueldade e sadismo, sendo que na verdade eles não fizeram, mas sim a direita para liquidar com os comunistas, que passaram a ser culpados pelos massacres” (PASSOS, 2011)¹¹.

Diante de duas versões para o mesmo fato e considerando a iniciativa do professor Passos em nos orientar acerca da problemática, buscamos examinar outros estudos produzidos para fundamentar nosso trabalho, gerando uma melhor compreensão da realidade. Essa questão está presente nos escritos de Ferreira (1997), quando diz que os revoltosos da Coluna Prestes cruzaram o Mato Grosso em abril de 1925, via Paraguai, mas seguiram para a região nordeste. Em 1926, retornaram ao estado de Mato Grosso, porém tinha atrás de si a Força Baiana. Ferreira (1997) afirma que:

A Coluna Prestes percorreu grande área do território mato-grossense. No atual município de Jaciara, na região do Rio Brilhante, antigo reduto da família de Benigno Moura que ainda reside no mesmo lugar. Segundo depoimento do pioneiro, “... usaram de muita educação... só queriam reabastecer suas buacas de alimentos... não maltrataram ninguém, mas mesmo assim quase todos fugiram, esconderam-se na região do Vale das Perdidas, só voltando após certificarem-se da saída do último “revoltoso” daquelas plagas (FERREIRA, 1997, p.69).

O ato de as pessoas fugirem para a região do Vale das Perdidas deixa claro o que disse o professor Passos sobre as marcas deixadas na memória das pessoas com relação à Coluna Prestes, de que os revolucionários eram malfeitores. Historicamente se criou uma falsa impressão de Prestes e dos seguidores de seus ideais. Contudo, as análises dos escritos de Ferreira (1997) demonstram que os integrantes da Coluna Prestes eram pessoas bastante sociáveis e que costumavam respeitar as propriedades privadas.

Passaram também pela Fazenda Jatobá, no atual distrito de Selma, sendo que a sede da fazenda é a mesma que hospedou aos “cavalheiros só pretendiam descansar” – segundo palavras de dona Moreninha Maciel Veneza, que na época, ainda pequena, morava na fazenda, coincidindo a passagem da

¹⁰ Prof. Dr. Pesquisador do G.P.M.S.E (Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação) vinculado à UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso).

¹¹ Fala do professor Passos na banca de qualificação deste trabalho.

Coluna, com o dia do seu aniversário, por acaso festejado com alguns revoltosos (FERREIRA, 1997, p.69).

Ferreira (1997) diz que a passagem da Coluna Prestes por Barra do Bugres foi marcada por muita violência, com base no professor Jovino Ramos, autor do livro “*Os 15 Mártires*”, cujo poema acima retrata a passagem dos revolucionários naquele município. O que não significa que, em todos os locais por onde os revoltosos passaram, a conduta tenha sido de respeito aos indivíduos. Contudo, sabemos que havia interesses em denegrir a imagem dos revolucionários, pois a direita e a esquerda historicamente antagônicas se organizavam sob uma lógica inteiramente diferente.

O professor Jovino Ramos ainda relata que os revoltosos da Coluna Prestes vinham da região que hoje é denominada Acorizal. Um ano depois do massacre, foi decretado (Decreto nº 771, de 29 de julho de 1927) que fosse reservada na região de Barra do Bugres uma área de terras para patrimônio de povoação.

Vale ressaltar que o professor Jovino Ramos é tido como uma pessoa de grande importância no município de Barra do Bugres. Admirado pelos moradores, sua opinião sobre vários assuntos é referência para muitos, sendo assim o fato de ele ter escrito sobre a passagem da Coluna Prestes como uma tragédia para os moradores daquele município pode ter influenciado sobremaneira no entendimento que os barrabugrenses têm sobre a Coluna Prestes.

A Manoel Rodrigues, paulista de Potirendaba, coube o primeiro movimento de indústria em Barra do Bugres. Primeiro experimentou plantar café em larga escala, não foi bem sucedido. Por volta de 1958, Rodrigues planejou produzir aguardente. Durante seis anos produziu a Bugrina, aguardente muito disputada pelos conhecedores de bom gosto. Manoel Rodrigues mudou então para o ramo da serralheria, permanecendo nesse ramo até 1971.

Nos anos 60, colonos das diversas regiões procuraram se firmar nas terras de Barra do Bugres, pois havia propagandas nos jornais de São Paulo divulgando a distribuição de terras naquela localidade. Devido à migração, é possível perceber a presença de pessoas procedentes de três lugares diferentes: São Paulo, Minas Gerais e Cuiabá que encontraram com povos indígenas de etnias diferentes, os Umutina que já habitavam aquele espaço e os Nuarwák, Karíb, Boróro, trazidos posteriormente.

Os habitantes vindos para o município de Barra do Bugres com a intenção de explorar as riquezas naturais tiveram grande importância na construção da cultura daquele município, e tanto contribuíram para a construção da identidade e riqueza cultural daquela gente que, apesar da influência de outras culturas, adquiriram características e belezas próprias.

Em 13 de setembro de 1980, instalou-se em Barra do Bugres a Barralcool - Destilaria Barra Ltda, absorvendo a produção canavieira regional e trazendo migrantes da região Nordeste. Sendo assim, grande número de pessoas provenientes da região Nordeste chegou ao município de Barra do Bugres depois do início da tradicional Festa de Santa Cruz, não há, pois, como afirmar que houve influência nordestina na existência dessa festa. Porém, a presença de todos os grupos é determinante na construção da cultura, da sociedade que se transforma a partir das relações, portanto, hoje, a presença dessas pessoas oriundas da região Nordeste pode ser um dos fatores determinantes das transformações atuais e futuras da cultura do município.

CAPÍTULO IV

HISTÓRIA DA FESTA DE SANTA CRUZ

A festa de Santa Cruz é um ritual tradicional de comemoração que começa com a benção da bandeira na igreja de Santa Cruz [...] (MORAIS, 2004, p. 88).

O município de Barra do Bugres ainda mantém várias festas religiosas, mas a que nos deteremos a pesquisar é a tradicional Festa de Santa Cruz.

De acordo com as leituras acerca da festa pesquisada, trata-se de um ritual antigo sem registros do seu início. Sabe-se que a festa sempre se deu na Igreja de Santa Cruz que foi criada em 08 de abril 1896, pela Lei nº. 145. Recebeu esse nome devido à padroeira da cidade, Santa Cruz, e, segundo os organizadores, a Festa de Santa Cruz já era praticada antes mesmo da igreja existir.

A proposta deste capítulo é afastar nossas lentes para melhor conhecer o contexto, a estrutura, os significados e os sujeitos participantes da festa, sempre lembrando que, seja com a lente próxima ou distanciada, há necessidade de possibilitar novos olhares e novas interpretações. Defendemos o conhecimento como um processo, portanto, não há como concebê-lo pronto e acabado.

O ponto de partida de nossas análises está no livro *Cuiabanidade*, em que o autor relata os hábitos da elite cuiabana, muito deles transmitidos até os dias atuais. Lenine C. Póvoas, autor do livro, nasceu e frequentou a “fina flor” da sociedade cuiabana. Em sua escrita, nos revela que o esgotamento das riquezas encontradas em terras mato-grossenses provocou a saída de grande parte dos forasteiros que viviam em Mato Grosso, causando um isolamento da sociedade cuiabana, mas, apesar disso, Cuiabá se tornou um centro de cultura, segundo os relatos de Póvoas.

Em pleno século 18 o teatro se tornou um poderoso instrumento de cultura em Mato Grosso e, particularmente em Cuiabá, enquanto em todas as demais capitanias do Brasil, somadas eram representadas menos de 50 peças teatrais, só em Mato Grosso eram encenadas 80, sendo que na época eram apenas Cuiabá e Vila Bela.

Em 1867, em meio às atribuições do sangrento conflito com a república do Paraguai, fundava-se em Cuiabá uma “Sociedade Teatral” que por muito tempo divertiu a sociedade cuiabana.

Em 1874, instalava-se o “Gabinete de Leitura”; em 1877, a “Sociedade Dramática Amor à Arte”; em 1882, o “Clube Literário”; em 1883, a “Sociedade Terpsicore Cuiabana”; que oferecia reuniões dançantes e saraus litero-musicais; ainda em 1883, fundava-se a “Sociedade Instrução e Recreio”; um ano depois, era instalada a “Associação Literária Cuiabana”; em 1893, surgia a “Escola Dramática”; em 1897, o “Clube Minerva”; em 1899, a “Sociedade Internacional de Estudos Científicos”; em 1904 o “Clube Internacional”, famoso por suas instalações, apurado serviço interno, sua biblioteca, sua ornamentação, e seu elegante mobiliário importado diretamente de Hamburgo, Alemanha; em 1908, o “Grêmio Olavo Bilac”; em 1911, o “Grêmio Literário Álvares de Azevedo”; em 1918, o “Grêmio Literário Julia Lopes”; em 1919, surgia o “Instituto Histórico de Mato Grosso” e em 1921, nascia a “Academia Matogrossense de Letras”, sob o nome de “Centro Matogrossense de Letras” (PÓVOAS, 1987, p. 13).

Diante dos escritos de Póvoas (1987), podemos afirmar que Cuiabá admiravelmente já foi marcada por grandes instituições culturais. Segundo esse autor, Monteiro Lobato esteve em Mato Grosso para difundir sua luta em favor do petróleo e, aqui, admirou a educação e até os conhecimentos filosóficos da elite cuiabana.

Nesse contexto cultural descrito por Póvoas (1987), e diante de tantas pompas criadas para ostentar uma situação econômica e social construída à custa do trabalho de pessoas humildes sem tempo para frequentar luxuosos recintos como os descritos pelo autor, cabe-nos questionar sobre os segregados da sociedade cuiabana, como o próprio autor coloca “a camada mais inculta do povo cuiabano”(p. 17).

Apesar das limitações econômicas e de o desejo de sonhar ter sido negado aos “povos tradicionais”, estes não limitaram sua criatividade. Graças à capacidade criadora desses povos, hoje podemos ver a elite cuiabana se orgulhar dessa cultura, sabendo que os espaços de cultura que tanto lhe deram orgulho no passado viraram um nada diante do tempo, já o Cururu, o Siriri, São Gonçalo e as festas de santo se tornaram manifestações culturais, e refletem a resistência e a iniciativa de pessoas que têm na cultura a essencialidade da vida.

Dizem que a viola de cocho tem cinco cordas que representam os cinco continentes, será que o pescador, morador das margens do rio Cuiabá, ao criar esse instrumento para lhe proporcionar momentos de diversão realmente pensou nisso? Ou isso é algo criado para dar vultuosidade à viola, já que não se admitia a possibilidade de um instrumento rústico como esse agradar a elite cultural e intelectual? O fato é que a viola de cocho foi reconhecida como patrimônio histórico que representa a cultura mato-grossense, e isso se deu não porque houve uma busca de reconhecimento por parte dos artistas ribeirinhos, pois esses só procuravam no instrumento um pouco de diversão para suportar o trabalho duro, mas por parte do poder

público que agiu dessa forma com o forte desejo de desconstruir uma representação cultural que identificasse Mato Grosso. Esse interesse das elites pelo Cururu e o Siriri é recente, na década de 1970 foram criadas instituições para catalogar e construir um acervo acerca da cultura mato-grossense, com o objetivo de preservar a memória cuiabana. Podemos conferir essa ideia no texto abaixo:

Incentivar as variadas manifestações da cultura ampliando um amplo acervo que começam a definir como expressão do regional - na música, na literatura, na dança, no artesanato, nas artes plásticas, no teatro, na arquitetura, na história etc. – que, por isso, deveriam ser conservado para a posteridade. Diante da ameaça de perda de referenciais espaciais, sociais e existenciais, pretende-se, conforme uma idéia de arquivo, organizar discursiva e artisticamente esse tempo redescoberto, bem como constatar e lamentar seu desaparecimento, seu fim (GUIMARÃES, 2005, p. 1321).

Segundo Guimarães, as obras de arte produzidas pelos caboclos das regiões ribeirinhas ganharam visibilidade, contrariando a elite cuiabana com suas ideias de segregação. A poesia abordando temáticas direcionadas para a cultura de Mato Grosso passou a ser publicada e valorizada. Para exemplificar, citamos o poeta Carlos Vandoni de Barros.

Cururu

Fervilha o cururu no rancho de acurí,
À luz de vela de garganta e de pavio,
Enquanto se desfaz em prantos por ali,
Viola de ximbuva e tripa de bugio.

E assim que o violeiro geme no bordão,
Fazendo soluçar a música brejeira,
As morenas bonitas que dançando estão,
Acompanham cantando o coro a noite inteira:

Maré encheu
Maré vazou,
O cabelo da morena,
Foi Batista quem cortou.

Eu não tenho medo da onça,
Nem da pinta que ela tem;
Tenho medo da morena,
Quando chega a querer bem... .

E o cantador destemido,
Já meio aqui, meio ali,
Solta o verso que é aplaudido,
Sorrindo cheio de si:

Lá na mata do Fuzí
João Caetano me falô
Que as muié do Taquarí,

Co'a vida dele acabo
(MATOS, 2008, pp.25/26).

No poema de Carlos Vandoni de Barros, citado por Lobivar Matos em seu livro *AreôtorareSarobá*, está latente a libertação da influência de temas fechados produzidos por artistas dos grandes centros sobre os artistas mato-grossense. Matos faz o seguinte comentário sobre Vandoni. “Não produziu ele em grande quantidade, mas, nas fímbrias do modernismo, as poucas poesias que publicou demonstram que procurava escapar da camisa de forças imposta pelo absoluto predomínio dos sonetos parnasianos e simbolistas”.

Na medida em que os trabalhadores não dispõem de condições básicas para frequentar os espaços culturais elitizados, essas pessoas criam formas de diversão. A necessidade de expressão cultural é uma atitude especificamente humana, portanto, ao ser excluído de um determinado grupo, o ser humano constitui outros grupos culturais. Os seres humanos, ao contrário dos animais, estão no mundo e têm consciência disso, portanto, possuem a habilidade de realizar ações que transformam os hábitos, por isso, mesmo que não se deem conta disso, apropriam-se de realidades com o objetivo de estar no mundo e fazer parte dele. Nesse sentido, o fato da elite cuiabana perversamente discriminar os trabalhadores humildes dos espaços culturais da época, esses acabaram por contribuir de forma decisiva para a libertação humana através da apropriação de elementos da natureza para criar instrumentos, coreografias e letras musicais para expressar hábitos culturais.

Esse é o caso da viola de cocho que teve sua origem a partir de matérias-primas extraídas da natureza, bem como as coreografias que, no passado, lembravam os movimentos de animais e as músicas que buscavam inspiração na natureza, na religiosidade e nos relacionamentos humanos. Em relação às músicas, poderíamos citar vários exemplos, mas nos limitaremos a pequenos fragmentos, apenas “Marrequinho na lagoa tuiuiú no pantanal, marrequinho pega peixe tuiuiú já vem tomar.”; “Olha viva meu São Gonçalo, viva e torna revivar.”; “Menina minha menina sobancelha de veludo, seu pai sua mãe não pode, mas você merece tudo. Menina minha menina não deixe a saia rasgar, a saia custa dinheiro, dinheiro custa ganhar” (músicas do Siriri cuiabano).

Se a cultura sedimenta o que somos, em Mato Grosso tal sedimento não se deu com os suntuosos estabelecimentos culturais frequentados pela elite cuiabana, mas pela simplicidade das músicas, danças e instrumentos usados no Cururu, Siriri e São Gonçalo. Essa singeleza sobreviveu à modernidade simplesmente porque não havia pretensão de copiar a cultura

européia, mas de potencializar e valorizar a população ribeirinha tão esquecida pela elite. Essa é também uma forma de resistência e protesto contra os que negaram a essa população o direito a uma vida social.

Hoje, o Cururu e o Siriri são apresentados em várias partes do mundo. Em Cuiabá o festival de Cururu e Siriri já comemora uma década (imagens dos convites da festa em anexo). Nos festivais, bem como nas diversas apresentações, o Cururu e o Siriri sofrem influência de várias culturas. Por meio de coreografias criadas ou influenciadas por pessoas de outros estados, o “Cururu e o Siriri”¹² chegam a vários estados e países. Em algumas apresentações, essa dança ganha uma coreografia marcada, que não tem relação com a cultura de origem cuiabana. Ao copiar e adaptar uma coreografia para apresentações cria-se uma dança que não é a cultura do povo ribeirinho. Nesse sentido, os fazedores de cultura criam soluções absolutamente surpreendentes para preservar suas tradições culturais. Podemos perceber isso quando perguntamos ao senhor BF (1) se o Siriri de raiz não corre o risco de acabar, (2) se é cobrado cachê para tocar, (3) qual a diferença das apresentações para as festas de santos?

(1) Não, não acaba a raiz mesmo não acaba. Não acaba porque às vezes aparecem essas coreografias aqui na cidade, mas senhora vai lá pro sítio, lá quando tem festa, lá pro sítio senhora vê dançar o Siriri mesmo, não tem negócio de coreografia não, e tem gente boa para dançar demais, lá no sítio a senhora vê o Siriri que eles dançam, é lindo demais.

(2) Não, em festa de Santo não cobramos. A gente cobra quando é uma apresentação, uma apresentação a gente tá aqui, vem aqui convida você para fazer uma apresentação na Assembleia, lá se cobra.

(3) Têm, é diferente porque na festa de santo o cantador vai fazer os versos conforme o momento da festa do santo, lá vai fazer em nome do santo, dos festeiros. Numa apresentação não, vai fazer um verso pra saudar os convidados que tão lá (Sr. BF).

Ao usar duas formas de fazer Cururu e Siriri, uma para as apresentações e outra nas festas religiosas, das quais só participam pessoas que realmente conhecem e se identificam com a cultura, os senhores e senhoras praticantes dessa manifestação não deixam de dizer ao mundo que Mato Grosso tem cultura capaz de cruzar países, mostrando o que as pessoas querem ver, mas preservam seus rituais e suas crenças, deixando-os apenas para os realmente interessados. Essa é uma estratégia de preservação cultural usada por vários povos.

¹² Aqui usamos aspas por entender que o Cururu e o Siriri que chega para o mundo conhecer tem pouca relação com a dança e a reza praticada nas festas de santo.

Ao visitar o município de Barra do Bugres e alguns dos moradores mais antigos daquele local, constatamos que ali não é diferente, há grupos constituídos com o objetivo de compor coreografias para apresentações. Nesse sentido, consideramos indispensável elaborar um breve histórico mesmo que sucinto da festa, pois a partir dos símbolos presentes nessa festividade torna-se possível compreendermos as diversas formas que os diferentes grupos têm de se organizar. Antes de tratarmos da festa propriamente dita, é oportuno falarmos da Igreja de Santa Cruz, pois toda a história antiga da Festa de Santa Cruz perpassa pela igreja que foi palco das celebrações e das festas realizadas ao longo dos anos. Assim, a igreja e a Festa de Santa Cruz estão intimamente relacionadas, indissociáveis (Imagem da igreja em anexo).

Segundo os escritos de Biennés (1997), no livro *Uma Igreja na Fronteira*, “A cidade de Barra do Bugres tinha somente a capelinha construída por Dom Galibert nos anos 30, bem no centro do então povoado. Mas com o crescimento populacional, em 1896, foi criada a paróquia do Rio dos Bugres” (p.571). No entanto, a igreja jamais deixou de ocupar lugar de destaque na cultura barrabugrense. No início do século, a presença dos padres franciscanos de Cáceres se manifestou em Barra do Bugres, através do sistema da desobriga¹³. Os padres subiam às terras a cavalo atendendo aos sítios da Morraria, passando por Porto Estrela, alcançando Barra do Bugres. Dom Máximo também relata que os sacerdotes também participavam das festas de Santa Cruz.

No ano de 1991, vendo que a igreja estava abandonada, quase chegando à ruína, pessoas anônimas tentaram transformá-la em uma oficina. Ao perceber que parte da história de Barra do Bugres se perderia com tal atitude, algumas pessoas influentes uniram-se buscando apoio junto à prefeitura do município e outros órgãos, criando o *CTM* que se responsabilizou em cuidar da igreja, buscando suporte financeiro e jurídico para retomar a festa da padroeira da cidade, festa que estava abandonada há mais de 20 anos.

Hoje a igreja é impecavelmente limpa e organizada pela comunidade dos arredores que se organiza para a limpeza do local. Uma vez por semana as pessoas se reúnem para a reza do terço, no resto do tempo, o templo fica fechado, mas a chave está disponível para os visitantes que desejarem conhecê-lo.

¹³ Segundo o dicionário Aurélio, são visitas periódicas feitas por padres às regiões desprovidas de clero.

Em relação à festa, pode-se dizer que a devoção à Santa Cruz, iniciada ali na igrejinha, atraiu tantos devotos que despertou o interesse das autoridades eclesiásticas de Cáceres, à época ainda denominada São Luiz de Cáceres. A festa de Santa Cruz recebia muitos donativos dos devotos, que, posteriormente, eram comercializados nos leilões, garantindo renda líquida e certa, o que, obviamente, agradava aos padres, por isso, eles começaram a controlar os lucros do trabalho dos festeiros e devotos que se dedicavam voluntariamente durante meses para a realização da festa. Nas palavras de MJF (54 anos),” [...] o resto da renda ficava pra pagar as despesas dos músicos, né, e algumas despesas, aí ficava o resto pra igreja, porque tinha despesas, né, tem despesas, quer dizer, a igreja”.

Com o passar do tempo, o movimento festivo foi decaindo e, segundo os escritos do professor Jovino Ramos, por volta do ano de 1968 deixou de acontecer anualmente, sendo reativado somente em 1991, incentivado pela família Oenning e pela fundação do CTM. A partir dessa data, a festa foi reiniciada de forma simples e quase oculta, retornando também o Siriri, o Cururu e o São Gonçalo, destacando todo o ritual da bandeira, do mastro, tendo a viola de cocho, o ganzá e o mocho como os instrumentos que alegam a festa.

Em 2006, o prefeito Aniceto de Campos Miranda pediu para que a festa transmitisse visibilidade ao povo; naquele ano, a festa foi realizada no local da antiga feira da cidade despertando a atenção da imprensa e dos municípios vizinhos. Infelizmente a ação do prefeito em promover a festa só se deu no ano de 2006. Percebemos nas observações feitas em campo que hoje a festa só acontece devido ao apoio financeiro das pessoas mais humildes da cidade de Barra do Bugres, são poucas as casas suntuosas que recebem a bandeira de Santa Cruz.

O Estado de Mato Grosso possui muitas formas de identificação cultural, mas as mais antigas são as festas de santos e quase todos os municípios ribeirinhos tradicionais do estado ainda praticam esse ritual realizado por mestres da tradição mato-grossense, por mais que as festas evoluam, alguns rituais permanecem. O levantamento do mastro, os preparativos que antecedem a festa para arrecadar donativos, a comida farta, a reza, são alguns exemplos dessa tradição que se transforma, mas não perde sua essência que é o retrato da devoção religiosa do povo mato-grossense.

Ao ser perguntado sobre o mastro¹⁴, um cururueiro nos revela o grande significado desse símbolo da festa que é quase santificado pelos devotos.

Aquele mastro antes de colocar a bandeira, ele é um varão só, não é nada, depois que coloca a bandeira nele aí aquele mastro se torna mastro bento, porque ali encaixou uma bandeira santa nele, aí ele se transforma em mastro bento. E aí levanta o mastro. Ela comemora uma via sacra, porque vem desde lá do altar, cada trecho que o cantador canta ele faz uma parada até chegar no mastro onde vai ser levantado, aí ele vai encaixa bandeira, encaixa coroa que faz o acompanhamento daquela bandeira, só aí pode levantar o mastro, aí depois que levantar o mastro, aí que vem pra dentro aí ele volta novamente lá no altar, depois que coloca os santos que estavam fazendo o acompanhamento, aí que vem o momento da reza, que aqui eles têm muita reza cantada, né, aí vem aquela reza cantado, tira a reza depois da reza vem a comemoração do Cururu, aí completa conforme se for a noite inteira, vai até a noite inteira, senão ele vai até um tempo aí a turma para e começa outro ritmo de festa¹⁵ (BF, 78 anos).

Conversando com os festeiros em geral, percebemos o quanto a Festa e muitos dos elementos que a compõem são instituídos como sagrados pelos participantes. Isso fica claro na fala do senhor BF, 78, quando fala do mastro bento (Imagem do mastro em anexo). O objeto que poderia ser apenas uma madeira longa e enfeitada passa a representar a santidade, a partir do momento em que a ela são agregados a bandeira e a coroa, sendo exaltado e reverenciado por todos. Nesse sentido, os festeiros e participantes vão se identificando não só com o mastro, mas também com a bandeira, reconhecendo-os como santos e atribuindo a eles méritos divinos.

O mesmo se observa com o objeto sacro da cruz, que poderia ser apenas a composição de duas hastes sobrepostas, elaboradas de materiais diversos, mas, segundo o cristianismo, Jesus Cristo foi pregado na cruz, o que atribui a este objeto um caráter fortemente divinal. Sendo ele santo, também santificou a Cruz, bem como tudo que fora por ele tocado. De nenhum desses símbolos pode-se dizer que foram transformados pela presença de Cristo neles. Eles deixam de ser os mesmos para serem santos.

Levando em consideração essa simbologia, os festeiros buscam na fé força para viverem as dificuldades terrenas, e também são confortados por acreditarem que Cristo, aquele que morreu na Cruz para nos redimir dos pecados, foi uma criança nascida de uma família simples na qual o pai era um carpinteiro e a mãe uma mulher forte e trabalhadora,

¹⁴Trata-se de uma madeira alta e cuidadosamente ornamentada, pintada com as cores do santo da festa, enfeitado com fitas coloridas que também devem respeitar a cor do santo homenageado.

¹⁵Trecho da entrevista com o senhor BF, 78 anos, ao ser perguntado sobre o porquê de se usar mastro e a bandeira na festa de santo.

igual à maioria das mulheres pobres que participam da festa. As pessoas se identificam com Deus e buscam Nele a certeza de que serão atendidas “eis que estarei com vocês todos os dias de suas vidas” (Hebreus, 13:5). Acredita-se que essa e outras promessas feitas por Jesus transmitem alento para as pessoas suportarem os sofrimentos humanos.

Buscamos sentido e força de superação para nossos problemas olhando para a dor e o martírio do crucificado, isso ajuda os seres humanos a aceitarem suas dificuldades como cruzes que devemos carregar e nos conformarmos com os tempos difíceis por que passamos, acreditando que tudo é providência divina e que Deus ama e cuida de seus filhos. Isso fica claro em Isaias 43.

Eis o que diz o senhor, nada temas, pois eu te resgato, eu te chamo pelo nome, és meu. Se tiveres de atravessar a água, estarei contigo. E os rios não te submergirão se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e a chama não te consumirá. Pois eu sou o senhor teu Deus, o santo de Israel, teu salvador. Dou o Egito por seu resgate [...] És precioso a meus olhos, porque eu te aprecio e te amo, permuto reinos por ti, entrego nações em troca de ti (ISAIAS, 43: 1.4).

O sacrifício da Cruz é a mediação entre Deus e as pessoas, assim como a fé é o elo de aproximação entre nós, seres humanos, e Deus. Nesse sentido, buscamos na fé alívio para as dores e aflições do mundo, isso justifica o ritual de adoração não só à Santa Cruz, mas também aos santos e a todos os objetos sagrados que compõem a festa. Westhelle (2008) nos oferece um comentário apropriado.

A opção preferencial de Deus pelos pobres, os excluídos, as pessoas que sofrem doença devastadora, é uma redundância na medida em que essas são as pessoas que por se saberem como tais, e na medida em que o fazem, estão dispostas a se fiar na graça de Deus que as erguerá (WESTHELLE, 2008, p. 68).

Para o catolicismo, a fé diminui a inquietação dos que sofrem que se acomodam diante da certeza de estarem sendo ouvidos e atendidos em suas súplicas, pois a Cruz de Jesus não representa a derrota do Cristo, mas a vitória Dele sobre a morte. É interessante perceber como a santificação da Cruz está presente na celebração da festa, dando mérito divino a tudo que a representa. A Cruz adquire características e poderes do próprio Deus. O hino de Santa Cruz é entoado durante todo o processo de preparação da festa, todos os participantes conhecem o hino, mas poucos refletem sobre a letra que retrata a crença em Jesus. Segundo as estrofes, Jesus soube com antecedência que seria morto na Cruz para livrar o povo do maldito

cativeiro, que pode ser entendida como o pecado, a desigualdade social, racial e outras mazelas sociais e, pela Cruz, seríamos benditos, ou seja, libertos da opressão.

Nesse sentido, a bandeira de Santa Cruz não é apenas um pedaço de tecido, é tida como santa porque nela está a imagem da Cruz, um objeto bento que os festeiros bem como os anfitriões que a recebem veneram, pedindo bênçãos. Fazem isso cobrindo a cabeça com o estandarte e fazendo o sinal da Cruz. É possível perceber essa santificação da Cruz em vários momentos: no hino de Santa Cruz, no mastro e na bandeira.

Os símbolos não são para serem entendidos, mas um sinal para serem sentidos e isso transcende a razão humana. Oprimidos e marginalizados se identificam com o símbolo da Cruz pelo sofrimento e sacrifício de Jesus, se conformam com o sofrimento pensando que, se Cristo morreu na Cruz por nós, e fazendo a vontade de Deus pai, nós também devemos carregar nossas cruzes e sofrer conforme o desejo de Deus. Para melhor entendermos o sentido que o símbolo da Cruz assume na vida das pessoas, recorremos a Westhelle (2008) que escreve:

Por nossas cruzes conduzidas à cruz de Cristo em batismo diário. A cruz de Cristo estabelece que, naquela cruz, foi derrotado. [...] O sofrimento adquire sentido porque seu poder é cancelado na palavra justificadora de Deus que é anunciada no Batismo, ao qual retornamos diariamente (WESTHELLE, 2008, p.90).

Alguns dos processos psicológicos descritos aqui assumem essa forma apenas para a religião católica, por isso, ao sair com a bandeira de Santa Cruz, os rezadores não costumam ir a residências de moradores evangélicos. Durante o processo de observação, percebemos que uma das raras situações em que os tocadores silenciam suas vozes e seus instrumentos é no momento em que passam diante de igrejas evangélicas, uma demonstração de respeito a outras religiões. Embora me houvessem relatado que em anos anteriores uma senhora evangélica recebeu a bandeira dizendo que havia sido católica, mas mudara de religião.

Em Porto Estrela – município próximo a Barra do Bugres – durante a passagem da bandeira pelas ruas, encontramos um senhor admirando aquelas pessoas que no domingo cedo caminhavam e cantavam com a bandeira. Fomos até ele conversar, mencionou ser evangélico, mas disse admirar essa tradição e que, por ser uma manifestação cultural, não se deve deixar morrer.

Isso nos ajuda a refletir como há uma grande devoção e respeito para com a tradição desse povo que busca na religiosidade força e alegria para vencer as dificuldades do dia adia. Por isso, a grande responsabilidade deste trabalho é não desconsiderar os valores, signos e significados apresentados na festa. Isso torna nossa investigação um grande desafio, pois tudo isso é um ato de fé, portanto não pode ser explicado apenas com os olhos da razão, considerando que quaisquer tentativas apenas racionais certamente deixarão lacunas.

Na cadência da história, o Cururu se transforma e se mantém, pois apesar do orgulho e da afirmação por muitos de que essa forma de expressão nasceu em Mato Grosso, pesquisas nos mostram que sua origem vem da cidade de São Paulo, mais precisamente da região do médio Tietê. Na literatura mato-grossense, já há relatos dessa origem, como escreve Milton Pereira de Pinho Guapo (s.d) sobre o bandeirante paulista Antonio Pires de Campos que, no século XVIII, veio a Mato Grosso para explorar a baixada cuiabana. O autor relata que:

O trecho histórico foi: saindo de Porto Feliz (SP), pelo rio Tietê até o rio Paraná, na margem direita, está o rio Pardo que foi subido até a cabeceira do Planalto de Camapuan onde se passa para o rio Taquari, um dos afluentes do Paraguai, que foi subido até um dos seus afluentes o rio São Lourenço, na margem esquerda, e logo depois o rio Cuiabá e deste até o local da cidade, trecho abandonado logo, devido ao fator tempo e à complexidade do caminho, ficando pelo estuário do Prata, como mais aconselhável, pois era mais povoado e diminuía os riscos (GUAPO, [s.d] p.10).

Os elementos componentes desse fragmento revelam que, apesar de ter sido breve o período de uso dessa rota fluvial, foi o bastante para deixarmarcas culturais tão fortes que ainda hoje sobrevivem. Embora o Cururu paulista tenha características divergentes do Cururu mato-grossense, percebe-se, como veremos adiante, que em alguns pontos eles se assemelham. Vejamos a definição do paulista e do mato-grossense sobre o Cururu de Mato Grosso. Para o paulista, o Cururu é um “costume primitivo e religioso encontrado no Mato Grosso, tocado ao som de violas de cocho, cujas terras foram fundadas por bandeirantes sorocabanos” (CAVALHEIRO, 2003, p.05). Já para o mato-grossense:

Cururu é a cantoria mais autêntica da baixada cuiabana. É realizada em festas religiosas e populares [...] O Cururu é canto primordial do folclore matogrossense. A cantoria do Cururu se classifica em sacra e profana. A sacra também chamada de função ou porfia acontece em oração ao santo de devoção. A profana é acompanhada pelos desafios e versos dos trovadores (GUAPO, [s.d] p. 17).

Enquanto, para o paulista, o Cururu de Mato Grosso é algo primitivo e de origem paulista, para o mato-grossense, o Cururu é originalmente da baixada cuiabana, mas em

alguns pontos eles se relacionam, indicando que é uma expressão coletiva que migrou de um estado para outro. A partir de análise bibliográfica, observamos que alguns vocabulários são comuns entre os cururueiros paulistas e mato-grossenses. Garuti (2003) fala da “linguagem desenvolvida a partir de agrupamentos sociais e/ou profissional” (p. 22), dando origem ao vocabulário usado pelos cururueiros. Porém alguns termos são usados com frequência pelos cururueiros mato-grossenses. As palavras comuns ao universo dos cururueiros de São Paulo e do Mato Grosso, dentre o vasto vocabulário usado pelos eles, são: **baixão**: que é o bate e rebate de versos; **cantador**: o repentista de Cururu que trova o repente; **carreira**: sequência de rimas com o mesmo tema; **festeiro**: o responsável pela festa, geralmente festa de cunho religioso; **função**: apresentação do Cururu; **louvação**: elogio, saudação aos santos; **pricipiante**: cantador iniciante; **repente**: versos de improviso; **rio abaixo**: ritmo de toque da viola; **tão**: tom da música; **toada**: música que acompanha o Cururu.

Em relação ao Cururu mato-grossense, os homens o cantam em duplas, mesmo que haja vários cururueiros, as duplas se revezam no momento da cantoria. Todos os cururueiros podem tocar, mas cantar somente em duplas, que se alternam na medida em que vão cumprindo sua missão. Essa alternância de cantadores que rezam cantando acontece num percurso que vai do altar preparado para o santo da festa até o mastro. Logo depois de levantar o mastro – esse momento é indicado pelos cantadores – os cururueiros cantando pedem que se rodeie o mastro e em seguida voltam-se para o altar para cantar em louvor aos santos, só depois se reza a ladainha, que, na festa de Santa Cruz, é rezada em latim.

Apesar de em alguns aspectos as mulheres tenham sua ascendência, no Cururu elas continuam executando somente aquilo que os cururueiros determinam, ou seja, o papel da mulher no Cururu é levar os santos, responder ao refrão da ladainha etc. O Cururu é tocado e cantado somente por homens, pois, segundo eles, as mulheres não dariam conta de cantar e tocar a noite inteira, com um complicador, os cururueiros costumam combater o cansaço e melhorar a voz tomando doses de cachaça curtida com raízes como: raiz de bugre, amburana, arnica, sucupira, capim cidreira, o que faz da pinga quase um coquetel medicamentoso constituído não a partir do conhecimento científico, mas do conhecimento popular. Apesar da mulher não tocar o Cururu, o seu pensar e agir na festa é fundamental, pois a inter-relação entre as pessoas enriquece as relações e assegura a passagem e a permanência da manifestação. Essa distribuição de papéis e funções na festa expressa o que vivemos em âmbito mais amplo na sociedade e, assim, podemos dizer que a festa tem também a função de

preservar certos valores e comportamentos no que diz respeito à questão de gênero; assunto questionado pela sociedade contemporânea que reivindica a igualdade.

Marien faz um breve relato em seu livro *Era Um Poaieiro*, no último capítulo, também denominado *Era Um Poaieiro*, o autor narra uma festa em homenagem a São Sebastião realizada no município de Barra do Bugres.

Depois do jantar foram todos para a sala, para a reza, que o capelão tirou numa voz de falsete aguda que dominava os resposos desafinados do povo. Depois da reza as mulheres retiraram-se para os fundos, deixando a sala para os homens, diante da imagem do santo, enfeitada de guirlandas multicores, os homens começaram o cururu. Andando e cantando, um atrás do outro, formando uma roda, iam dançando, acompanhando-se de violas e caracachás. De quando em quando, um deles ia lá dentro tomar um gole de pinga (MARIEN, 2008, p.180).

A descrição apresentada por Marien retrata uma forma de vivência das comunidades tradicionais de Barra do Bugres, assim como dos povos do Mato Grosso que vem passando de geração em geração ao longo do tempo. Outra característica do Cururu é a arte do improviso, no momento da ladainha os tocadores têm todo um ritual religioso a seguir, passando esse momento, eles se divertem fazendo repentes que exigem grande habilidade para improvisar sobre temas reais de suas vivências.

Passagens bíblicas, elementos da natureza e amores são alguns dos temas cantados pelos cururueiros, por isso o Cururu é considerado sagrado e também profano. Nesse sentido, é importante ressaltar que os espaços do ritual são bem delimitados, ficando claro o momento sagrado de levantamento do mastro, de louvação ao santo da festa, a São Gonçalo; já os momentos profanos são descontraídos, sem compromisso com a repetição ritualística que deve ser seguida de acordo com os costumes.

Vale destacar que o repente é um recurso muito usado nas culturas rurais. Valendo-se da oralidade, o improviso é uma forma de fazer cantoria sem necessidade de leitura. A repetição dos rituais e a arte do repente nos levam a refletir, pois a maioria dos cururueiros são senhores analfabetos, portanto o ato de repetir a ritualização da festa e a improvisação dos repentistas talvez seja essencial para a manutenção da cultura. No texto exposto por Canclini, essa afirmação é reforçada.

Na nossa América, onde o analfabetismo começou a ser minoritário há poucos anos e não em todos os países, não é estranho que a cultura tenha sido predominantemente visual. Ser culto, então, é apreender um conjunto de

conhecimentos em grande medida icônico, sobre a própria história (CANCLINI, 2006, p.162).

Embora os senhores mestres da cultura mato-grossense não tenham tido a oportunidade de serem alfabetizados, ainda assim, mesmo que não se dêem conta, encontraram uma estratégia de preservar suas raízes. Esse processo de repassar os conhecimentos aos mais jovens garante a conservação dos hábitos em todos os setores da cultura seja no artesanato, na música, na dança, culinária etc.

Geralmente os próprios cururueiros são os artesãos que confeccionam seus instrumentos. A viola de cocho é feita da chimbuveira, mangueira, figueira e sarã – árvores nativas do cerrado. A chimbuva é a preferida dos fazedores do instrumento, pois é madeira macia de fácil escavação, técnica para a fabricação da viola, canoa, pilão. A chimbuveira demora de 5 a 6 anos para estar pronta para o corte e se transformar em viola, e, com uma árvore apenas, se faz uma média de nove violas. Os cururueiros preferem a chimbuveira devido à qualidade do som que a viola produz, segundo os tocadores isso se dá devido à posição das fibras da madeira. Para eles tocar viola de cocho é igual a abraçar moça bonita, por isso cantar e tocar faz deles meninos novamente.

Para animar as festas, além da viola de cocho, instrumento genuinamente do pantanal mato-grossense, também acompanha os cururueiros o ganzá ou caracachá (expressão usada por Mariem, 2008), um instrumento confeccionado a partir da taboca marcada por cortes de faca em espiral e rachada para emitir o som do reco-reco tocado com o osso da costela do boi. Esse instrumento, também chamado de ganzá, emite um som alto que acompanha o ritmo da viola de cocho.

Com esses instrumentos e muita disposição, os cururueiros fazem da festa um momento de devoção e descontração. Ressaltamos que as comunidades ribeirinhas, primeiras a se formarem às margens dos rios de Mato Grosso, conservam o hábito de produzir seus próprios utensílios, instrumentos musicais, a partir das necessidades e das matérias-primas disponíveis, como barro, madeira e algodão para fiar e tecer as redes tão usadas até hoje.

Nas festas, após tirar o Cururu, os tocadores se organizavam geralmente nos fundos dos quintais para dar início ao Siriri, uma dança tão singela que mais parece uma brincadeira de criança. De fato, o Siriri era uma brincadeira dançante praticada por todos. O Senhor MF (01) e BF (02), ao serem perguntados sobre como costumavam brincar quando crianças nos dão pistas do caráter ingênuo da dança.

(01) - Sinceramente eu era apaixonado pelo Siriri, eu gostava do Siriri, tinha o Siriri que agente brincava que era igual a esse bumba meu boi, né, mas só que a letra é bem diferente do bumba meu boi né, é quase idêntica a essa então agente fazia o boi bravo na arena então ali eu gostava demais, tinha vários tipos de Siriri, mas aquele ali era a minha paixão (MF, 53 anos).

(02)- Toda vida o Siriri foi uma brincadeira, hoje já mudaram até as roupas. Com uma coreografia sem graça, eu acho uma coreografia sem graça, mas certamente por causa da época de hoje, todas as coisas mudaram então a coreografia se torna até um incentivo pra quem não conhece. Para aqueles que não sabem o que é o Siriri, fica bonito (BF, 78 anos).

O Siriri é uma dança democrática, pois homens, mulheres e crianças podem participar. O baile que no passado avançava noite adentro, com o Siriri tocado com a viola de cocho, ganzá e mocho, hoje se tornou mais breve, pois foi substituído pelo som eletrônico. A música eletrônica ocupou tanto os momentos das festas que, durante a festa de Santa Cruz de 2011, o Siriri só foi dançado por um grupo de alunos que se apresentaram (Imagens do Siriri no festival de Cuiabá em anexo).

O São Gonçalo não foi dançado, pois, segundo os participantes, o volume do som eletrônico os impediu, sendo praticado apenas o Cururu. São os cururueiros que dão os comandos para levantar o mastro, reverenciar o santo, encaixar a bandeira e a coroa no mastro. Enfim, os cururueiros ainda se fazem necessários nas festas de santo. Mesmo que eles não participem ativamente do processo de preparação da festa, o ápice da comemoração ainda acontece sob o comando deles (Imagens dos Cururueiros na festa de Santa Cruz em anexo).

O Siriri é dançado em roda ou em fileira, os participantes formam pares e se movimentam numa coreografia alegre que lembra uma brincadeira, os partícipes batem palmas sozinhos e entre os pares rodopiam em sentido horário, trocam de lugar e respondem aos refrões das músicas o tempo todo. Martins Junior, no livro *Revendendo e Reciclando a Cultura Cuiabana*, observa que:

A dança do Siriri tem influência musical dos grupos étnicos que formaram nossa comunidade: o português com seus rodopios lembrando os fados; o negro com seus batuques cadenciados e gingados matreiro, com o ritmo quente da região do Bantu e Guiné, na África; o índio com a sua simplicidade cheia de misticismo de movimentos cadenciados efetuando várias coreografias e sons (MARTINS JUNIOR, 2006, p. 79).

Essa observação feita por Junior teve origem na própria vivência do autor e nos impulsionou na busca de outras versões quanto à origem do Siriri. Guapo, autor do livro *Remedeia Co Que Tem*, afirma que, devido à mistura afro-indígena-branca, a origem do Siriri ainda é discutida. Quanto ao nome Siriri, o autor diz que está ligado aos cupins de asas que

fazem um movimento coreográfico parecido com o folgado. Essa explicação se assemelha à do autor Martins Junior, quando diz que a palavra Siriri tem origem indígena, e refere-se aos formigões chamados Siriri que nos dias de chuva saem de buracos e ficam rodopiando. Uma segunda possibilidade citada pelos dois autores refere-se ao que diz a professora Julieta de Andrade, que o Siriri é “uma suíte de danças de expressões hispano-lusitanas, fortemente aculturada, no ritmo e andamento, com expressão africana” (GUAPO, [s/d], p.18).

Essas justificativas nos permitem observar que, quando os povos trazem para o novo lugar onde habitam aspectos da cultura tradicional, revelam uma forma de se manterem próximos à suas raízes, dando sentido ao existir. Dessa maneira, preservam suas identidades, abrandam o sofrimento de estarem distantes da pátria e dos entes queridos.

Analisando os estudos realizados por Silva (2006), a respeito de uma comunidade de Poconé- MT, que trata dos festejos religiosos em homenagem a São Benedito e ao Divino Espírito Santo, percebemos que as características das festas por ela pesquisadas em alguns aspectos se assemelham à festa de Santa Cruz de Barra do Bugres. Vemostais semelhanças principalmente em relação ao tempo de preparação anterior à festa, que é o período de visitas às casas para recolher donativos, é um tempo que envolve muitas pessoas e está carregado de significados, porém muitos são tácitos.

Certeau (1996), em seu livro *A Invenção do Cotidiano 2*, revela que a casa é considerada um espaço privado e o ato de sair desse espaço para um espaço social, como o simples ato de andar pelas ruas, é efetuar uma ação cultural. Para o autor, os habitantes precisam se relacionar com vizinhos e lugares estabelecendo sinais sociais de entrada/saída, dentro/fora. Essa atitude é sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo social.

No decorrer dos preparativos da Festa de Santa Cruz, a ação cultural de entrar e sair referida por Certeau é algo muito explorado, devido ao longo tempo que antecede a festa. Nesse tempo, os devotos passam de casa em casa, cujos habitantes são católicos e aceitam que os festeiros entrem com a bandeira para cantar e rezar. Nesse período de preparação, os devotos vivem outro tempo de festa, pois o ato de fazer a ornamentação do ambiente, das roupas, a preparação de comidas típicas, coleta de doações, todas as ações que precedem a festa inserem as pessoas envolvidas num clima festivo.

A vida desses anônimos se transforma em momentos de descontração, produzindo e fortalecendo as relações sociais, isso torna simples trabalhadores em pessoas essenciais para a

realização da festa. Além disso, as pessoas que realizam e participam da festa demarcam seu espaço de pertencimento delineando suas identidades. Acostumados ao serviço braçal, eles se mostram e se sentem importantes, pois executam tarefas de grande apreço para que a festa se concretize. Grandó sintetiza essa ideia, fornecendo informações complementares acerca das práticas pedagógicas das festas.

[...] a festa que é organizada pelo povo, mantém na dinâmica do ritual a memória coletiva, a história, as raízes, permitindo àquelas pessoas simples e humildes, emergidas num processo de injustiça social, construir outra relação, outra pedagogia no espaço-tempo. Perante as outras pessoas se tornam autoridades, assim ganham “status” e o ritual permite, ao menos naquele período, eternizarem-se como detentores de poder e de sabedoria popular (GRANDO, 2007, p.49).

Assim, devemos ter em mente que a festa não é apenas uma descontração para os participantes, mas um momento de unificar-se com os sujeitos sem distinção de classe ou raça. As relações cotidianas são transformadas através do fazer, isso não se refere apenas à convivência, mas se traduz no ato de oferecer possibilidades de muitos saírem do anonimato para se tornarem artistas, que tocam instrumentos, cantam em louvor à Santa Cruz, ornamentam instrumentos e bandeira. Para isso, o conhecimento é essencial e a aquisição desse conhecimento se dá por acúmulo de experiências passadas, acontecimentos articulados por relações marcadas muitas vezes por sucessivos atritos.

Outro ponto alto da festa é o São Gonçalo. São Gonçalo em algumas festas é o próprio santo homenageado, mas quando a homenagem for para outro santo, como no caso da festa de Santa Cruz, São Gonçalo também é uma dança, executada somente quando há tocadores para tirar,¹⁶ já que não são todos os cururueiros que gostam de tocar esse ritmo, por se tratar de toques rápidos. Os tocadores já estão com a idade avançada e não têm muita agilidade. Grandó (2005, p. 33) diz que “A dança de São Gonçalo foi trazida pelos portugueses para a região na época do Brasil colônia, quando começou a colonização de Mato Grosso, o que justifica essa referência ao santo português”. O santo é considerado protetor das pernas e dos ossos, a festa desse santo é comemorada no dia 10 de janeiro.

Os cururueiros contam que São Gonçalo dançava a noite toda com as prostitutas, para que elas não pecassem. Os promesseiros costumam pedir e, se atendidos em suas preces, prometem dançar a noite inteira em homenagem a São Gonçalo, que também é considerado o

¹⁶ Tirar o São Gonçalo ou o Cururu é o termo usado pelos sujeitos da festa para definir o ato de tocar e cantar o São Gonçalo ou o Cururu.

santo casamenteiro das velhas, como mostra a estrofe de uma das tantas músicas que homenageiam o santo: *São Gonçalo do Amarante Casamenteiro das velhas/ Porque não fez casar moça/ Que mal que fizeram elas (Toada de São Gonçalo, autoria desconhecida).*

De acordo com a música, o casamento é uma benção e é desejado pelas moças. Nos moldes mais tradicionais, o matrimônio tem como princípio constituir famílias e garantir a descendência. Quando não se realiza é como um castigo, porém hoje esse é um ato voluntário, mas ainda muito valorizado por algumas sociedades, sendo assim, as mulheres solteiras e especialmente as mais velhas são pejorativamente chamadas de titias ou encalhadas. Diante disso, as moças velhas que não se casaram recorrem a São Gonçalo para realizarem esse desejo. Na festa, o santo homenageado ocupa lugar de destaque nas salas, ou em altares ornamentados com flores artificiais coloridas e com fitas multicores (Imagem do altar em anexo).

Os festeiros e a comunidade que participam da festa se reúnem para louvar o santo, é rezada a ladainha, que na festa de Santa Cruz ainda é rezada em latim. Guapo, em seu livro *Remedeia co que tem*, define a ladainha como um resto de canto gregoriano e indígena que plasmou na população do cerrado e da Baixada Cuiabana, criando conotação própria. “Foram adaptados para as rezas e cânticos da religião católica em novenas e oferendas do dia da festa” (GUAPO, [s.d], p.30).

Os festeiros têm orgulho de ainda preservar na festa de Santa Cruz a reza da ladainha em latim, tradição tão antiga quanto apreciada por todos os envolvidos nos festejos. Para algumas pessoas, é apenas uma repetição das falas sem saber ao certo o que dizem, mas participar torna-se importante, mesmo porque se trata de um latim que sofreu influências, portanto algumas palavras já foram traduzidas, por isso é possível compreender umas poucas palavras, tornando o hábito mais familiar.

Segundo os participantes, essa tradição foi preservada graças à dedicação do senhor Jovino Ramos, que, como historiador, estudioso e amante da cultura mato-grossense, não economizou nem esforço nem dinheiro para propagar essa tradição.

Essa prática religiosa somada a várias orações populares chega aos nossos dias numa edição corrigida e ampliada para ser um autêntico relicário religioso do povo cristão e tem sua credibilidade amparada no confronto dos antigos livros da igreja católica que por séculos teve o latim como língua oficial da sua liturgia (RAMOS, 2004, p.07).

O professor Jovino Ramos ensinou o latim a alguns dos mais dedicados participantes. Hoje, mesmo com sua morte, o ritual festivo inclui a reza da ladainha em latim, não só na festa de Santa Cruz, mas os capelães e as rezadeiras são convidados a tirarem a ladainha em outras festas de santos.

Pode-se perceber a procura de capelães para a reza da ladainha com um sentimento de ambiguidade, pois é um motivo de orgulho que a ladainha seja praticada em todas as festas de santo, inclusive na Aldeia Umutina, onde é vista como uma forma de preservação da cultura. Porém, é um fator preocupante, pois as rezadeiras e os chamados capelães estão cada vez mais difíceis de serem encontrados, levando-nos a pensar que, se os jovens não aprenderem, a tradição se acabará com a geração atual. Nesse caso, a festa é o princípio articulador entre as pessoas envolvidas que buscam integrar pessoas e desenvolver nelas o interesse pela tradição.

O ritual festivo de Santa Cruz agrega o sagrado ao profano, estabelecendo sentidos aos saberes de um grupo, possibilitando o reconhecimento da tradição que fortalece a história e a identidade das pessoas envolvidas por meio das relações humanas em que a elaboração e reelaboração das práticas são revigoradas a cada festa. Ressaltamos que entendemos o conceito de tradicional nesse aspecto, como o que é revigorado nos gestos, símbolos, rituais e hábitos.

A culinária da festa é uma realização à parte, os preparativos demandam muitos esforços e dedicação de todos os envolvidos. Um cardápio variado de bebidas, doces e comidas típicas é servido nos dias de festa. O ensopadão – prato muito apreciado pelos festeiros – feito de carne com osso, como costela, cozido com muitos legumes, é uma iguaria servida na maioria das festas de santo. Por ser relativamente barato, o sarapatel também é considerado o prato principal a ser servido na festa. Como nos relatou o senhor BF em entrevista, “festa sem sarapatel e sem Cururu não tem graça”.

As bebidas tradicionais são os licores, como o aloá, bebida à base de milho torrado com canela socado no pilão, depois de socado acrescenta-se água. Na Bolívia se usa bebida semelhante, porém fermentada. O aloá é uma bebida bastante conhecida pelos moradores mais antigos de Mato Grosso. Nas festas atuais, não é encontrado com frequência, hoje a bebida favorita das pessoas que frequentam as festas é a cerveja, que é comercializada como forma de ajudar nos gastos feitos na realização da festa. O licor de leite era mais apreciado no passado, porém os tocadores de Cururu ainda continuam preferindo a pinga, de preferência as

curtidas com raízes. Para se revigorar, os cururueiros cultivam o hábito de pela manhã tomar o guaraná de ralar¹⁷, ao qual acrescentam água e açúcar. Segundo os apreciadores dessa bebida, trata-se de um produto afrodisíaco.

Não se pode esquecer o famoso e tradicional chá com bolo, o chamado “tchá cô bolo”, que é servido no início do dia a todos os presentes. São vários biscoitos e bolos, à base de fubá, arroz, queijo, polvilho, feitos com antecedência, acondicionados em grandes latas e servidos na manhã da festa. O trigo é pouco usado na confecção dos bolos, já que as comunidades ribeirinhas cultivavam basicamente o milho, a mandioca e o arroz, influenciando, obviamente, na alimentação da população que produzia seu sustento a partir desses ingredientes. Do milho se faz o aloá, o bolo de milho, o pixé – uma mistura de milho torrado com canela e açúcar – excentricidade que rendeu música, que fala do pixé e da infância que não volta mais. O arroz, além de ser o alimento basilar do dia adia, também é o principal ingrediente do bolo de arroz; da mandioca se extrai o polvilho para dar origem aos bolos, bejus e tapiocas. Hoje a Festa de Santa Cruz já não faz o chá com bolo devido ao custo elevado e ao trabalho no preparo dessas iguarias.

O levantamento do mastro acontece na primeira noite de festa e, na manhã seguinte, no café da manhã seria servido o chá com bolo a todos os presentes. Infelizmente com a modernização da festividade e o cunho comercial que a comemoração de Santa Cruz tomou o hábito do chá com bolo na manhã seguinte ao dia da festa já não é praticado. Nas festas de santo de menor porte que envolve as famílias e os amigos próximos, sem fins comerciais, a tradição do chá com bolo ainda é frequente.

Ao abordarmos a questão da culinária, não podemos deixar de destacar a influência dos grupos determinantes, como o predomínio das culinárias indígena e africana que há nos pratos típicos. Os alimentos da população tradicional mato-grossense são em sua maioria oriunda de ingredientes retirados da própria natureza, como peixes, carnes de caça, milho, mandioca, banana e arroz, alimentos adquiridos ou cultivados pelos indígenas, que, apesar da influência de outros povos, ainda permanecem como a base da culinária cuiabana. A organização do cotidiano permite que os hábitos e crenças dos povos barrabugrenses sejam recriados deixando suas marcas e resistindo ao tempo.

¹⁷ O guaraná de ralar se apresenta em forma de bastão, e usa-se a lima de afiar faca para ralar. A lima é também conhecida como groza.

A tradicional Festa de Santa Cruz foi iniciada há mais de 50 (cinquenta) anos nas dependências da igreja que também leva o nome de Santa Cruz, lugar onde muitos devotos pediam proteção para seus entes queridos, quando estes se embrenhavam na mata enfrentando animais e insetos perigosos em busca da poaia¹⁸, primeiro produto de exploração econômica da região, que envolvia a população nativa – povos indígenas e mestiços, no “desenvolvimento” econômico da região.

Em agradecimento pelo retorno dessas pessoas com vida, as mulheres e crianças que ficavam em casa festejavam vários dias juntamente com seus maridos, filhos, amigos, parentes e vizinhos que retornaram da mata. Portanto a festa de santo, além de devoção religiosa, é uma celebração à vida e à amizade.

Podemos perceber a devoção do povo barrabugrense nas palavras do professor Jovino Ramos¹⁹ que manteve uma estreita relação com a cultura de Barra do Bugres se destacando no campo da literatura, publicando vários livros fundamentados na vivência das pessoas daquele município.

Se as suas paredes falassem contariam os milhares de pedidos murmurados ali por mães, esposas, filhas e filhos; por comerciantes, por muita gente, sem distinção de classe social. O que pediam? A proteção divina da Santa Cruz aos seus entes queridos alojados precariamente no fundo das matas, durante meses, brigando com onças, outras feras, bichos peçonhentos e doenças. Precisavam extrair as raizinhas valiosas de ipeca. Era o modo heroico de sobreviverem. Contariam também (as paredes) os agradecimentos emocionados ali aos pés da imagem de Cristo crucificado. Em outras palavras, a Igreja de Santa Cruz de Barra do Bugres é um patrimônio histórico do município (RAMOS, 2004, p.06).

O professor Jovino Ramos tornou-se uma figura fundamental para manter a tradição da Festa, era nele que todos os festeiros buscavam inspiração e apoio. Segundo alguns moradores daquele município, o senhor Jovino era o baluarte da cultura.

É importante lembrar que a Festa de Santa Cruz deixou de ser comemorada durante 20 anos²⁰ juntamente com a festa, em 1991, também a Igreja quase deixou de existir. Queriam transformá-la em oficina mecânica. Felizmente com o empenho do professor Jovino,

¹⁸ Poaia, (cephales ipecacuanha) – ipeca, uma planta rasteira cuja raiz denominada popularmente poaia foi de grande valor na indústria farmacêutica, no tratamento do aparelho respiratório, digestivo. Encontrada em meio à mata do cerrado (MORAES, 2004, p. 12).

¹⁹ Natural da cidade de Cáceres, o professor mudou-se para Barra do Bugres em 1968. O professor e escritor Jovino Ramos dedicou-se durante muitos anos de sua vida à realização da festa de Santa Cruz. Segundo os festeiros atuais, a festa perdeu muito de seu brilho com a morte do Sr. Jovino.

²⁰ Sobre esta lacuna de 20 anos nas comemorações não encontramos maiores informações junto aos entrevistados.

nesse mesmo ano, criou-se o Centro de Tradições Mato-grossense (CTM) que retomou a festa de singular importância para as pessoas daquele município.

Com a criação do CTM, foi redigido também um estatuto que dedica alguns artigos para tratar do processo de preparação da Festa de Santa Cruz. Situação vista por muitos como positiva, sabendo-se que assim foi possível retomar a prática da Festa de Santa Cruz. O estatuto do CTM foi publicado no Diário Oficial de Mato Grosso em 16/11/1994, registrado sob o nº 178, fls. 93 do livro do cartório do 1º Ofício de Barra do Bugres, em 15/12/1994. Os artigos que tratam exclusivamente da Festa de Santa Cruz:

Cap. I

Art. 3º. Zelar pelas tradições do município da Barra do Bugres, sua história, seus usos e costumes.

a- Desenvolver atividades visando à defesa e à divulgação do patrimônio cultural, ambiental do município e do estado.

Cap. IV- Das disposições gerais.

Art. 27. O *CTM* realizará anualmente, na primeira semana do mês de maio, a festa tradicional de Santa Cruz do dia 03 (três) de maio como forma de resgate da antiga tradição do lugar.

Art. 33. O presente estatuto do *CTM* de Barra do Bugres entra em vigor a partir da data de sua publicação.

Lei de utilidade pública municipal nº. 1.004/95

Lei de utilidade pública estadual nº. 6.951/97.²¹

O regimento interno do CTM se constitui num desdobramento do seu estatuto. Nesse regimento, o artigo 10, a e b, trata da prestação de contas ampla e geral da Festa de Santa Cruz prevista no art. 27 do estatuto.

A festa investigada acontece no mês de maio no município de Barra do Bugres, localizado a 155 quilômetros da capital Cuiabá. Limita-se geograficamente com Nova Olímpia, Tangará da Serra, Denise, Pontes e Lacerda, Alto Paraguai, Porto Estrela, Salto do Céu, Jaurú, Reserva do Cabaçal e Lambari d'Oeste.

O senhor MJF foi questionado se na infância os seus pais faziam festa de santo, ao que nos respondeu que os pais e avós foram festeiros da Festa de Santa Cruz. Não encontramos registros marcando o início da festa, mas, considerando a idade do entrevistado e

²¹ Fonte: Estatuto do C.T.M, (Centro de Tradições de Mato Grosso) de Barra do Bugres.

que os avós e pais participavam dela, podemos dizer que se não é uma comemoração centenária está próximo disso.

Outro aspecto que acreditamos como importante a ressaltar são as mudanças que ocorrem no campo religioso. Com o crescimento significativo das igrejas não católicas, aqui uma referência às igrejas evangélicas, há um grande número de católicos migrando para os cultos evangélicos, o que dificulta a entrada da bandeira nas casas. Percebemos até mesmo certa rivalidade entre os fiéis da religião católica e os religiosos evangélicos na aldeia indígena que visitamos com a bandeira de Santa Cruz. É possível até mesmo pensar que existe uma luta de poder e forças, pois uma religião ou crença existe e subsiste graças ao número de fiéis que ela tem. Sendo assim, todo aquele que de alguma forma oferecer ameaça à continuação de certa crença não será bem visto.

4.1 As festas que antecedem à Festa

Analisando as representações culturais mato-grossenses e acompanhando a bandeira de Santa Cruz, vislumbramos panoramas do cotidiano dos moradores do município de Barra do Bugres que contribuiram para percorrermos a memória dessas pessoas, e analisarmos as narrativas dos artesãos, cururueiros e simpatizantes da cultura de Barra do Bugres.

Para entrarmos no universo da festa, fazemos antes um relato do ritual da benção da bandeira de Santa Cruz, a partir de nossas observações nos acompanhamentos da bandeira. Descrevemos as entradas nas casas dos devotos com a bandeira de Santa Cruz e saídas delas, porém, mais do que acompanhar a festa, buscamos compreender o sentido dela para desvelar as identidades que nela se apresentam.

A Festa de Santa Cruz é só uma dentre tantas que presenciamos, pois a cada dia com a saída da bandeira presenciamos uma festa, em cada casa que adentramos participamos de uma nova comemoração. Caminhando, cantando, seguindo o hino de Santa Cruz e outras canções, havia sempre muitos risos e alegria. É a arte do bem viver que a maturidade ensina, parece que a alegria é constante na vida daquelas pessoas, eles levam a vida brincando, mas não brincam com as responsabilidades. As mulheres são fundamentais para a organização e o cuidado com os detalhes. Os homens, sob a luz do sol ou da lua não desanimam, entoam músicas que dão o ritmo das muitas festas que acontecem a cada dia.

Em 2011, os preparativos para a festa iniciaram-se no dia 10 de março com a reunião dos festeiros que foram escolhidos no ano de 2009. Como em 2010 não houve a festa por motivos que nos serão informados posteriormente, os festeiros para 2011 permaneceram os escolhidos com antecedência, em 2009.

O ato de escolher os próximos festeiros é a última fase do ritual da festa vigente, e a primeira fase da festa do próximo ano. No decorrer das entrevistas, algumas pessoas ficaram receosas em informar porque não houve a festa em 2010, outras falaram sucintamente sobre a não prestação de contas do antigo presidente do *CTM* com a receita federal e com os demais membros do Centro de Tradições Mato-grossense, isso despertou a desconfiança e o descrédito do presidente junto à população e ao comércio, por isso a festa foi interrompida naquele ano até que outro presidente fosse eleito. Vale lembrar que o presidente que deixou de realizar a festa em 2010 é filho do senhor Jovino Ramos, uma das pessoas que mais lutou para a continuidade daquela manifestação cultural. Esse fato nos ajuda a pensar sobre a não valorização da cultura pelas novas gerações.

Todos ansiosos para começar o ritual festivo de Santa Cruz. Iniciaram-se as preparações preliminares da festa, que consiste em reunir os festeiros e devotos na igreja de Santa Cruz para a benção da bandeira, afinal esse é um evento religioso. Sendo assim tudo deve acontecer com a devoção à Santa Cruz, para isso os devotos participantes, os festeiros e os músicos tocadores de sanfona, triângulo, bumbo, pandeiro e violão se reuniram para dar início às providências a serem tomadas para o grande dia da festa. Os senhores e senhoras vão chegando a partir das 17h para a reza do terço e da ladainha que deverá começar por volta das 19 horas.

Tendo como principais líderes o presidente e a vice do *CTM*, os organizadores se reúnem com o objetivo de dar início a todos os preparativos da festa que duram em média de dois a três meses, as ações vão desde a ornamentação com fitas coloridas da bandeira, dos instrumentos, a reza do terço, a reza da ladainha – motivo de orgulho dos devotos – e finalmente a benção do estandarte, feita pelo padre. Após todos esses momentos, a bandeira já está pronta para sair de casa em casa. Devidamente abençoado, o maior símbolo da festa pode agora bendizer os participantes da festa. Sendo assim, os festeiros e todas as pessoas que acompanham pedem a benção da bandeira, fazem isso se ajoelhando diante do estandarte, cobrindo a cabeça e fazendo o sinal da cruz. Com isso, todos estão prontos para saírem pelas ruas, anunciados pelos fogos, o que é um indicativo de que a bandeira está chegando e os

participantes cantam o hino que saúda os recebedores da bandeira, que apresentamos mediante consulta ao Devocionário Popular (p.35).

Deus vos salve santa cruz
 Com seus anjos acompanhados
 Lá no céu ficou escrito
 Que o mundo assinalava
 Que o mundo assinalava.
 Foi no dia três de maio
 Anunciada a santa cruz
 Tudo serviu de tormento
 Para o nosso bom Jesus
 Para o nosso bom Jesus.
 Deus vos salve santa cruz
 Benditos nela seremos
 Que na hóstia consagrada
 Meu Jesus de Nazareno
 Meu Jesus de Nazareno.
 Bendita ficou a cruz
 Porque nela morreu verdadeiro
 Para nos livrar do inferno
 Do maldito cativoiro
 Do maldito cativoiro.
 Deus é homem verdadeiro
 Nos braços daquela cruz
 Bendito e louvada seja
 Para sempre amem Jesus
 Para sempre amém Jesus

Com esse hino de louvor à Santa Cruz, os festeiros pedem permissão para entrarem nas casas simples dos moradores de Barra do Bugres, e se despedem dos anfitriões que os acolheram; a bandeira e os acompanhantes são recebidos com muito respeito e devoção. Na festa que antecede a festa, a bandeira é o elemento principal, ela vai à frente da procissão. Chegando às residências, é recebida com honras e veneração, e quanto mais humilde a morada mais devoção se consagra à notável bandeira de Santa Cruz. Ela é levada a todos os cômodos da moradia como se leva uma visita íntima para conhecer a casa pedindo, nesse instante, bênçãos para aquele lar e seus moradores.

Em nossas visitas às casas dos devotos, percebemos que a atitude de reverenciar a bandeira está presente, especialmente nas residências humildes. Nesse sentido, buscamos compreender tal comportamento e vimos que o sentido dos símbolos entre as classes sociais difere. Pode ser que essas mudanças de pensamentos com relação à importância dos símbolos se dêem por diferenças de interesses, pois apesar dos seres humanos terem necessidade da existência de Deus, seu tempo caracteriza-se por buscas materiais. Estando o ser humano envolvido numa dinâmica inacabada de aquisição de bem, ele permanece nessa busca distanciando-se dos símbolos espirituais que constituem a identidade religiosa, passando a ter como necessidade a relação com o corpo que está conectado com os bens materiais que a sociedade capitalista coloca como prioritários. Assim, apesar de todos terem necessidade de pertencer a grupos sociais, há interesses e devoções distintas.

Embora não seja regra, as famílias de melhores condições financeiras tendem a ver a vida religiosa como secundária. Observamos que as famílias economicamente mais favorecidas recebem esse símbolo quase como um favor prestado às pessoas que há dias caminham cantando com a bandeira nas mãos. Provavelmente essas famílias nem sabem da importância da bandeira de Santa Cruz para as pessoas que a carregam. Conforme destaca Canclini,

Ao sacralizar o espaço e os objetos e ao impor uma ordem de compreensão, organizam também as diferenças entre os grupos sociais: os que entram e os que ficam de fora; os que são capazes de entender a cerimônia e os que não podem chegar a atuar significativamente (CANCLINI, 2006, p.47).

Portanto, o ritual é um conjunto de regras subentendidas que são percebidas nas famílias menos beneficiadas financeiramente, em que há maior interação entre as pessoas, maior credibilidade aos mais velhos, bem como aos seus conhecimentos. Os membros da família recebem a bandeira juntos e têm uma intensa devoção e espiritualidade. Podemos perguntar: qual tem sido a função da religião na vida das pessoas? Este questionamento se faz pertinente na medida em que percebemos que alguns dogmas favorecem a aceitação das condições de existência.

Nos registros feitos no decorrer da pesquisa, percebemos que, ao contrário das famílias humildes, nas mais favorecidas apenas um membro da família recebe a bandeira, esse é sempre o mais idoso, enquanto os demais permanecem em frente à TV ignorando a visita da bandeira e de seus acompanhantes.

As reações diante da bandeira são diversas, todavia as pessoas sempre se colocam em posição de respeito, prostram-se, emocionam-se ao lembrarem-se da infância, de entes queridos, antigos festeiros, foliões de reis. A presença da bandeira reporta as pessoas a épocas passadas (Imagens da bandeira de Santa Cruz em anexo). O hino é entoado e aqueles que recebem a bandeira fazem doações para a realização da festa (alimentos, dinheiro), em muitos casos doam o que não podem, mas acreditam que ao doar receberão em dobro, pois como diz o dito popular “quem dá os pobres empresta a Deus”.

Para as pessoas que recebem a bandeira, essa visita é de extrema importância, muitos solicitam a bandeira em suas casas, especialmente se há alguém doente na residência, acredita-se que a bandeira santa tem o poder de curar as enfermidades. A fé das pessoas nos mostra a importância da tradição, pois um povo que sofre opressão em decorrência de crises políticas, sociais etc. precisa crer na existência de dias melhores. Os devotos de Santa Cruz fazem isso buscando remédio e segurança pedindo proteção à bandeira.

Mesmo diante das dificuldades, ninguém se deixa abater por tristezas ou cansaço e, entre uma casa e outra, os músicos tocam e cantam músicas diversas. Saem pelas ruas da cidade a cantar alegremente e, ao chegar às casas de velhos amigos que há muito não viam, os abraçam, brincam e riem como crianças.

Nesses casos, a bandeira serve também como pretexto para visitar antigos conhecidos, tomar café, comer bolo, tomar vinho e até se servirem de jantares preparados especialmente para os acompanhantes da bandeira de Santa Cruz. Quando os festeiros chegam com a bandeira em casa de conhecidos, o clima é de festa, especialmente se os moradores foram avisados com antecedência, nesses casos é servido vinho, refrigerantes e algo para comer, os tocadores acomodam-se e, após se alimentarem, tocam para todos dançarem.

Há uma visível diferença de comportamento das pessoas de acordo com os lugares em que chegam. Ao chegar às casas de desconhecidos, e de poder aquisitivo maior, as pessoas que acompanham a bandeira têm um comportamento reservado, os instrumentos se limitam a tocar o hino, as pessoas não brincam, até a crianças percebem uma atmosfera diferente e se comportam de outra forma.

Nessas casas onde as pessoas ficam retraídas, os festeiros também agradecem com a frase: “Santa Cruz te abençoe”, porém em tom baixo e tímido. Todavia se a residência é de conhecidos, esses são a maioria, a alegria é garantida, as crianças se soltam, os adultos riem

alto, dançam, abraçam os anfitriões, as mulheres colhem plantas ornamentais e medicinais para diversificar seus canteiros.

Se há algo que agrade o paladar infantil, as crianças se juntam consumindo rapidamente o que foi servido para começar as brincadeiras, mas quando não há comes e bebes elas se espalham pelas ruas a brincar, se entrosam rapidamente com outras crianças, aparecendo somente no momento de ir embora.

Mesmo brincando, tudo é feito com muita seriedade, é bonito ver a simplicidade das pessoas, seja por parte dos que chegam ou dos que recebem a bandeira, as casas são humildes, porém tem uma religiosidade forte na vida dessas pessoas, nas casas não faltam imagens de santos e oratórios. Ao chegar, manda a boa educação que se deve sempre ajoelhar-se diante dos oratórios, fazer uma prece ou simplesmente reverenciar o santo no altar, só então se canta o hino e as doações são feitas. Como caminheiros errantes, os festeiros saem em busca de donativos, pois a tradição não pode morrer, mesmo que no meio do caminho haja muitas pedras, a força de vontade é maior e as dificuldades são superadas com alegria e bom humor.

A diversidade de pessoas que abrem as portas de suas residências para estranhos entrarem é algo raro nos dias atuais, pois os tempos modernos têm uma forte tendência em individualizar os sujeitos e desconsiderar esses hábitos que são percebidos como ultrapassados. Os jovens costumam rejeitar o velho e o antigo. Na festa, também se percebe o desinteresse dos jovens pela cultura, ao acompanhar o processo de preparação da festa ficou clara a pouca participação deles, que só se faziam partícipes quando as residências estavam agendadas. Quando isso ocorre, a festa é garantida, e os anfitriões se preparam antecipadamente para receber os festeiros, nesses casos é certo que será servida uma apetitosa refeição e a música para animar o baile fica por conta dos tocadores. O baile é o ponto alto da noite, no compasso da dança os vários ritmos ditam os movimentos que ora são rápidos, ora lentos, mas sempre em harmonia e com os pés firmes na tradição, mantendo a herança cultural do rasqueado.

Nesses dias de festa, a presença dos jovens é garantida, porém é visível a separação entre os idosos e os de tenra idade, são grupos distintos que, mesmo estando no mesmo espaço, mesmo ritual, nos impressiona pelos interesses diversos, pois não dançam, não dialogam, não comungam dos mesmos assuntos e interesses. Jovens e idosos dançam e

conversam apenas com seus pares, o que é notoriamente caracterizado pela idade. Podemos pensar em participações diferenciadas do mesmo evento cultural.

Durante a pesquisa, chegamos a cogitar a hipótese de que os jovens não se envolvem com a festa por entenderem que enquanto jovens os sujeitos não participam do ritual festivo porque acreditam na autoridade dos mais velhos para realizarem a festa. Nesse sentido, acreditam que ainda não é tempo de participar, mas a maturidade chegando, assumirão a missão de prosseguir com a tradição. No entanto, nas entrevistas percebemos que os adultos que comandam a festa hoje foram crianças e adolescentes ativos no ritual.

Meus pais eram devotos a senhor menino, dia 24 para 25 de dezembro todo ano eles faziam festa matavam vaca, boi chegava muita gente na casa da gente era aquela festança, que eu cresci vendo aquele povo festando [...](M. F.O, 53 anos).

Não, era diferente porque não é questão de ter mais fé, acho que hoje tem muita atração pra gente se envolver, e na época os pais da gente era muito ligado em igreja, né, aí na época de festa agente ia com eles e na hora da reza tinha que ficar lá na frente junto do altar junto com eles aí no fato deles rezar e agente tinha que aprender agente envolvia e acabou aprendendo, né. Hoje é mais difícil, porque não pode exigir tanto das crianças (M.G, 44 anos).

Minha vó fazia festa de São João, minha mãe fazia festa de Santa Cruz. Todo ano elas faziam lá no sítio, lá no Barão de Melgaço. Todo ano elas faziam essas duas festas, dia 3 de maio Santa Cruz, aí quando chegava dia 23 pra 24 era festa de São João, e era festona mesmo de verdade, não era promessa, elas tinham esse compromisso porque achava que devia reza pra aquele dia então fazia (B.F, 78 anos).

Contudo, o mais interessante é perceber que, mesmo não estando aparentemente em sintonia, os jovens e adultos estão juntos durante a maioria do tempo de preparação da festa. As famílias se reúnem em torno de um interesse comum que é a realização da festa de Santa Cruz. Esposos e esposas, senhoras e senhores viúvos, jovens de ambos os sexos e crianças, todos numa demonstração belíssima de dedicação e trabalho incansável desse povo que não mede esforços para manter a tradição. A cultura não tem fronteiras, por isso proporcionar um diálogo entre jovens, adultos e crianças é permitir inserir-los no universo cultural como algo que é parte do cotidiano, pois a cultura é inerente à vivência do ser humano.

Queremos dedicar alguns pequenos parágrafos às crianças, que com alegria dão um brilho especial a todos os momentos da festa. Tanto as crianças que acompanham seus pais quantos as que brincam nas ruas por onde a bandeira passa é sempre um destaque peculiar. O ritmo das músicas soadas pelos instrumentos as contagia num intenso rebuliço de dança,

correria e cantoria pelas ruas na frente da bandeira. Ao se distanciar das casas, essas crianças precisam voltar se não quiserem sofrer uns corretivos ao voltarem para suas casas.

A bandeira e seus acompanhantes logo à frente encontram outro grupo de crianças, que se juntam com as que escoltam a bandeira, e a festa continua. Sempre acompanhadas de uma bola, pés no chão, e para garantir a alegria da criançada há sempre um festeiro que adoça o paladar desses pequenos com balas, doces e chicletes, tornando a brincadeira de acompanhar a bandeira ainda mais saborosa. Apesar da seriedade do momento, pois se trata de um ritual significativo para os participantes, as crianças têm a ingenuidade própria da idade, vivem no mundo das brincadeiras e do imaginário. No espaço da festa não é diferente, elas brincam e se divertem como lhes é inerente, afinal quando essa tradição começou, elas nem haviam nascido, portanto, ainda não compreendem a importância de todos esses acontecimentos. Mesmo que os festeiros de hoje tenham sido crianças e jovens que atuaram de maneira direta na festa no passado, queremos crer que as crianças da atualidade tenham desenvolvido uma forma diferente de participar do processo de socialização e participação da festa. Sendo assim, no futuro elas poderão ser os novos festeiros, mas isso só o tempo dirá.

Os fogos que anunciam a chegada da bandeira aumentam ainda mais o alvoroço das crianças, assombram os cachorros, provocam os gritos dos homens e assustam as senhoras, e nesse ritmo as pessoas fazem uma incrível demonstração de vigor, alegria e energia positiva que garantem o sucesso da festa. Esse grupo se fortalece com a cultura e concomitantemente a cultura de Barra do Bugres se fortalece com esse grupo, pois a divulgação da cultura do município depende dessas pessoas que, independente de questões econômicas, políticas ou sociais, todos que desejam são visitados pela bandeira de Santa Cruz, o que destrói a separação histórica existente na cidade entre ricos e pobres.

Pelos caminhos da bandeira, encontramos muitos tipos populares. O tipo mais encontrado acompanhando a bandeira são os senhores que se excederam na aguardente e acompanham emocionados os rituais da bandeira. Há também as senhoras com suas ervas terapêuticas que sempre receitam um chá para os males do corpo. Encontramos também o popular João Carteiro, um senhor de Porto Estrela, com um vasto conhecimento acerca de vários temas, entre eles podemos citar educação, cultura, política etc. O senhor João Carteiro nos relatou que com frequência é convidado a palestrar nas escolas devido a sua eloquente oratória.

Percebemos a presença marcante de benzedores, pessoas que nos pareciam já nem existir, mas nos caminhos da bandeira eles apareceram com frequência, e não deixavam de repassar suas benzeduras aos que solicitavam. Entre as várias benzeduras, conhecemos uma contra o mau olhado, segundo as senhoras, muito eficaz. O ritual consiste em tomar a criança pelas mãos com os pés encostados à barriga da mãe e a cabeça levemente reclinada para baixo como na posição de parto, repetir por três vezes: “Se te pari foi pra te criar, quebrante e mau olhado eu mesmo quero tirar”.

Também aprendemos muitas simpatias para curar bronquite. Uma delas é: cortar um pedaço da roupa que a criança está usando, as unhas dos pés e mãos e uma mecha dos cabelos, enrolar tudo no tecido da roupa cortada, medir o tamanho da criança na porta, fazer um buraco e colocar tudo nesse buraco. Quando a criança crescer e passar a marca, a bronquite não mais acometerá a criança em questão.

Também aprendemos a benzer bicheira de animais, pois quando são feridos, normalmente nos pastos, esses ferimentos sevem de ninhos para as moscas varejeiras botarem seus ovos, que ao eclodirem dão origem a vários bichos chamados bichos de varejeiras. Para dar fim a essa moléstia que aflige os animais, basta usar três raminhos de vassourinha doce, pegar um e apontar para a bicheira, pronunciando a seguinte oração: “Assim como a Virgem Maria não mente e Jesus Cristo também, esses bichos não vão para frente, há de cair um a um até não sobrar nenhum”. Rezar três vezes com cada raminhos e jogá-los para traz passando sobre a cabeça do benzedor. Deixa secar onde cair, quando os raminhos secarem a bicheira cairá (Esses conhecimentos populares vêm sendo trazidos pelo tempo através das gerações, sendo assim não há como citarmos suas origens).

Passos (2010) explica que a cultura empresta sentido ao viver das pessoas, sentidos que às vezes são ocultos e inaceitáveis a nós. Cultura é capaz de grandes milagres.

[...] havia a cachopa de marimbondos. Ele disse: “Ah! Isso é fácil”. Foi à frente do pé, disse algumas palavras quase inaudíveis, fez três cruces no ar, e os marimbondos, no ato, levantaram por sobre a árvore, organizadamente. Tomaram a direção do muro que era alto, elevaram-se ainda em formação, superando a altura do muro, e se foram. E, em menos de dez minutos a árvore foi cortada a golpes de facão. Só a cachopa vazia testemunhava o milagre! (PASSOS, 2010, pp.38/39).

A benzedura, devoção a imagens de santos, lendas, procissões religiosas e outras formas de expressão, são características peculiares da religião católica e estão profundamente

arraigados na identidade dos participantes de festa de Santa Cruz. Esses conhecimentos são indestrutíveis, eles dão aos senhores e senhoras, consciência e apropriação de quem são reconhecendo-se como seres humanos pertencentes a um grupo social.

A preparação da festa revela dias de grandes acontecimentos, nos quais, todos os tipos populares se reúnem. Todos os esforços anteriores se mostram, e todas as pessoas se mantêm num trabalho contínuo para ver o resultado de meses de esforço se concretizar. As pessoas se reúnem para montar barracas, ornamentar espaços, arrecadar as doações que foram agendadas, preparar carnes e frangos para o leilão, preparar o altar, enfeitar o mastro, montar o som. Depois de tudo isso, o cuidado individual de se embelezar para a grande noite, afinal a festa de Santa Cruz propriamente dita inicia-se à noite com a procissão. Todo esse esforço em preparar a festa se dá sem perder o bom humor e a alegria, caso contrário não seria festa e sim cumprir tarefas impostas sem prazer algum.

CAPÍTULO V

REFLEXÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DA CULTURA

As argumentações deste capítulo relacionam-se com a possibilidade de compreendermos as transformações da cultura barrabugrense numa perspectiva tecnológica, em outras palavras, perceber as transformações culturais geradas pelo avanço tecnológico, em especial pela acessibilidade da televisão. Acreditamos ser pertinente tal abordagem, haja vista que nossos entrevistados apontam a TV como um dos motivos que contribui para o desinteresse dos jovens pelas tradições culturais. Bem disse Matos: “Ó vós, filho da TV burguesa, Escravos da desinformação colorida, Vinde reaprender a vida no Silêncio gráfico das bibliotecas” (2008, p.52).

Os meios de comunicação têm a possibilidade de potencializar o diálogo entre as culturas, mas por vezes influencia no comportamento das pessoas, dando ênfase às ideologias dominantes, tornando a cultura um aparelho ideológico de dominação e não de libertação. Ainda que as questões tecnológicas sejam uma realidade positiva, parece ser apropriada uma abordagem acerca das ideologias implícitas principalmente na programação televisiva que transforma as culturas e os hábitos.

Como ficar fora da influência da mídia, já que diariamente somos confrontados com as informações e mensagens ideológicas onipresentes desse meio de comunicação, induzindo ao consumismo desenfreado e que faz fortes apelos aos nossos sentimentos culturais e identitários no sentido de nos uniformizar no modelo norte-americano, fazendo-nos crer que somos uma imensa massa uniforme. A TV elabora modelos construídos a partir do discurso colonizador, relegando a cultura popular à margem, resultando num discurso que homogeneiza e alienam as culturas, ocultando a importância de preservar as identidades dos povos que pela cultura se afirmam e se constituem como sujeitos autores de suas histórias.

Sendo assim, passemos a abordar as ideologias que influenciam na forma de pensar e no modo de agir das pessoas, mais intensamente sobre as crianças e adolescente. As formas usadas pela televisão para influenciar nas escolhas das pessoas, e como essas escolhas se estendem para as áreas da vida como educação escolar, familiar, cultural e nas relações sociais em geral.

As ideologias expressas nos meios de comunicação de massa, em especial nos meios televisivos são abrangentes, no sentido de que esse meio de comunicação se tornou tão popular que quase todas as casas têm acesso pelo menos a um aparelho de televisão. A TV hoje representa a maior fonte de lazer para a maioria da população brasileira, telenovelas, programas ao vivo, *reality shows*, propagandas, todos de certa forma influenciam no comportamento das pessoas, e alguns chegam ao limite da degradação e da desonra humana.

Há uma diversidade de canais que ao simples toque do botão acionam a diversão, de forma a não exigir esforço físico, e tão pouco mental, condicionando o telespectador a receber informações prontas, “dispensando” qualquer tipo de esforço intelectual para interpretar as mensagens vinculadas à programação.

A partir da programação da TV, as características das brincadeiras simbólicas vêm se transformando, como podemos perceber na fala de um dos entrevistados. Quando questionado sobre as brincadeiras da infância, ele nos diz: “Tantas coisas cortava gancho, numa árvore que tinha gancho, fazia pneu de embira, uma que tira pra fazer corda, travava um pau que servia de eixo e andava, também andava de bicicleta, andava de charrete, de carro de boi” (MG, 44 anos). A modernidade redimensionou o papel das tradições, redefinindo-as pela lógica mercantil, tornando cada vez menos possível retomar alguns aspectos da vida passada tão essenciais à nossa identidade.

Embora isso não anule os símbolos, ritos, cultos etc., de certa forma produzem uma ruptura entre a cultura vivida pela população tradicional e os jovens da contemporaneidade. Não se trata de provocar o desaparecimento das culturas tradicionais, mas de perguntar como as gerações estão vivendo esse duplo movimento cultural. Há uma ação mútua entre as gerações tradicionais que praticam a festa de Santa Cruz e os jovens que apreciam o *funk* e o pancadão (como dizem os festeiros de Santa Cruz)? O mundo se apresenta sob uma dinâmica de mudanças velozes e superficiais que modificam somente a aparência passando a ideia de transformação, mas a lógica da perversidade do sistema se mantém. Para Grandó:

O processo de transformação expressa também as mudanças nas relações entre capital e trabalho, nos meios de comunicação de massas e nas inúmeras formas de negação de suas identidades que o processo de globalização e padronização da cultura de consumo lhes impõem. Inclusive com novos padrões religiosos que, para inserir novos fiéis, obrigam a negação das identidades coletivas e a desqualificação de todos os elementos que os identificam com a cultura tradicional, cujas raízes são familiares e comunitárias, para produzir-se com uma nova identidade (GRANDÓ, 2007, p. 23).

A partir da escrita de Grando (2007), podemos perceber que atualmente com o crescente processo de globalização, há uma dinâmica no sentido de homogeneizar as diferentes identidades, é preciso compreender como estas mudanças, refletem na constituição identitária dos diferentes sujeitos. Quais as estratégias de resistências das autoridades culturais para manter suas tradições? Quais as influências da cultura de massa nesse processo? Pois como escreveu Guapo [s.d], só teremos futuro se nos conscientizarmos da nossa cultura. Ainda com o pensamento de Guapo, podemos refletir que:

Mato Grosso é um mosaico cultural [...], porém os meios de comunicação não conjugam com essa realidade antropológica e procuram a prática alienatória para vender seus marketings descartáveis e fúteis, querendo fazer o homem do campo deixar suas danças para engolir o espírito urbano de divertimento (GUAPO, [s.d] p.08).

Nessa perspectiva, podemos perceber que as culturas em geral são massacradas pelos meios de comunicação, levando-nos a pensar que é algo ínfimo. Na cultura mato-grossense isso se dá de forma ainda mais forte, já que o próprio estado é “conhecido” como local de índios, comparando os indígenas a animais, ou seja, sem cultura e menos dignos que outras etnias. Em entrevista, o Sr. MJF nos relatou o descaso das autoridades políticas em relação à cultura de Mato Grosso.

Disseram lá, no evento. Não tem nada a ver com sua entrevista mais, “já vem essas cuiabanada com seus pedaços de pau”. Foi um secretário do prefeito que falou isso aí. Então pra mim eles são um pessoal desqualificados né, então fica chato tá lá tomando frente mostrando, porque eu saio daqui com o grupo de Siriri não pra falar meu nome, mais vai falar o grupo de Siriri de Barra do Bugres, nem peço pra falar meu nome lá. Agente faz isso porque agente gosta (MJF, 54 anos).

Tomando o universo cultural mato-grossense como referência, percebemos que o preconceito em relação a essa expressão cultural é mais comum do que se imagina. Muitas vezes por parte do próprio mato-grossense, mas principalmente, por pessoas oriundas de outros estados que desconhecem o significado do Cururu e do Siriri. A vida urbana valoriza modelos avessos à cultura desse estado, mas há cerca de três décadas que se tenta colocar essas manifestações como belo e com valorização, pois até então só a cultura dos colonizadores era conhecida como arte. Esse pensamento se faz presente no trabalho de Guimarães (1991), escrito para a revista Fragmentos de Cultura, que aborda uma nova consciência regional sobre a identidade cuiabana, em especial a representada pela arte pictórica. A autora diz:

[...] deslocar o “olho torto” da mídia, o “olho cego” do crítico de arte, o “olho míope” dos habitantes de outras áreas do país, esse discurso assume a

“cuiabania” como uma luz incandescente disposta a arder para sempre, obrigando-os a enxergarem o que estaria até então na sombra - uma verdade ainda não revelada, não dita, não vista (GUIMARÃES, 1991, p.1320).

A sociedade moderna prega a felicidade, a vida prazerosa composta de coisas fáceis e rápidas, levando as pessoas a uma busca incessante por ter e com isso não prioriza o ser. Atualmente busca-se viver intensamente os prazeres, que costumam estar atrelados ao consumo excessivo, sexo, drogas, riquezas – expressões atuais da felicidade de uma geração imediatista, que busca o prazer nas coisas materiais, aumentando a necessidade de consumir mais, num ciclo perigoso que pode desumanizar as pessoas, minando sua força vital.

Para as novas gerações, o que está em questão é a máxima satisfação individual, valorizando o egoísmo, tornando os sentimentos duradouros antiquados, contribuindo muitas vezes para uma vida sem sentido, fazendo da existência um enorme vazio, comprometendo o diálogo na família e os ensinamentos entre as gerações.

Na sociedade capitalista, o que vemos são fortes apelos sociais à fabricação de necessidades, ou seja, colocam questões equivocadas revestidas de ideologias que prevêm conquistar a simpatia das pessoas e aumentarem o consumo de bens e serviços. Percebemos isso com mais evidência quando se aproximam as datas comemorativas, tomaremos o dia das crianças como exemplo, pois as propagandas de brinquedos aumentam consideravelmente, as publicidades estimulam as fantasias das crianças, que nem sempre conhecem as possibilidades financeiras dos pais.

O número de crianças que vivem uma situação social em que os pais mal podem oferecer uma alimentação digna é grande, no entanto, vêem e desejam os brinquedos industrializados, tornando as brincadeiras de rua, os brinquedos criados a partir da imaginação, o ato de contar histórias e lendas como algo antigo. Desse modo, como satisfazer a fantasia do brinquedo anunciado? O prazer do brinquedo novo nem sempre é possível num país com a distribuição de renda tão irregular como o Brasil. Ao ser perguntado de que costumava brincar na infância, o senhor MJF nos deu um bom exemplo de como a imaginação infantil pode ser criativa: “Há de tudo, né, carrinho de lata, pinhão, bicicleta não tinha naquela época aqui, né, mais era fazer carrinho, agente mesmo fabricava o brinquedo, né, inventava qualquer coisa e saia com o carrão na praça, né” (MJF, 54 anos).

A mídia não trabalha com as necessidades, mas com os desejos das pessoas, de forma a fazê-las se sentirem inferiores por não terem o que é apresentado; a TV tem o poder de

tornar o ser humano vulnerável, a querer mais do que precisa para viver de forma decente, o desejo de ter é fomentado pela programação midiática usando perfis socialmente construídos em consonância com os interesses ideológicos vigentes.

Construindo cada vez mais um mundo marcado pelo egoísmo e pelo individualismo que aniquilam o ser humano, confinando-o e desvalorizando sua identidade individual e coletiva, a mídia possibilita a interferência nos sentimentos, nas crenças, no egocentrismo, tornando as relações cada vez mais frágeis e efêmeras, formando cidadãos cada vez menos conscientes de suas riquezas culturais.

Na escrita de Barros Neta (2001), pode-se ter mais clara a ideia do papel de destaque que é atribuído à televisão nos lares e na vida das crianças. Valer-nos-emos da citação da autora para expor com mais propriedade o que estamos tratando:

A criança vê televisão com muita assiduidade, num período em que está se processando seu desenvolvimento físico, mental e formação de hábitos. Esse tempo “perdido”, representado por tantas horas na frente da TV, poderia ser consumido em leituras e brincadeiras para a sua época, a exemplo de outras gerações (BARROS NETA, 2001 p.18).

De acordo com Barros Neta, a TV contribui para aumentar o desinteresse pelos conhecimentos populares tornando os meios de comunicação determinantes de modas e modelos que as crianças imitam, mudando os hábitos e comportamentos vivenciados com a família, contribuindo para separar o mundo dos signos que dão sentido à vida, para adquirir outros valores nem sempre adequados.

Através da cultura, a criança compreende o mundo que a cerca e se estabelece como um ser pertencente a um grupo social constituindo assim sua identidade cultural, portanto a cultura desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança. A exploração do imaginário infantil pela mídia abre caminho para novas manifestações carregadas de simbologias do mercado capitalista, que mudam de acordo com o mercado de consumo. As propagandas difundidas pelos meios de comunicação mostram a desvalorização da identidade cultural local, dando espaço a uma global. No meio desses conflitos transformativos estão os grupos de fazedores de cultura popular que ainda praticam seus festejos e suas manifestações culturais, lutando para não deixar que se perca no tempo e espaço a sua identidade local, que está sendo gradativamente substituída por uma identidade mundial criada pelos meios de comunicação. Como nos mostra (ROLNIK, 1997):

[...] a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural etc. identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1997, p. 20).

Em relação ao exposto por Rolnik, notamos que o processo de transformação da identidade cultural vem mudando os hábitos e os significados dos segmentos, das tradições e sua simbologia no meio social. Sendo assim, os meios de comunicação contribuem para homogeneizar as pessoas, anunciando a supremacia da classe dominante de forma a manter seus interesses inviolados.

Por isso, a ideologia é uma realidade social que está relacionada diretamente ao comportamento da sociedade, e tem a função de ocultar a realidade, apresentando-a numa concepção distorcida que aliena e naturaliza o fim do saber cotidiano significativo para o sujeito. Para tanto, o percurso usado está em deslocar o olhar das pessoas para o supérfluo com o objetivo de propalar o mercantilismo. É importante que se perceba as tendências presentes nas ideologias para manipular pessoas, pois, quanto menos as pessoas percebem as ideologias expressas pelos meios de comunicação, mais homogeneizadas culturalmente se tornam.

Portanto, tratar a educação e a cultura como prioridades torna-se essencial, principalmente nas instituições educacionais, porém faz-se necessário saber em favor de quem se trabalha. Em favor de uma sociedade, contribuindo para formar de fato cidadãos críticos e autônomos, ou se isso se limita ao discurso, e na prática apenas treina pessoas para mão de obra barata aumentando a classe operária alienada, fortalecendo uma minoria que detém o poder, como sintetizou Guareschi (2001) na seguinte citação:

Conseguir, mesmo em circunstâncias difíceis, uma sociedade harmônica e um povo dócil, nada melhor que a existência de um grande número de analfabetos e de pobres; os conhecimentos alargam e multiplicam os desejos, e quanto menos coisas uma pessoa desejar, mais fácil será obtê-los (GUARESCHI, 2001 p.101).

Por isso não há como deixar de perguntar: a mídia televisiva serve a quais interesses? Que valores estão vinculados a esse meio? Quem ganha e quem perdem, se as pessoas aderem

a eles? São questões que não podemos deixar de levantar, pois isso nos possibilita perceber a maneira sutil usada pela programação para influenciar as atitudes e pensamentos das pessoas.

No tocante às publicidades, percebe-se que a ideia de família feliz é bastante explorada, as pessoas se apresentam sempre venturosas, saudáveis, jovens magras e brancas, reforçando o padrão de beleza que julgam ser “o ideal”. Nesse sentido, torna-se necessário um trabalho reflexivo sobre os argumentos usados pela publicidade para levar as pessoas ao consumo excessivo de produtos expostos pela mídia, tornando infeliz quem não pode adquirir esses produtos, e ou não se enquadra nos padrões de beleza impostos pelas campanhas publicitárias.

Segundo a ideia divulgada pela mídia, para ser bonita e saudável como a modelo X, deve-se consumir o produto Y usado por ela na propaganda, criando um efeito condicionante para igualar as pessoas, identificando todas elas a uma mesma identidade. Isso fica evidente na escrita de Hall: “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006 p.59).

Nessa perspectiva, podemos perceber que a mídia também possui um poder cultural que unifica as identidades. O que está posto tem como finalidade fazer perceber o belo visto sob o olhar dos que produzem as publicidades - como a melhor e a única opção - mas o belo exposto pelos veículos de comunicação não está vinculado à beleza nativa, formas de vida de pessoas simples, vestimentas modestas. Por trás do aparente benefício dos produtos apresentados pela mídia, existe uma situação de consumismo que alimenta o capital ao qual o belo está ligado, e é utilizado como estímulo mediado pelo mercado da mídia anulando as identidades.

Portanto, para mudar essa realidade, é preciso compreender que, apesar dos avanços tecnológicos e dos constantes apelos dos meios de comunicação de massa para cativar as pessoas de todas as idades, é necessário dar a devida importância aos conhecimentos presentes ao longo da história da humanidade nas mais diferentes culturas, valorizando as identidades que se constituem a partir das relações humanas.

O ser humano constrói seus conhecimentos a partir das relações com as pessoas e com a natureza, seja de forma direta entre as pessoas, seja de forma intermediada pelos meios de comunicação. Portanto, tudo que temos como correto foi aprendido a partir da convivência

com outros, categoria fundamental para formar as teias de relações e significados tecidas pelos homens as quais Geertz (2008) se refere em seu livro *Interpretação das Culturas*.

A partir das teias de relacionamentos citadas por Geertz, constrói-se a cultura, que se torna um dos principais fatores constituinte do processo educacional, já que significados e sentidos são constitutivos das pessoas e comunidades.

Se o ser humano se constrói a partir dos elementos e com os elementos da natureza, no meio em que ele se relaciona, e se formos entre outras coisas o que herdamos genética e culturalmente das outras gerações, então romper com esses valores significa romper com as nossas raízes, ficando vulneráveis à cultura alheia, possibilitando a massificação das culturas.

Anular a cultura dos povos, impondo outra foi a forma de dominação usada por grandes ditadores, como se pode perceber na escrita de Guareschi (2001), em seu livro *Sociologia Crítica*:

Os romanos, para poder dominar totalmente os povos e não deixá-los mais levantar a cabeça, destruíam sua cultura; destruíam seus monumentos, não deixavam mais falar sua língua (exigiam que falassem o latim, língua dos dominadores), roubavam seus deuses (GUARESCHI, 2001 p.14).

Sem dúvida, a subordinação das culturas é uma das formas de intensificar a dominação dos povos. Vimos isso anteriormente com a dominação dos índios nambiquaras e umutinas. Nesse sentido, torna-se necessário promover o incentivo e a valorização das culturas locais expressas nos costumes como forma de estimular a autoestima dos sujeitos. Assim, os sujeitos que estiverem inseridos num contexto cultural que seja valorizado não serão tragados por outras línguas e outras manifestações culturais.

Caso não haja a valorização das culturas e não se tenha um olhar crítico sobre as informações oferecidas pela mídia, corre-se o risco de introduzir e colocar como correta e moderna outra linguagem, a linguagem midiática com as quais os jovens e crianças convivem e essas tendem a influenciar no comportamento das pessoas, uniformizando-as, como se pode compreender através dos argumentos de Barros Neta: “Uniformizar a consciência humana, moldando valores, atitudes e hábitos, por intermédio da transformação psíquica que, paulatinamente, cederá a uma passividade receptiva, tornando o ser humano alienado e dirigível” (BARROS NETA, 2001, p.39).

Desse modo, a valorização das culturas ganha o papel fundamental – ainda que não seja o único com este fim – de significar o conhecimento popular presente na rotina das pessoas, para isso se faz necessário trazer para os diversos espaços sociais as culturas populares expressas nas lendas, mitos, brincadeiras, cantigas e danças que são expressões das identidades interiorizadas pelos indivíduos na vida cotidiana, e com isso contribuir para a formação intelectual e social das crianças.

As crianças quando vão para a escola já trazem consigo uma vasta carga de conhecimentos, muitos deles construídos pela programação televisiva, assim, a escola tem o papel de ser canal de informação, aliando conhecimento do cotidiano com as informações oferecidas pelos meios de comunicação, desmistificando as relações de saber cotidiano e saber escolar.

As instituições educacionais são espaços de inserção e interação, locais privilegiados para a aquisição de novos conhecimentos, inserindo o educando em múltiplas relações, pois no contexto escolar existem vários grupos e culturas, promover a convivência democrática entre eles superando a indiferença e promovendo o respeito à diferença é um dos papéis fundamentais desse espaço. Nessa concepção, o reconhecimento da igualdade se constrói concomitantemente com a dignidade e a alteridade.

Assim, as crianças e jovens não serão simplesmente receptoras da cultura massificada gerada pela TV, mas cidadãos com opiniões próprias, capazes de fazer escolhas determinantes para a formação da sociedade. Valorizar as diversas culturas é uma forma de preservar as tradições, isso significa estimular as emoções e a autoestima das pessoas, diferenciando o olhar, para sair do lugar comum, estimulando as capacidades. Pois os povos que têm uma estreita relação com a cultura se identificam e se reconhecem nas manifestações artísticas e culturais melhorando sua autoestima, por isso integrar a cultura às relações sociais e midiáticas é deixar o adestramento e ensinar a autonomia do pensar, como propõe Paulo Freire (2004) em *Pedagogia da Autonomia*.

Sendo assim, a escola deve ser parceira no processo de conscientização das ideologias impostas pelos meios de comunicação, tornando-se imprescindível que perceba a diversidade cultural e a realidade na qual o educando está inserido, pois assim estimula as crianças a se expressarem, não permitindo que elas se habituem “à cultura do silêncio”, como dizia Paulo Freire. Possibilitar que a criança se reconheça no resgate de sua autoestima, expressando

valores, crenças e costumes que são fundamentais para a autonomia do cidadão. A importância de uma participação crítica no mundo, gerada pela autonomia, é expressa por Freire:

O envolvimento do educador no trabalho com as culturas populares poderá ser importante para o desconfinamento cultural, tornando o educando uma presença no mundo, e por isso deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto (FREIRE, 1987, p. 119).

Aprender a analisar as informações expressas pela mídia significa retirar dela informações úteis para o telespectador, e não somente vê-las sob o olhar do outro. A lente para se ver além da aparência, segundo nosso entendimento, chama-se preparo intelectual e politização.

Podemos ilustrar essa ideia com o mito da caverna de Platão²². No interior de uma caverna, algumas pessoas cresceram acorrentadas e viradas para uma parede. Presas pelos pés e pescoço, essas pessoas não podiam se virar, por isso nunca viram a luz do dia, tudo que conheciam eram as sombras de pessoas carregando objetos, animais, projetadas na parede da caverna, essas sombras representavam todo o conhecimento que os prisioneiros tinham.

O mito da caverna ou alegoria da caverna encontra-se no livro *A República de Platão*. O filósofo o usou para dizer que existem duas formas de conhecimento, o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível. Para chegar ao conhecimento sensível usam-se os sentidos, já no conhecimento inteligível é preciso usar a razão e analisar profundamente os fatos, sair da aparência superficial e conhecer a essência das coisas. A partir desse mito, podemos pensar que a programação televisiva, em sua maioria, tem o poder e a intenção de nos manter na sombra, enxergando apenas o que está aparente. Nesse sentido, o preparo intelectual é imprescindível a fim de desvelar as ideologias dominantes implícitas na maior parte da programação televisiva.

É importante lembrar que o trabalho com a razão é necessário, porém não suficiente para subsidiar uma resistência à ideologia dominante. É urgente que estabeleçamos relações de respeito, relações autênticas aos moldes de Paulo Freire, para que seja impulsionada uma transformação radical no mundo. De nada adianta que tenhamos trabalhado nosso discurso, articulado intelectualmente teorias se nosso emocional está fragilizado a ponto de nos autorizarmos a subjugar, humilhar, ofender, competir e desqualificar o outro.

²² Platão, filósofo grego, nasceu em Atenas, em 428 ou 427, a. C. e morreu em 348 ou 347 a. C.

A aprendizagem, o desenvolvimento integral da pessoa só se faz possível com ambos os aspectos, intelectual e emocional, em processo de desenvolvimento e sensibilização. O veículo ideológico de apropriação de valores mais poderoso está na afetividade, no emocional, no psicológico. Daí essa lógica capitalista ser tão apelativa.

A escravidão contemporânea pode ser caracterizada por sua sutileza e por criar a ilusão nas pessoas de serem importantes, enquanto na verdade são instrumentos de acúmulo de capital e descartáveis tais como as mercadorias programadas para se degradarem e se tornarem inúteis rapidamente. O que se vê nessa lógica é um jogo de sedução e aprisionamento.

A lógica faz com que as pessoas se sintam importantes, mas de fato são capturadas pelo movimento sórdido de se tornarem consumidores e dependentes de certas relações e valores, objetos e *status* para serem felizes. Somente aqueles que já se apoderaram são capazes de olhar os outros e se verem neles, assim como se reconhecerem vendo o outro em si (FRANÇA, 2011, aula do mestrado UNEMAT)

Combater a ideologia hegemônica que desqualifica os saberes populares deixando a ideia de que na sociedade poucos pensam e muitos executam é prioridade se quisermos transformar a ordem do mundo. De fato, há uma programação que nos faz pensar de forma “adequada”.

Porém, encarar os meios de comunicação como algo prejudicial que deve ser abolido do meio da sociedade é ilusão. A TV é uma realidade que está posta, nesse sentido a família e a escola ganham papel essencial no trabalho de análise da programação. Integrar o estudo da programação televisiva aos conteúdos pedagógicos numa perspectiva crítica é o esperado. Ter a TV como aliada é necessário, porém espera-se a garantia das práticas do universo cultural que permitam à criança a valorização de sua identidade.

O trabalho social aliado ao conhecimento popular é apenas um meio para que os cidadãos possam desenvolver seu próprio ponto de vista. Para isso, é fundamental a interação entre escola e sociedade. Ainda em relação à cultura, Suely Rolnik diz que:

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades implica também na produção Kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente do contexto geográfico, nacional, cultural etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado com igual velocidade (ROLNIK, 1997, p, 20).

Na perspectiva de Rolnik (1997), a cultura desempenha um importante papel na formação da personalidade das pessoas, pois é na cultura que o ser humano se constitui e se identifica com os seus pares que lutam para defender sua própria cultura diante da imposição dos meios de comunicação.

Acrescentamos, enfim, que os avanços tecnológicos deixaram a cultura popular envolta em sombras, e com o passar do tempo foi perdendo seu lugar de destaque junto à sociedade. Um dos males que a tecnologia produz é o isolamento do ser humano, com a virtualidade é possível fazer quase tudo sem a necessidade do contato entre pessoas, transação bancária, compras, bate papo, e tantas outras coisas. Mas, como já foi dito, a cultura se constitui a partir das relações entre as pessoas, é nessa dinâmica que as pessoas se desenvolvem e constroem seus conhecimentos. Nesse sentido, uma nova cultura se constitui baseada numa dinâmica de transformações rápidas, nesses novos hábitos a tecnologia é indispensável. Isso é inegavelmente positivo, mas tende a transformar as relações humanas, os costumes e a cultura dos mais antigos em atitudes ultrapassadas.

Contudo, vale acreditar e investir na educação como forma de ajudar os usuários das novas tecnologias a prestarem atenção ao que está posto, questionando, indo além das aparências, o que significa perceber as relações e contradições. Ir além do aparente exige um exercício de leitura crítica do que está estabelecido como bom como necessário e única possibilidade, sendo relevante emergirem novas ideias, dando novos sentidos para a tecnologia, percebendo os usuários não como agentes passivos, mas como pessoas que expõem seus pontos de vista.

5.1 Análise dos dados

(Entrevistadora) Queria que o senhor me falasse sobre a bandeira, o que ela significa?

Por que se usa a bandeira e mastro na festa?

A bandeira é a comemoração do dono do santo. Aquele mastro antes de colocar a bandeira, ele é um varão só, não é nada, depois que coloca a bandeira nele aí aquele mastro se torna mastro bento, porque ali encaixou uma bandeira santa nele. Aí ele se transforma em mastro bento. E aí esse é e a levantação de mastro, ela comemora uma via sacra, porque vem desde lá do altar, cada trecho que o cantador canta ele faz uma parada até chegar no mastro onde vai ser levantado aí ele vai encaixa bandeira aí encaixa a coroa que faz o acompanhamento daquela bandeira aí pra poder levantar o mastro, aí depois que levanta o mastro, aí que vem pra dentro aí ele volta novamente lá no altar depois que assenta os santos que estava fazendo o acompanhamento, aí que vem o momento da reza, que aqui eles têm muita reza cantado, né,

aí vem aquela reza cantado, tira a reza, depois da reza vem a comemoração do Cururu, aí completa conforme se for a noite inteira, vai até a noite inteira senão ele vai até um tempo aí a turma para e começa outro ritmo de festa.

A bandeira, como símbolo do sagrado, no ritual, tem o poder de transformar o que antes era somente um mastro qualquer em objeto bento. Como discutimos anteriormente com Terrin (2004), aqui se realiza a transformação característica de objetos em outras coisas e, conseqüentemente, com outros significados, observada nos ritos. Esses não são somente repetição, mas (re) organização de elementos do mundo, ressignificados e que apontam outros modos de entendimento e de sentido. Portanto, o rito, ao organizar comportamentos e ideias, cria possibilidades comuns de compreensão dos objetos, de consideração de certos significados o que constrói sentimentos de pertencimento, identificação fundamentais para a constituição de identidades dos participantes da festa, conforme discutimos com França (2011).

(Entrevistadora) Porque os cururueiros têm o hábito de cantar um pouco, param, e o outro começa?

Porque ali cada um cantador tem uma responsabilidade de andar até um pouco só, né, daí ela faz a parada, encerra e passa pro outro, aí o outro que vai seguir pra frente outra vez até outro trecho até chegar no mastro onde vai ser levantado. Esse é um ritmo da festa, sabe, esse é um ritmo da festa.

Podemos pensar que essa fala expressa o posicionamento coletivo, participativo, de cooperação que a manifestação cultural enfatiza. A comunidade, composta por aqueles que valorizam a festa, acredita nas mesmas coisas, ocupa-se de organizar e realizar o evento, se reconhecem como cuiabanos e objetivam modos de ser e se posicionar no contexto como tais, orgulhando-se desse pertencimento e construindo vínculos entre os festeiros que lhes permitem não somente se reconhecerem e se posicionarem, mas resistir com dignidade aos estigmas que alguns impõem sobre eles com dignidade, pois mostram seu poder de mobilização e de perpetuação de valores e hábitos tradicionais com a realização da festa. Dessa forma, não como individualidades, mas como *sujeito coletivo*, mostram sua força e poder de intervenção no contexto social mais amplo. Tornam-se visíveis na sociedade local.

(Entrevistadora) Quando o senhor é convidado para cantar, eles pagam para o senhor?

Não, em festa de Santo não cobra, né. A gente cobra quando é uma apresentação, uma apresentação a gente tá aqui, vem aqui convida você pra fazer uma apresentação na assembleia, né, lá se cobra, né.

Para a realização da festa não se cobra, pois é o momento de reafirmação deles como sujeito coletivo e de identidades. No entanto, quando o Outro quer conhecer sua tradição, então cobram por isso, sinalizando que mostrar sua cultura aos demais interessados é um gesto que deve ser valorizado. Em outras palavras, eles mesmos valorizam sua própria atuação, numa clara distinção do que nosso e do que é para o outro.

(Entrevistadora) Quando se faz uma apresentação é diferente de cantar em festa de santo?

Tem, é diferente porque na festa de santo o cantador vai fazer os versos conforme o momento da festa do santo lá vai fazer em nome do santo, do santo, dos festeiros, né. Lá numa apresentação não, vai fazer um verso pra saudar os convidados que tã lá.

É por isso que eu falei que muda, modifica demais, é igualzinho meu pai e minha mãe, minha mãe ela não concorda com o Siriri de hoje, eu já concordo porque eu tenho nível superior e conheço, né, a gente lê e as coisas modificam, não adianta hoje você querer exigir, por exemplo, seus filhos hoje, a formação deles é totalmente diferente, entendeu? Aí inclusive a minha mãe não aceita mudança, mas eu já aceito a mudança e a mudança é preciso, não tem como continuar como se fosse 20, 30 anos atrás é totalmente diferente a não ser que o cuiabano tinha que nascer e viver aqui, e não tinha que ter interferência de fora, por exemplo aqui antigamente era rasqueadão, hoje já dança o que? Hoje já é xote, vanerão, rasqueado, todo que vem o pessoal já muda, é influência.

Na festa propriamente dita, o ritual acontece conforme o momento da festa, louvando os santos que estão sendo homenageados e que fazem parte de suas crenças. No entanto, nas apresentações pagas não há motivos para se cumprir rituais, mas somente cantar repentes aos participantes, pois eles não compartilham de suas crenças, não conhecem os significados e símbolos que estão envolvidos na manifestação. Assistem ao evento como parte de uma atividade de lazer. Sendo assim, não há homenagem, pois não há identificação, mas tão somente apresentação de um evento. Percebemos aqui o sentido de o evento ser resguardado somente para os da mesma identidade.

(Entrevistadora) Quando o senhor vai cantar, o senhor já sabe a música ou é improvisado?

Já sabe a música, os versos que vai fazer na hora. Vamos supor tá pegando o santo, vai fazer um verso que você vai pegar.

O ritual da festa não é improvisado, mas costumes tradicionais que vêm sendo passado pelas gerações. Como já sinalizamos anteriormente, a tradição passa por mudanças, mas permanece em sua essência.

(Entrevistadora) Qual a diferença do Siriri de hoje para o Siriri de antigamente?

Somente a diferença do Siriri de hoje para o Siriri de antigamente é que antigamente o Siriri não tinha coreografia, não existia esse negócio de coreografia, a gente entrava pra dançar o Siriri ia dançar o Siriri mesmo, hoje não, hoje já inventaram tanta coisa no Siriri que até inventa de dançar baile dentro do Siriri, isso aí não existe, o Siriri não tem coreografia, se entra pra dançar o Siriri.

O entrevistado pareceu aqui fazer uma crítica ao fato de terem acrescentado coreografia para dançar o Siriri, mostrando certa preocupação com a descaracterização dessa dança, típica, tradicional que é um dos elementos importantes de reconhecimento e identidade do grupo. Sob o estudo da cultura que fizemos com Geertz (2008) e Laraia (2009), podemos dizer que temos aqui uma objetivação do que tratamos sobre as culturas serem dinâmicas e se modificarem ao longos dos tempos, pois não se colocam impermeáveis aos movimentos dos tempos e dos contextos.

(Entrevistadora) O siriri antigamente era mais como uma brincadeira?

É ele toda vida ele é uma brincadeira, hoje já mudaram até as roupas, com uma coreografia sem graça, eu acho uma coreografia sem graça. Mas certamente por causa da época de hoje tudo as coisa muda, então a coreografia se trata até de um incentivo pra quem não conhece, pra aquele que não sabe o que é o Siriri mesmo, fica bonito.

O entrevistado refere-se ao Siriri como uma brincadeira e expressa que essa é sua característica marcante. Porém compreende que as mudanças estão presentes também no Siriri, vendo isso como um incentivo para divulgar a tradição. Vemos na fala do depoente que as transformações culturais estão presentes, porém nossas conclusões se confirmam nessa fala quando percebemos que a tradição cultural se transforma, mas permanece sua essência.

(Entrevistadora) Mas esse Siriri que é apresentado de forma transformada adianta alguma coisa conhecer o errado?

Uai, pra ele adianta, porque ele não conhece, quando você não conhece alguma coisa tudo que faz pra você vê tá certo, é aquilo que tá fazendo, aquilo que tá acontecendo, mas quando a pessoa sabe você sabe que tá errado, mas não pode falar naquele momento, né.

O entrevistado refere-se ao conhecimento de forma que nos possibilita refletir a importância deste para avaliar, orientar pensamentos, comportamentos, sentimentos e julgamos acerca de algo que nossos olhos veem, mas segundo Certeau: “O cotidiano é uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados” (CERTEAU, 1994, P. 31). Certeau diz que as pessoas usam a criatividade como táticas para subverter a autoridade dos que impõem regras. Dessa forma as atitudes cotidianas são também meios de

resistência. A cultura cuiabana sofre preconceitos por parte dos que não a conhecem, julgando-a como “primitiva”. Portanto os cururueiros apresentam para quem quer ver aquilo que agrada, porém o que realmente é só pode ser vivido entre os que conhecem a cultura.

(Entrevistadora) Então estão apresentando outro Siriri para as pessoas, será que o Siriri de raiz não corre o risco de acabar?

Não, não acaba, a raiz mesmo não acaba, não acaba porque às vez ele parece essas coreografias mesmo aqui na cidade, mas senhora vai lá pro sitio, lá quando tem festa lá pro sítio, senhora vê dançar o Siriri mesmo, não tem negócio de coreografia não, e tem gente boa pra dançar demais, lá pro sitio. Agora mesmo tem uma festa lá na agrovila, tem um colega nosso que faz festa lá na agrovila de nome Arlindo que faz festa de São Sebastião, ele faz festa no sábado por causa da família dele que mora pra cá, trabalha, né, se a senhora vê o Siriri que eles dança lá, é lindo demais.

O depoente ao informar que existem lugares que preservam a tradição do Siriri, se coloca confiante de que os dois modos de apresentá-lo funcionarão como um contraponto para os que quiserem conhecer a raiz dele. A beleza de que fala, em relação à dança do Siriri revela seu conhecimento sobre ela, os significados de seus movimentos e seu pertencimento a esse universo cultural.

(Entrevistadora) Lá no sítio já tem som eletrônico ou ainda não chegou?

Já chegou lá também, antigamente não tinha, mas agora não tem lugar que cê vai que não encontra esse som.

(Entrevistadora) O senhor acha isso bom ou ruim?

Hoje a gente tem que acostumar com tudo, porque tem muitos jovens de hoje que não dança o Siriri, mas eles querem dançar também, então é uma oportunidade deles festejar também, eu não acho errado, eu só acho errado como aqui, aqui ele chama o cantador “ô vamos levantá o mastro”, levanta o mastro, termino o mastro, já vem o som lá tocando, esse ai pra mim é errado. Tem que respeita, tem vez que nem termina de terminá lá no altar já tá o som lá tocando, esse pra mim é errado.

Ao considerarmos que, como foi declarado em entrevista, há preconceito com os cuiabanos e com suas manifestações culturais, podemos pensar que os jovens assumem essa conduta de dançar e festejar com modificações e adaptações para que não fiquem tanto no alvo dos preconceitos. Com isso vai se configurando certo hibridismo cultural.

O fato de colocarem o som eletrônico logo após o levantamento do mastro é compreendido por este entrevistado como desrespeito ao ritual e às tradições, o que nos sinaliza haver conflitos entre festeiros jovens e mais velhos.

(Entrevistadora) A festa acontece por promessa que as pessoas fazem?

Não, muitas vezes é uma devoção, minha vó fazia Festa de São João minha mãe fazia Festa de Santa Cruz todo ano eles faziam lá no sítio no Barão de Melgaço todo ano eles fazia essas duas festas dia 3 de maio Santa Cruz aí quando chegava dia 23 pra 24 era Festa de São João, e era festona mesmo de verdade, não era promessa eles tinham esse compromisso porque achava que devia reza praquele dia então fazia.

Podemos perceber na fala do informante que a religiosidade é importante para afirmar as identidades. O povo que clama por respeito e dignidade, não vendo no Estado essa possibilidade, buscam junto a Deus soluções para seus problemas e forças para suportá-los. A devoção aos santos e à festa é uma forma de expressão de fé. “O homem é colocado num dilema: crer ou não crer, por um lado, a ele cabe escolher, e por outro qualquer iniciativa é impossível, por que Deus é tudo, e dele deriva inclusive a fé” (ABBAGNANO, 2007, p.433).

(Entrevistadora) A mãe do senhor que fazia Festa de Santa Cruz deixou pra algum filho continuar?

Não deixou, às vezes deixa, como eu tenho um primo que morava no sítio, ele já faleceu, morava ali perto do polivalente fazia uma Festa de São João, esse daí foi a mãe dele que fazia, antes da mãe dele morrer falou “ói, meu filho, você vai ficar responsável por essa festa”. Ele morreu, e até hoje a viúva dele ainda faz a festa.

Novamente percebemos o valor e a necessidade de se manter a tradição como forma de afirmação identitária, Vê-se que a devoção é algo tão importante que os mais velhos deixam para seus filhos numa atitude de cuidado e de temor em abandonar as coisas de Deus e sofrer as “consequências”. “As manifestações culturais são estratégias que as comunidades tradicionais têm para manter ritos da cultura local e permitir a manutenção das mesmas” (GRANDO, 2007, p.124).

(Entrevistadora) Quando o senhor era criança, os pais do senhor faziam festa de santo?

Sim, meus pais eram devoto a Senhor Menino, dia 24 para 25 de dezembro, todo ano eles faziam festa, matavam vaca, boi, chegava muita gente, na casa da gente era aquela festança, que eu cresci vendo aquele povo festando, e não concordava de ver tanta gente comendo de graça sem pagar nada, né, mas era uma tradição que hoje a festa de tradição a gente fala tradição, mas nessa parte é difícil, né, porque o custo de vida hoje ficou muito difícil, né,

então por isso que arrecada, sai correndo atrás das prendas, depois no dia da festa vende as prenda pra apurar os trocos, né, pra investir na tradição por que tem custo, né.

Nosso entrevistado nos revela a força da tradição, dizendo que, mesmo diante das dificuldades financeiras, a festa se mantém. Considerando que as festas de santo quase sempre são realizadas por famílias de poucos recursos financeiros, o trabalho intenso para a realização da festa se torna uma grande manifestação de fé. O meio em que vivem as pessoas, os hábitos por elas cultivados e a organização da vida são também atos de fé.

(Entrevistadora) No seu tempo de criança que tipo de brincadeiras o senhor costumava brincar?

Sinceramente eu era apaixonado pelo Siriri, eu gostava do Siriri, tinha o Siriri que a gente brincava que era igual a esse bumba meu boi, né, mas só que a letra é bem diferente do bumba meu boi, é quase idêntica a essa, então a gente fazia o boi bravo na arena, então ali eu gostava demais, tinha vários tipos de Siriri, mas aquele ali era a minha paixão.

A infância dos fazedores de festa era povoada por costumes que valorizavam a cultura. Vivenciar os costumes contribui para manter os hábitos que influenciam na construção das identidades.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada (HALL, 2006, pp. 38/39).

A identidade, assim como a tradição, é um processo de formação, sendo um processo, todas as experiências vividas na infância contribuem e influenciam na formação do cidadão.

(Entrevistadora) O senhor reza a ladainha?

Sim, a ladainha, desde quando me entendi por gente eu via meus pais acompanhando, eu tinha dois tios falecidos, eles tiravam a ladainha de Nossa Senhora. Eu não aprendi totalmente com eles porque a gente sempre levava não a sério, né, hoje é que agente tá levando a sério porque tá praticamente esquecido, né, as pessoas, os jovens de hoje tá difícil nem pra seguir a velha tradição, né, eles sentem vergonha parece, né.

Presenciar a realização das tradições favorece a construção do respeito para com os costumes. Isso é fundamental para que os seres humanos se sintam integrados nos grupos, percebendo o ritual como parte de sua identidade.

Os sujeitos coletivos têm como característica a valorização dos costumes, na fala de nosso informante percebemos que, mesmo ele não levando a sério a tradição, ainda assim ele participou e isso certamente o fez um capelão que hoje reza a ladainha de Santa Cruz.

(Entrevistadora) Quando o senhor era jovem, o senhor também não levava a sério?

Não, não, quando eu era jovem, eu achava aquilo uma boa, né, só que não levava a sério, mas eu gostava, não tinha vergonha diferente dos jovens de hoje que muitos sentem vergonha da nossa tradição.

Não podemos entender a tradição da Festa de Santa Cruz desvinculada da fé. Mesmo que, na juventude, nosso entrevistado não fosse totalmente comprometido com a tradição, o mesmo participava com respeito e crença, portanto não se envergonhava da reza da ladainha e da festa em geral.

(Entrevistadora) o senhor reza a ladainha em latim?

(01)- Olha, em latim eu não consigo ainda, mas tem o capelão, ele tira ladainha em latim nessa parte, nessa hora ele fala sozinho, né.

(02)- A gente acompanha né, porque eu estudei no seminário, né, na época lá a gente aprendeu algumas palavras que tinha só que depois foi cortado, né. A gente acompanha porque a gente acompanhava também as rezas, né, nos sítios faziam festa de São João, São Pedro, Santo Antônio e tinha as tiradeiras de ladainha, né, ainda existe algumas por aqui ainda, né, fora Manoel de Guia o Mario e pessoal deixou de chamar não sei se é por que da idade, né, mas já tinha o pessoal que tirava a ladainha naquela época, né, agora da aonde trouxeram a linguagem daí eu não posso explicar, né.

Mesmo sem saber o latim, a participação no louvor e na adoração é importante para os festeiros que não medem esforços para se fazerem presentes nesses momentos de festividades. Isso nos mostra que a comunidade que pratica a Festa de Santa Cruz são sujeitos coletivos, pois são grupos que se constituem a partir de ideias comuns em que as identidades são constituídas.

(Entrevistadora) Será que as pessoas que rezam o latim na igreja sabem o que estão falando?

Eu acho que não, eles sabem pronunciar, mas o significado de cada palavra deveria ter um dicionário ou alguém para fazer uma pesquisa para divulgar e explicar o que significa aquelas palavras que eles estão falando em latim né, algumas da pra entender né, mas tem muitas que não.

A importância do ritual na vida dos festeiros transcende o entendimento racional. Nesses rituais, os símbolos estão presentes, os símbolos são expressões de sentimentos,

intuição e fé. Nesse sentido, a ladainha é um símbolo de fé que as pessoas praticam mesmo que não saibam o significado das palavras.

(Entrevistadora) Eu li que a festa passou 20 anos sem acontecer?

Então, ela ficou desativada, o escritor daqui, professor Jovino, já é falecido. Ele escreveu vários livros, né, que falava sobre a tradição, mas não estava sendo realizada, aí onde foi umas pessoas que correram atrás para resgatarem e hoje tá acontecendo isso aí com muito sacrifício, mas tá acontecendo pelo professor Jovino.

É, eu não sei a história passada, mas é falta de um grupo mesmo se organizar e ir em frente com essa cultura, entendeu? Porque inclusive as pessoas que foram capelães foram morrendo, foram morrendo, e a interferência do som, da juventude, pessoas de fora aqui no município acho que foram ficando um pouco com vergonha, foram esquecendo, foram deixando entendeu? Eu creio que é isso. Aí, depois que eu cheguei, é que eu sei me defender, sei falar o que é, e a gente tem que valorizar a cultura, né. Eu vejo que hoje pra você achar um cururueiro aqui ó, tem muito cururueiro, cururueiro é aquele que toca o cururu na viola de cocho, hoje é bem difícil encontrar aqui, entendeu? E principalmente capelão, quando fala de tirar ladainha eles já vazam fora.

As crenças, os rituais de uma sociedade faz parte de suas vidas. Sem os símbolos as pessoas não tem história e sem história não há identidade.

Quando uso a noção de sujeito coletivo é no sentido de uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades, construindo-se nessas lutas... Tratam-se, sim, de uma pluralidade de sujeitos, cujas identidades são resultados de suas interações em processos de reconhecimentos recíprocos, e cujas composições são mutáveis e intercambiáveis (SADER, 1988, p.55).

Nossa análise dos fazedores de festa de Barra do Bugres possibilita percebê-los como sujeitos coletivos pelos seus interesses culturais comuns. As formas de vida específicas que permanecem, em muitos aspectos, inalteradas. Podemos citar aqui algumas delas, como as formas de rezar e festejar. Mesmo com mais de 20 anos sem acontecer a Festa de Santa Cruz, ainda assim o tempo não conseguiu apagar da memória das pessoas porque a festa é parte importante que constitui a identidade das pessoas que vivem a festa.

(Entrevistadora) O senhor Jovino foi um grande incentivador da festa?

Olha, ele foi um dos sócios fundadores do C.T.M, através dele que a , começou com a caminhada da bandeira, né, então ele foi uma das pessoas cabeças uma pena que não está aí com a gente, né, mas ele tem tudo a ver com o retorno, com o resgate da festa de Santa Cruz, e também das danças tradicionais. Ele ajudou muito, permaneceu com o grupo, aí por muita politicagem o grupo acabou, o grupo do C.T.M foi acabando, o grupo de dança também, né.

A influência de pessoas na comunidade pode ser positiva, como foi o caso do senhor Jovino Ramos, que se dedicou ao resgate da cultura da Festa de Santa Cruz. Porém, pode ser negativa, como nos informa nosso entrevistado que relata a má influência dos políticos que usavam do CTM para se beneficiarem.

(Entrevistadora) Quem dançava nesse grupo, eram os idosos ou jovens?

Não, era tudo misturado, lá tinha de 40, 50, 60, 12, 10 menos de dez anos, era tudo misturado, né, crianças jovens e adultos.

Essa mistura de gerações, sexo, constrói as teias de relacionamentos que, segundo Geertz (2008), formam, transformam e mantêm as culturas vivas e dinâmicas.

(Entrevistadora) Qual é a importância da festa para o senhor?

(01) Olha, eu acho que a importância é a gente tá resgatando a tradição nossa, então essa é uma tradição criada aqui na Barra do Bugres, dentro dessa capelinha, antes de ser construída essa capelinha, já tinha essa tradição, não com esse hino da Santa Cruz, né, tinha outro hino que depois foi esquecido, né, aí depois que a gente criou e compôs a letra e a melodia. Então eu acho muito importante porque é uma tradição.

(02) É uma coisa muito valorosa, entendeu, porque a gente faz o que gosta né, a gente faz uma coisa que não tá agravando ninguém, tá valorizando a si próprio, porque se eu não defender minha própria cultura, quem vai defender? Entendeu? Depois a gente vê no ministério da cultura, tem muita verba, então o nosso dever maior é tirar a instituição da inadimplência junto com a Receita Federal, agora estamos quites, né, então agora vem verba pra trabalhar, então com isso aí valoriza muito mais a gente. Você vê como que é quando se chega nas casas o pessoal ajoelha, acho que a maior manifestação de fé cultural do povo é quando chega com a bandeira de Santa Cruz na igreja eles ajoelham e beija é até uma coisa fora de sério, muito bonito.

A tradição e seus símbolos são significativos para os praticantes da festa porque dão orgulho e são importantes para os festeiros. Portanto a festa é importante para seus participantes que veem nela uma forma de expressar suas relações interpessoais e estreitar sua relação com Deus.

(Entrevistadora) O senhor acha que essa tradição vai permanecer por muito tempo ainda?

Olha, isso que nós temos que pensar muito, né, correr atrás das pessoas que se interessem, os pais que tem filhos que não tenha vergonha de tomar a frente, né, pra levar a bandeira porque a tradição nossa, a tradição cuiabana ela é criticada pelos próprios cuiabanos pelos próprios mato-grossense. Eu acho que é porque tem muita tradição, por exemplo, a tradição gaúcha quando apareceu em Mato Grosso, né, o mato-grossense foi achando que essa era melhor, né, e aí acabaram esquecendo a própria tradição pra ficar mais envolvido com outras, por exemplo, a gaúcha né, que tem uma coreografia muito diferente da tradição mato-grossense, daí despertou a curiosidade no Mato Grosso inteiro e acredito que foi a

tradição gaúcha que tomou a frente, que fez muito mato-grossense sentir vergonha da nossa tradição, como a deles, por exemplo, não tem a ladainha, o deles não tem o Siriri, mas ele tem a dança que eu acho bonito, mas eu não troco a minha dança, a nossa tradição pela gaúcha, pela nordestina eu gosto dessa nossa aqui.

Os meios de comunicação mostram outro conceito de beleza. Diante disso, a tradição perde o encanto, tornando-se vergonhoso aparecer em público dançando e cantando algo que não é visto como belo pela mídia e conseqüentemente não o é para muitas pessoas. Mesmo com a influência da mídia, as festividades religiosas se mantêm, resistindo e permanecendo através dos rituais que compõem a organização cotidiana dos fazedores da festa que criam e recriam costumes.

(Entrevistadora) Porque o senhor gosta tanto da tradição daqui?

Por que? Porque ela é compatível com o mato-grossense, compatível com todos que nascem aqui, porque cada tradição pode ver que é compatível com a pessoa daquela região, acho que é por isso.

Compatível, como nos fala o entrevistado, é a própria identificação que está diretamente relacionada com a identidade cultural inerente a cada sociedade. A identidade se constrói com a consciência que o indivíduo tem de si em relação à sociedade, e em relação ao próprio sujeito.

(Entrevistadora) Seus pais faziam festa de santo?

Fazia, meu pai foi até festeiro aqui uma época aqui, meus pais, meus avós da Santa Cruz. Essa festa que hoje existe. Desde a fundação da cidade já tinha a Festa de Santa Cruz, foi através dos poaieiros que não tinha, não tinha como vamos dizer assim. A diversão deles era mais essa festa que eles faziam né. Agora, como padroeira mesmo da Cidade ficou a Festa de Santa Cruz, aí fazia na época a Festa de Santa Cruz e do Senhor Divino, era uma seguida de outra.

Vemos que festejar não é simplesmente um ato desprovido de intenções, festejar é uma necessidade do ser humano, todos os povos a sua maneira festejam. Nessa fala percebemos que as gerações repetem seus hábitos, aliando fé e festa. No caso da Festa de Santa Cruz, já dissemos que, entre outros motivos, essa festa iniciou-se a partir da necessidade de celebrar a vida dos poaieiros que chegavam com vida depois de embrenhar durante meses na mata para extrair a raiz da poaia.

(Entrevistadora) Como era a festa na sua infância? Era diferente de hoje?

(O1)- Não, era totalmente diferente, naquela época eu me lembro de que a bandeira saía de dia caminhando nas casas, né, que a maior parte da comunidade mesmo sendo protestante

porque tinham protestantes e católicos, agora tá dividido em várias religiões ou seitas, sei lá como chama essas coisa aí, mas só que todo mundo aceitava a bandeira, né, a bandeira caminhava de dia, eram 40 dias, visitava a cidade inteirinha de Barra e também andava nas comunidades no sítio.

(02)- Era diferente porque não é questão de ter mais fé, acho que hoje tem muita atração pra gente se envolver, e na época os pais da gente era muito ligado em igreja, né, aí na época de festa a gente ia com eles e na hora da reza tinha que ficar lá na frente junto do altar, junto com eles, aí no fato deles rezar e a gente tinha que aprender, a gente envolvia e acabou aprendendo, né. Hoje é mais difícil, porque não pode exigir tanto das crianças.

Com o passar dos tempos, a tradição muda, porém sua essência se mantém. No caso da Festa de Santa Cruz, a fé é o elemento essencial que não muda. No segundo entrevistado, percebemos a importância da família para transmitir a tradição. A tradição e tudo que está relacionado aos costumes vivenciados por pessoas não são estáticas, mas passam por constantes mudanças. Segundo Silva & Silva, “o sentido de tradicional se expandiu, significando elementos culturais presentes nos costumes, nas artes, nos fazeres que são heranças do passado”(SILVA & SILVA, 2005, p. 405).

(Entrevistadora) Na sua infância o senhor brincava de quê?

(01)- Ah, de tudo, né, carrinho de lata, pinhão, bicicleta não tinha naquela época aqui, né, mais era fazer carrinho, a gente mesmo fabricava o brinquedo, né, inventava qualquer coisa lá, saía com o carrão na praça, né.

(02)- Tantas coisas, cortava gancho, numa árvore que tinha gancho, fazia pneu de embira, que usa pra fazer corda, travava um pau que servia de eixo e andava, também andava de bicicleta, andava de charrete, de carro de boi.

Hoje vemos uma invasão tecnológica capaz de mudar os hábitos. Nessa mudança, percebemos as identidades sendo construídas a partir de referências que não são costumes vivenciados pela família. A modernidade impõe a unificação dos seres humanos, podemos entender isso nas palavras de Hall: “Na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a “modernidade” e as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas de identificação cultural” (HALL, 2006, p.67).

(Entrevistadora) O senhor ensina para seus filhos essa tradição?

A gente tenta, quando era pequeno até que sim, mas agora depois que ficaram grandinhos não quer mais, mais sempre a gente saía nas festinhas, ajudava a cantar, a dançar.

A família tem importância fundamental na transmissão dos hábitos, quando a família “falha” a mídia atua influenciando sobre os jovens de forma negativa sobre cultura. Os sons e

as imagens transmitidas pela mídia não retratam os hábitos e as culturas tradicionais, isso leva os jovens a criarem uma nova identificação. Hall nos mostra que:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remota, em países pobres, do “Terceiro Mundo” podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidos através dos aparelhos de TV ou rádios portáteis (HALL, 2006, p.74).

(Entrevistadora) Porque será que eles não têm mais interesse?

Tem um tal de pucupucu aí que...

(Nosso entrevistado se refere a um tipo de som mecânico que não há poesia, apenas batida eletrônica).

(Entrevistadora) Porque os cururueiros não recebem?

(01) Não, mas aí os cururueiros é o seguinte, eles só tocam no dia, né, então lá junta vários cururueiros convidados, né. Manda buscar lá de Morro Redondo, de Vão Grande, aqui da região de Porto Estrela, da região do Currupira, que tem muitos cururueiros que gostam né, aí faz a rodada do Cururu onde dança o Cururu, e também a dança do São Gonçalo né, que há muito tempo que o pessoal não dança aqui.

(02) Não, esse dia não, os cururueiros são pessoal daqui da Barra, do Porto Estrela, eles não recebem não, inclusive nós também só trabalhamos, mas não recebemos não.

Apesar de os cururueiros serem essenciais para a permanência da cultura tradicional, esses não recebem e não gostam de cobrar para tocar, pois acreditam na devoção, e devoção não se cobra e nem se paga, apenas se crê. Hoje vemos as informações influenciando nas identidades, porém os cururueiros têm consciência de sua relação social e da necessidade para que a cultura se mantenha. Para Hall, “A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38). Portanto, os cururueiros sabem que sem eles a cultura mato-grossense não se manterá.

(Entrevistadora) Qual a diferença do Siriri para o São Gonçalo?

É que o São Gonçalo dança mais de frente pro santo, e gira também, né, diferente do Siriri, o Siriri é mais movimento né, o Siriri nosso é diferente do Siriri do rio abaixo, o nosso é considerado o Siriri mais lento, porque é chamado Siriri rio a cima, né, onde tem a velocidade do rio abaixo tem uma velocidade maior né, no caso o nosso aqui é Siriri rio acima, porque o movimento é mais lento, mais não tem o que tirar.

A Festa de Santa Cruz é composta de sagrado e profano, nesse caso o São Gonçalo é sagrado, isso é indicado quando nosso depoente revela a forma de se posicionar diante do santo em posição de louvor. Já o Siriri é profano, e percebemos isso no próximo questionamento quando o entrevistado nos diz que é uma música e coreografia que cria no momento da festa, ou seja, é improvisada. Uma das características do ritual é que não há improviso, todos os participantes mesmo que não saibam por que, sabem o que e quando fazer.

(Entrevistadora) O senhor acha que essa tradição vai permanecer por muito tempo ainda?

Se depender dos jovens, eu acho que não vai não, porque nem o departamento de cultura não incentiva não tá lá pra mostrar, vamos fazer isso. A administração em geral, essa administração que tá aí é uma verdadeira bomba, é uma vergonha. Disseram lá, no depoimento não tem nada a ver com sua entrevista mais, já vem essas cuiabanada com seus pedaços de pau. Foi um secretário do prefeito que falou isso aí. Então, pra mim, eles são um pessoal desqualificado, né, então fica chato, tá lá tomando frente, mostrando porque eu saio daqui com o grupo de Siriri não pra falar meu nome, mais vai falar o grupo de Siriri de Barra do Bugres, nem peço pra falar meu nome lá. A gente faz isso porque a gente gosta. Eu trabalho nesse resgate aí sem ganhar nada, sou professor da escola, mais eu mexo com esse projeto, mais nesse projeto eu não ganho nada pra ensaiar com as crianças pra apresentar em vários lugares fora de Barra, né, aqui na Barra mesmo aí e nos municípios vizinho, né.

Nessa fala, vemos o desabafo de alguém que se vê desvalorizado diante de outras culturas que se contrapõem à cultura cuiabana. Nossos entrevistados necessitam de sua cultura como forma de se identificar cuiabano. Esse sentimento de amor à cultura os coloca em situação de inferioridade por pessoas que não dão o devido valor à diferença, acreditam que o diferente é inferior e menos digno.

(Entrevistadora) O senhor acha que os jovens que o senhor ensaia aqui na escola participam do grupo por amor, ou fazem para passear, subir no palco e aparecer?

Alguns dançam também por amor, porque eles me procuraram eu não ia mais mexer com projeto esse ano, devido tirar dinheiro do meu bolso pra pagar despesas, sair com meu carro pra cima e pra baixo, dando assistência para o grupo sem ganhar nada, né. Então resolvi não mexer, aí os alunos vieram, reuniram com a diretora, me chamaram, teve aluno até que chorou pra não deixar morrer a tradição, né, mais só que é o seguinte, três, quatro querem, a menina a Karla, que é ex-aluna da escola, tá aqui ajudando no projeto. Mas alguns são porque vai sair pra tal lugar aí tudo corre por conta do grupo, né. Eu acho que nas escolas, no currículo escolar deveria ter implantado a música como já tem a lei. Eu não sei o que o MEC faz que não implanta na grade também a respeito da cultura local, né, a cultura regional pra ser discutido não só a dança, mais a literatura, tudo.

Nas observações que fizemos, percebemos o interesse de alguns alunos em estar inseridos no grupo de apresentações, porque o grupo propicia passeios a outras localidades

para se apresentarem. Com isso os jovens estão sempre em evidência. Essas observações nos foram confirmadas na fala do nosso depoente.

(Entrevistadora) Qual a diferença entre o Siriri de apresentação e o Siriri tradicional?

Tem música que coloca muita coreografia, tira toda a estética, fica bonito, mais tira toda a estética do tradicional, a nossa é o tradicional, a gente dança sempre. O Siriri nosso é o tradicional, eu não coloco nada de figura lendária, porque antes não tinha, antigamente não tinha. Isso aí foi criado por uns grupos de Cuiabá, eu acho que foi colocado as figuras lendária, fica bonito, mais não tem nada a ver com a dança do Siriri, por que a dança do Siriri o pessoal dançava o baile lá dentro do salão, né, e aqueles que não podia entrar lá dentro do baile fazia a dança do Siriri, noite inteira no terreiro, então era dançada no terreiro das casa.

Nosso entrevistado, por trabalhar com grupos de apresentações, se vê diante de um dilema, pois manter a tradição significa não agradar ao público que não conhece a tradição, ao mesmo tempo em que aderir ao modismo de coreografias elaboradas com figuras lendárias e paços marcados descaracteriza a dança que o mesmo viveu desde a infância.

(Entrevistadora) O senhor também toca Cururu?

Eu os acompanho, mais ainda não consegui ainda cantar com eles, sei tocar o ritmo deles, na hora de trovar, tem que ter muito treino, tem que ter muita garganta, tem que aprender os versos deles, tudinho, isso aí eu não consegui ainda. A viola minha é eu que faço, aprendi fazer a viola, né, o Siriri eu toco o mocho, né, toco a viola também, canto junto com os companheiros que acompanha o vocal e o instrumental do grupo, né, faço parte e ensaio junto com eles, até as coreografias tem que parar de tocar e ir lá mostrar os passos, mas as crianças de primeira já pegam.

Apesar de muitos considerarem o Cururu um hábito sem sentido, percebemos a complexidade dessa tradição na fala de nosso entrevistado que, apesar de ter sido criado em meio aos cururueiros, esse ainda não consegue cantar com facilidade o Cururu.

(Entrevistadora) Os pais do senhor faziam festa de santo?

Faziam inclusive o pai era Nossa Senhora da Conceição né, que é dia 08 de dezembro, e inclusive hoje sou capelão, capelão é a pessoa que tira a reza em latim. A invocação do Santo normal só que em latim. Meu pai foi capelão, minha mãe foi respondadeira de ladainha, né, e lá em casa sou eu o capelão, meu irmão Ezequiel é capelão também.

Novamente vemos a importância da família para manter os costumes. Quando a família, além de praticar, leva os filhos para o ritual, a tendência é o filho manter o hábito, pois apesar dos apelos de outras culturas, a prática cotidiana da cultura leva as pessoas a uma necessidade de se manter na fé. Canclini (2006) diz que os ritos encenam o desejo de

repetição e perpetuação da ordem, o que faz da repetição ritualística algo necessário para os que a vivenciam. Nesse sentido, o ritual da festa contribui para a tradição se manter.

(Entrevistadora) Todas as pessoas que rezam a ladainha sabem o significado das palavras.

Não, na maioria não sabem, porque por ser uma reza bem antiga e por não ser a língua portuguesa. Você sabe que a maioria dos antes capelães não sabia ler nem escrever, aí que tá a questão, como é que eles faziam, como que eles falavam? Aprenderam com os pais que também não sabiam ler, meu pai não sabia ler. E sabe rezar a ladainha em latim perfeito, tinha cópia mais deixava pra lá, e aí na hora que a rezadeira respondia alguma coisa errada, falava “o comadre, a senhora estava errada, é diferente.” Agora hoje não, hoje eu sei mais ou menos a invocação de cada santo, mais a maioria não sabe porque a rezadeira não sabe ler.

Terrin (2004) explica que, “Além da repetição, o rito caracteriza-se fundamentalmente pelas vivências de ações e expressões místicas, valendo-se de objetos e gestos que tornam os símbolos repletos de significados”. Sendo assim, mesmo sem saber ler, os capelães e rezadeiras praticam a ladainha. Nosso informante nos confirma essa ideia quando nos relata que seu pai era analfabeto e rezava a ladainha. Esse aprendizado se deu através da repetição.

(Entrevistadora) Como é que o pai do senhor aprendeu sem saber ler?

Olha, é uma coisa diferente de explicar né, porque ele, o fato de ele aprender com meu vovô também que era capelão, e foi uma corrente de pai pra filho, entendeu? Até então eu aprendi antes como eles porque eu não sabia ler nem escrever, mas depois me formei professor, aí fui atualizando, hoje eu sei perfeito o latim.

(Entrevistadora) Se as pessoas não sabem o latim e não sabem o que estão rezando, por que permanece?

Porque gostam, e é tradição, e tradição o povo tem na cultura sua própria vida, né, e aí defende.

As festividades religiosas se mantêm vivas resistindo ao tempo, permanecendo através dos rituais que compõem a organização cotidiana dos fazedores da festa que criam e recriam costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, queremos apresentar algumas considerações que, na verdade, não podem ser consideradas finais, já que muitas outras possibilidades ficam em aberto. O que nos moveu para desenvolver esta pesquisa foi compreender as articulações da festa de Santa Cruz com alguns elementos que a compõem; também buscamos compreender a construção da identidade cultural dos participantes da festa no município de Barra do Bugres.

Considerando que a festa de Santa Cruz se constitui numa realidade simbólica de constantes transformações, abordamos as mudanças, mas principalmente a permanência de hábitos, símbolos e significados, demonstrando que as mudanças estão presentes em todos os segmentos da sociedade, porém muitos elementos da festa ainda permanecem, sendo que muitos rituais estão quase intocados, principalmente as relações envolvendo religiosidade e crenças. Nessa ambiguidade do permanecer e do devir, pretendemos iniciar nossas “conclusões”.

Na categoria festa, podemos perceber que a de Santa Cruz, bem como a maioria das festas de santos, não resistiu ao capitalismo, aderiu à venda de bebidas e alimentos, e, na busca pelo lucro, surgiu a necessidade de atrair consumidores, para isso o som eletrônico foi inserido no contexto das manifestações. Essa é uma mudança presente na maioria absoluta das festas que têm como objetivo atrair os mais diversos públicos que devem consumir e gerar renda para pagar as contas em decorrência dos festejos.

Mesmo diante de mudanças tão significativas, o cerimonial festivo ainda mantém muitos hábitos. O ritual de levantamento e descida do mastro, as rezas em passos circulares diante do mastro e do altar, tudo sob o comando dos cururueiros são exemplos de costumes que permanecem, e se não fosse pela brevidade do tempo de realização, poderíamos dizer: estão muito próximos dos costumes originários dessa reza cantada chamada Cururu.

O Cururu, dentre todos os rituais pesquisados, é o que menos sofreu influência de outras culturas, outra característica dessa manifestação cultural é que somente os senhores mais experientes o praticam, certamente por isso, foi tão pouco modificado, pois os senhores cururueiros fazem questão de que tudo seja repetido segundo a tradição, chegando muitas vezes a pedir de forma irritadiça para se repetir o ritual. Sendo assim, o Cururu e os cururueiros se fazem necessários e indispensáveis na festa, haja vista que o ritual do mastro e

adoração do santo não acontece sem a presença marcante dos cururueiros que fazem questão de seguir detalhadamente os hábitos da festa. Isso mostra que, mesmo com toda mudança na festa, o Cururu permanece essencialmente articulado com todos os elementos (bandeira, mastro, cururueiros, festeiros, Siriri, São Gonçalo, Santo e a Cruz), elementos que fazem parte dessa manifestação cultural chamada festa de Santa Cruz.

Há também o Cururu que canta coisas dos santos, passagens bíblicas, hábitos cotidianos do ribeirinho e coisas da natureza, e se dá em forma de repente. Embora essa forma de expressão do Cururu seja vista por muitos como profana por acontecer fora do ritual religioso da festa, em nosso entendimento, ele também é sagrado, mas sobre esse aspecto trataremos posteriormente. O Cururu no formato de repente não é um hábito tão fácil de encontrar entre os cururueiros, já que eles costumam se encontrar somente nas festas, e no ritual não costumam praticar o repente. No festejo, os festeiros se submetem aos comandos do cururueiro, pois só se levanta ou abaixa o mastro, encaixa a coroa e a bandeira nele, coloca-se o santo no altar, na hora exata em que o cururueiro dá a ordem. O espaço entre um momento e outro é reservado para a louvação ao santo. Mesmo diante das transformações, esses aspectos citados permanecem sem muita alteração na festa de Santa Cruz, bem como na maioria das festas de santo.

O ganzá e a viola de cocho, instrumentos usados para a realização do Cururu, permanecem no ritual da festa de Santa Cruz. A viola, como já verificado, teve várias mudanças, na confecção, no aumento do número de cordas que influenciou no som que ela produz, porém o instrumento permanece com várias características, entre elas a forma artesanal de produção. O homem de origem pantaneira continua escolhendo as mesmas madeiras para confeccionar a viola, e mesmo que ela tenha sido introduzida em orquestras, a relação que se faz da viola de cocho é com o Cururu e o Siriri.

O ganzá, devido a sua simplicidade, não teve mudanças em sua confecção, e mesmo aparentemente simples de tocar, o instrumento exige certa habilidade, pois é ele que dá o ritmo do Cururu devido à intensidade do som que produz. Tanto a viola de cocho como o ganzá são instrumentos utilizados também no Siriri, que é outra categoria importante, pois o Siriri agrega tanto a música como a dança, porém esse é um aspecto que trataremos à frente, no momento será necessário abordarmos a questão instrumental do Siriri, que além da viola de cocho e do ganzá, utiliza também o mocho, especificado anteriormente. O mocho

segundo algumas literaturas é a transformação da bruaca²³. Os viajantes, quando paravam para descansar, usavam a bruaca vazia como instrumento musical, mas, com a diminuição da profissão de viajantes e vaqueiros, a bruaca deixou de ser comum, criou-se o mocho.

No Siriri, a dança também passou por inúmeras transformações, talvez seja o Siriri a expressão cultural mato-grossense que mais sofreu influências de pessoas de outros estados. As coreografias e os figurinos perderam a simplicidade da vida do ribeirinho e ganharam formato de show (Imagens do Siriri no festival em anexo). Nesses eventos, as roupas de cores intensas com muito brilho dão um caráter glamoroso à dança.

Também há um forte apelo do mercado capitalista, pessoas de outras regiões viram nessa dança a possibilidade de agregar a ela características de sua cultura, transformando o Siriri simples do ribeirinho em espetáculos de dança que pouco lembra a cultura do Mato Grosso.

Porém, constatamos que as comunidades mais longínquas da capital do estado de Mato Grosso ainda preservam um Siriri quase intacto; no município de Barra do Bugres, esse Siriri original é encontrado na região do Vão Grande e Vãozinho. Percebemos que mesmo nos shows e festivais de Cururu e Siriri, as músicas que dão o tom do Siriri ainda se mantêm, mesmo que em alguns casos ocorram adaptações para acrescentar nomes de cidades e de grupos de danças, ainda assim a maioria das músicas cantadas permanece exaltando a natureza e os hábitos do povo mato-grossense.

Com relação ao São Gonçalo, pouco podemos dizer, pois essa dança não aconteceu na festa de Santa Cruz, devido ao alto volume do som eletrônico. Mesmo que, na festa de 2011, não tenha acontecido o São Gonçalo, as mulheres festeiras esperaram por esse momento, e reclamaram por não terem dançado em homenagem ao santo. Isso mostra que o São Gonçalo está fortemente relacionado à festa em questão. Em outras festas, o momento da dança de São Gonçalo é muito esperado, as senhoras muitas vezes idosas dançam com vigor invejável, elas relatam que é São Gonçalo que lhes dá força e resistência para dançarem em homenagem ao santo protetor das pernas. A dança de São Gonçalo se assemelha ao Siriri, a principal diferença está no fato de que o Siriri é apenas uma brincadeira, já o São Gonçalo é promessa que se faz ao santo, quem promete deve dançar por muitas horas seguidas. Isso exige muito

²³ Bolsa de couro cru utilizada para o transporte de objetos e mercadorias no lombo de animais.

esforço, pois se trata de uma dança de ritmo intenso e os promesseiros, além de dançar, tem que responder ao refrão da música.

Pelo mesmo motivo também não foi possível dançar o Siriri, o que impediu os tocadores que cantam sem microfone de superarem o volume exagerado do som eletrônico, mas ainda assim os cururueiros subiram no palco e cantaram, lembrando-nos de que festa de santo tem que ter Siriri. Outro momento do Siriri na festa de Santa Cruz foi a apresentação dos alunos da escola Júlio Muller, num projeto desenvolvido por um dos nossos entrevistados, que é professor e amante da cultura do Mato Grosso, carinhosamente chamado de professor Maninho.

Todas essas articulações reforçam a identidade dos participantes, e, mesmo com todas as mudanças que acontecem na convivência entre as várias identidades, a essência da festa permanece preservada. Mesmo que, aparentemente, muitas mudanças demonstram que a cultura já não é mais a mesma, a tradição mantém suas raízes. Como já afirmamos tradição aqui diz respeito ao que vem sendo trazido ao longo da história de vida das pessoas, sendo assim, a tradição preserva suas raízes essenciais mesmo diante das transformações culturais. É o novo que acontece a partir do antigo que é transformado continuamente com a vivência dos que praticam.

Outra categoria que queremos considerar - nesse momento final deste trabalho - refere-se ao significado da Cruz, pois, segundo nosso entendimento, dentre os diversos símbolos mencionados em nossa pesquisa, o mais impressionante é a cruz e o sentimento de adoração que ela provoca nas pessoas. Ao longo de nossas observações, dedicamo-nos também a analisar como as pessoas se identificam com a cruz e o sofrimento de Jesus.

O martírio de Cristo aproxima as pessoas que sofrem. Jesus na sua natureza humana veio ao mundo de uma mulher, viveu não como rei, mas como e com os excluídos da sociedade, sofreu no madeiro da cruz pela humanidade, porém, em sua natureza divina, se fez Deus, embora isso seja incompreensível à razão humana. Jesus viveu a paixão na cruz e na cruz deu testemunho do amor de Deus para com a humanidade, vencendo a morte e o calvário. Nesse sentido, a cruz não é só um símbolo do sacrifício de Cristo, mas também da vitória dele sobre a morte e o pecado.

Sendo a cruz símbolo da vitória de Cristo, as pessoas buscam no sofrimento do crucificado a certeza da vitória sobre seus sofrimentos humanos, isso é expressão de fé,

incompreensível para uns, e, consolo, para outros. A cruz, enquanto símbolo de fé, nos ajuda a compreender os demais símbolos descritos neste trabalho. Podemos citar aqui as imagens dos santos, a bandeira e o mastro, que, assim como a cruz, são vistos como capazes de ajudar as pessoas a suportarem seus sofrimentos.

Como o martírio e a morte de Jesus na cruz a tornou santa, será necessário retomamos a fala do senhor BF quando diz que o mastro só se torna santo ao ser fixado nele a coroa e a bandeira. A questão da santificação do mastro acontece semelhantemente à hóstia no ritual da missa. Antes da missa, a hóstia só é um pedaço circular de farinha de trigo e água. No entanto, durante o ritual, a hóstia representa o corpo de Jesus. Depois de finalizado o ritual, ela volta a ser somente um pedaço em círculo de farinha de trigo e água.

A atribuição de significado, a repetição, a crença, o imaginário, o sentido que se constrói e se partilha com outros têm a força de tornar um objeto em algo sensivelmente diferente do que ele possa ser no contexto ritualístico. Pode-se dizer que, no momento do ritual, tudo e todos são envoltos pela crença e pela fé.

Toda a festa de Santa Cruz está repleta de momentos sagrados, tudo o que descrevemos na fase final deste trabalho está circunscrito na categoria do sagrado, já que sagrado e profano dependem das experiências vividas por cada ser individualmente. Assim como para alguns usar a verba da saúde em benefício próprio é aceitável e para outros é inadmissível, também percebemos que o que é sagrado para uns é profano para outros. Para muitos participantes da festa, é sagrado participar do Cururu, para a maioria dos jovens é algo sem sentido e não teriam problema em classificá-lo como profano. Ao mesmo tempo para os jovens é sagrado dançar ao som das músicas que lhes agradam, o que para o olhar de muitos é algo profano.

Nesse sentido, segundo o olhar da pesquisadora, o sagrado está presente em todos os momentos da festa de Santa Cruz. Todavia, dentro dela há outra festa que desconsidera todos os rituais da cultura mato-grossense, trata-se da festa promovida com som mecânico. Essa segunda festa é considerada profana, onde os jovens estão em maior número, como nos disse o senhor BF, “completa o Cururu, e começa outro ritmo da festa”.

Se aceitar como festeiro é evidenciar-se participante de um ritual tradicional religioso e sagrado os quais os jovens não costumam apreciar. As dificuldades encontradas pelos jovens em se afirmarem como participantes da festa estão relacionadas a questões estéticas,

pois eles classificam os festeiros como velhos. Diante disso, os jovens demonstram preconceito para com o ritual festivo. Portanto, dentro da festa de Santa Cruz, há uma segunda festa profana, assim os idosos assumem a responsabilidade para com a religiosidade e os jovens chegam à festa no momento em que o sagrado tenha se cumprido, ficando o profano por acontecer. Esse momento se dá com músicas eletrônicas dançantes.

A negação do ritual se dá por motivos ideológicos que valorizam o ideal de jovialidade presente no coletivo da maioria dos jovens, que desvalorizam a vivência dos idosos tendo-os como ultrapassados, o que nos leva a refletir sobre a importância de se manter as identidades, os valores e hábitos vivenciados. Concomitantemente, percebemos a necessidade de conhecer outras possibilidades que, possivelmente, influenciarão formando outros hábitos e culturas.

A identidade é marcada por símbolos, portanto os jovens têm suas marcas registradas na vestimenta, na forma como se portam em determinados lugares, e até na preferência alimentar. Já os idosos, em especial os idosos observados na pesquisa, agregam a essas marcas, símbolos como a cruz e outros já citados que estão articulados com o festejo de Santa Cruz. Sendo assim, temos a identidade biológica, representada pela idade dos participantes da festa, e a identidade histórica reconhecida nos hábitos. Esses sistemas simbólicos mostram simultaneamente quem somos, fomos e seremos.

Embora nossa pesquisa não tenha abordado a educação escolar de forma direta, entendemos que qualquer estudo sobre cultura não é neutro em relação à educação, pois nos possibilita ampliar o olhar sobre o comportamento humano e nos auxilia a abandonar a ideia de homogeneidade. Portanto, nossos estudos contribuem com a educação, pois a escola como espaço de diversidade cultural vem sendo frequentemente palco de intolerância fomentada pela falta de conhecimento. A partir do nosso trabalho, nos vemos na obrigação de não nos conformarmos, ou seja, não tomar a forma que desejam que tomemos, mas transformar as situações preconceituosas com relação à cultura e relacionamentos de desrespeito com os jovens e idosos e seus hábitos culturais diferentes.

A importância de tal compreensão é basilar para estabelecer um diálogo entre a cultura e a educação, desenvolvendo nas pessoas habilidades emocionais de respeito e tolerância. Para isso é necessário que jovens e idosos assumam uma postura crítica em face

um do outro, nesse sentido a escola tem a função de transformação dessa realidade, para tanto, o estudo sobre cultura implica a compreensão e aceitação das diferenças.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi, 5. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2007.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**, 5. ed., seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARANTES, Antonio A. (org) **O Espaço da Diferença**. Campinas – SP: Papyrus, 2000.
- BARROS NETA, Maria da Anunciação P. A **influenciada TV na educação de crianças e adolescentes**. Ministério da Educação Fundação Universidade Federal de Mato Grosso: ed., Universitária, Cuiabá/ MT, 2001.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes – 31. ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.
- BIENNÉS, Máximo. **Uma Igreja na Fronteira**. São Paulo, Loyola, 1987.
- BONI, Valdete e QUARESMA Silvia Jurema. **Aprendendo a Entrevistar: Como Fazer Entrevista Em Ciências Sociais**. Em Tese Revista Eletrônica dos Pós-Graduando em Sociologia Política da UFSC Vol.2 Nº1 (3), janeiro-junho 2005, p.68-80 www.emtese.ufsc.br
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: ed. Universidade de São Paulo, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 2 Morar, cozinhar**- 6. ed., Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.
- CLIFFORD, Geertz. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e Seus Municípios** – Secretaria de Estado da Cultura. Cuiabá, 1997.
- FRANÇA, Cecília de Campos. *Notas de aula*. UNEMAT, 2011.
- _____. **Políticas de Identidade e Estratégias Identitárias na Dinâmica Exclusão/Inclusão no Contexto Escolar**. Tese. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Ação Cultural Para a Liberdade e outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREI CASTRO, João José Pereira de, (revisor) **Bíblia Sagrada**. 4. ed. São Paulo: Ave Maria LTDA, 1995.
- GARUTI, Aparecido. **Cururu: Retrato de uma tradição**. Sorocaba-SP: Create, 2003.
- GRANDO, Beleni S. (Org.) **Corpo, Educação e Cultura: tradições e saberes da cultura mato-grossense**. Cáceres/ MT, UNEMAT, 2007.

_____ **Cultura e Dança em Mato Grosso.** Cuiabá/MT: Central de Texto, 2002.

_____ **Jogos e Cultura Indígenas:** Possibilidades Para a Educação Intercultural na Escola. Cuiabá: Ed UFMT, 2010.

GRANDO, Beleni; S. PASSOS, Luiz Augusto (org.). **O Eu e o Outro na Escola:** Contribuições para incluir a história e a cultura dos Povos Indígenas na escola. Cuiabá: Ed. UFMT, 2010.

GUAPO, Milton Pereira de Pinho. **Remedeia Que Tem Formação Básica da Musicalidade Mato-Grossense.** Cuiabá-MT, [s.d].

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica:** Alternativas de Mudanças. 51. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GUIMARÃES, Susana. **Fragmentos de Cultura.** Vol. 15, nº 8. Goiânia: IFITEG, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Moises Martins Mendes. **Revedo e Reciclando a Cultura Cuiabana-** 2. ed. Cuiabá-MT: Janina, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** Um Conceito Antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** 34. ed., São Paulo: [s/ed], 1999.

LINS, Daniel. (org) **Cultura e Subjetividade:** Saberes Nômades. 4. ed. Campinas/ SP: Papyrus, 1997.

MARIEM, Alfredo. **Era Um Poaieiro.** Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras; Unemat, 2008.

MATOS, Lobivar. Areôtorare. **Poemas Boróros:** Sarobá. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Coleção Obas Raras. UNEMAT, 2008.

MORAES, Cleonice Aparecida. **HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS:** Um estudo sobre o cotidiano dos poaieiros em Barra do Bugres (1930-1960). UNEMAT. Cuiabá, 2004.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares. **O SIMBOLO E O EX-VOTO EM CANINDÉ.** Rever-Revista de Estudos de Religião nº 3. Fortaleza, 2003.

PINTO, Lina Marcia de Carvalho e Silva. **A Educação Ambiental na Perspectiva das Festas do Divino Espirito Santo e São Benedito em Poconé-MT.** Cuiabá: UFMT, 2006

PÓVOAS, Lenine de Campos. **Cuiabanidade.** Cuiabá-MT, 1987.

RAMOS, Jovino S. **Devocionário Popular: Paróquia Santa Cruz.** Barra do Bugres, Cúria Diocesana, 2004.

_____. **Os 15 Mártires.** 2 ed. Barra do Bugres: Renascer, 2002.

REINALDO, Telma Bonifácio dos Santos. **A importância da Pesquisa Etnográfica na educação brasileira a partir dos anos 90.** Disponível em <http://www.redem.org/boletin/boletin310509h.php>. Acesso em fevereiro 2012.

REZENDE, Antonio. **Cursode filosofia:** para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 2005.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. Porto Alegre:Companhia das Letras, 2006.

SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e Novos Direitos:** Proteção Jurídica à Diversidade Biológica e Cultural - Peirópolis, IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil e ISA Instituto Socioambiental Bibliografia, São Paulo, 2005.

SEVERIANO, Milton e CARELLI Vicente. **Mão Branca Contra o Povo Cinza Vamos Matar o Índio?** Centro de Trabalho Indigenista, Brasil Debates, 1980.

SILVA, Karina Vanderlei. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo:Contexto, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **Identidade e Diferença:** a Perspectiva dos Estudos Culturais.10 ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2011.

WESTHELLE, Vitor. **O Deus Escandaloso:** Uso e Abuso da Cruz. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2008.

ANEXOS

ANEXO I

Estado fará tombamento histórico da paróquia de Santa Cruz em Barra do Bugres

Nacional • 24 de julho de 2008 por Padilha

[0 tweetsretweet](#)

O processo de tombamento da Igreja de Santa Cruz, a primeira a ser construída no município de Barra do Bugres (170 km de Cuiabá), tramita na Secretaria do Estado de Cultura. Esta semana, a Coordenação de Patrimônio Histórico reúne os documentos do inventário patrimonial e elabora o parecer técnico favorável ao tombamento.

A paróquia de Santa Cruz foi criada em 8 de abril de 1896, sob a lei de nº.145, e seu nome foi escolhido pela população da região. Por guardar muitas histórias de fé, a igreja de Santa Cruz é reconhecida pelo Governo do Estado de Mato Grosso, como um patrimônio histórico.

Durante as festa realizadas na paróquia, são comuns as apresentações vão de danças a cantorias. Ao som da viola de cocho, o Siriri e o Cururu são apresentados com a intenção de valorizar as coreografias, ricas e belas que existe na cultura da região.

É por todas as memórias históricas e culturais, que a sociedade barra-bugrense, tem o interesse de tombar esse patrimônio, com intenção de preservar e manter o seu aspecto original, que tem um valor significativo, para a cidade de Barra do Bugres.

“A igreja de Santa Cruz foi a mãe acolhedora da fé, para os cidadãos de Barra do Bugres, e para os imigrantes que ali chegaram. A celebração do processo de Tombamento, resgata a importância da igreja, e preserva a religiosidade dos que ali vivem”, ressaltou Antonio Hélio Capistrano, agente de Desenvolvimento Econômico e social.

Fonte: Jornal Documento

ANEXO II

Tradicional Festa da Padroeira Santa Cruz de Barra do Bugres 2007

Festeiros de 2007

Rei Manoel da Silva Borges – **Rainha** Benedita Ribeiro da Silva – **Rainha de Rosas** Paula Adriana Marques da Silva – **Juiz** Nelson Primake – **Juíza** Luciana Magalhães de França – **Capitão do Mastro** Otacílio Silva de Oliveira – **Alferes da Bandeira** Nadir Rodrigues da Silva.

PROGRAMAÇÃO GERAL:

Ladainha festiva cantada e Benção da Bandeira

Dia 03 de março na Igrejinha Santa Cruz às 20h30min com os integrantes da Caminhada da Bandeira de Santa Cruz. Esta cerimônia inicia os preparativos para a celebração **da mais antiga tradição da cidade.**

Caminhada da Bandeira Celebração da Fé com alegria

Com início no dia 05 de março até 10 de maio de 2007, das 17h00min às 22h00min, para levar mensagem de religiosidade e confraternização da família cristã.

Missa Cuiabana

Dia 06 de maio (domingo) na Igreja Matriz, às 19h30min. Esta missa ganhou a simpática denominação de Missa Cuiabana por incluir no seu ritual litúrgico elementos da cultura matogrossense e neste ano foi adiada do dia 03 para o dia 06 (1º domingo de maio), para lembrar e homenagear o **Dia dos Poeiros** que tanto fizeram pela economia do 1º Ciclo Econômico de Barra do Bugres.

(Festa promovida pela prefeitura de Barra do Bugres. Fato citado na pesquisa. Fonte, gentileza da srª. Sandra, nora do senhor Jovino Ramos).

ANEXO III

Grande Festa Tradicional da Padroeira

Dia 12 de maio a partir das 17h00.

Levantamento do mastro de Santa Cruz com cantoria do Cururu, Ladainha cantada finalizada com grande queima de fogos; dança do Siriri e de São Gonçalo. Artistas da terra e regionais abrilhantarão a festa com rasqueado e outros ritmos alegres e dançantes; Frango assado, bebidas, churrasquinhos, paçoca, quentão, licores, bolos e doces. Nossos artistas plásticos, artesãos e a Cultura Indígena Umutina contribuirão para a grande festa.

Apoio: Prefeitura Municipal de Barra do Bugres-MT.

(GENTILEZA DOS FESTEIROS DE SANTA CRUZ).

(Festa promovida pela prefeitura de Barra do Bugres. Fato citado na pesquisa. Fonte, gentileza da sr^a. Sandra, nora do senhor Jovino Ramos).

ANEXO IV



(Gentileza dos Festeiros de Santa Cruz).

ANEXO V

CONVITE

A diretoria do CTM e os festeiros de Santa Cruz de 2011 convidam V.S.^a E família para prestigiarem a Tradicional Festa da Padroeira Santa Cruz de Barra do Bugres a ser realizada no dia 7 de maio conforme programa.

CTM - Centro de Tradição matogrossense
CNPJ 00.434.331/0001-30
Presidente da comissão provisória CTM

Programa Geral

Missa Cuiabana em homenagem aos poaieiros e abertura da semana da festa de santa cruz dia 30/04/2011 as 19; 00h em frente ao ctm, ao lado da igreja

GRANDE FESTA TRADICIONAL DA PADROEIRA

DIA 7 DE MAIO – com início às 18:00 hs – elevação do mastro ao som de viola de cocho e cantoria do cururu – reza cantada da ladinha – dança de siriri e São Gonçalo.

Em seguida irão se apresentar artistas locais e regionais que abrilhantarão a festa com rasqueado e outros ritmos alegres e dançantes; terá também frango assado, bebidas, churrasquinhos, paçoca de pilão, quentão, licores, bolos e doces. Nossos artistas plásticos, artesãos e a cultura indígena Umutina contribuirão para a grande festa.

FESTEIROS DE 2011

Rei: Claro Heleno de Cene **Rainha:** Evilazia Ramos de Oliveira (Dona Fia) **Juiz:** André da Costa
Juíza: Nadir Rodrigues da Silva **Rainha das Rosas:** Valdice Rodrigues Moraes da Silva
Alferes de Bandeira: Genilda de Souza **Capitão de Mastro:** Orlando Marques

A direção do CTM e os festeiros de 2011 pedem que prestigiem a caminhada da Bandeira, que a Santa Cruz conceda proteção e benção a todos que receberem a Bandeira e prestigiarem esse movimento religioso de fé e cristandade.

Apoio: Prefeitura Municipal de Barra do Bugres

(Convite referente à Festa de Santa Cruz comemorada no ano de 2011. Realizada pelos festeiros sem nenhum patrocínio. Fonte, gentileza dos festeiros de 2011).

ANEXO VI



(Folder de divulgação do festival de Cururu e Siriri de 2011).

ANEXO VII



(Imagens do Siriri apresentadas no 10º Festival Cururu e Siriri de 2011. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO VIII



(Imagens do Cururu vivido na Festa de Santa Cruz, 2011. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO IX



(Imagem da Igrejinha de Santa Cruz, localizada no município de Barra do Bugres. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO X



(Momento de Adoração à Bandeira de Santa Cruz. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO XI



(Imagens dos devotos pedindo a benção da Bandeira de Santa Cruz. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO XII



(Mastro sendo levado para o local da festa para ser levantado. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO XIII



(Cururueiros na Festa de Santa Cruz, 2011. Fonte, arquivos da pesquisadora).

ANEXO XIV



(Cantoria do Cururu para colocar o Santo no altar. Esse momento acontece depois da procissão. Fonte, arquivos da pesquisadora).

Anexo XV



(Corda da viola de cocho feita a partir de tripa de animal)

(Resina retirada da colmeia para impermeabilizar as cordas da viola de cocho). Fonte arquivo da pesquisadora.